

**ÂNGELA CORREIA**

**ENGANOS**

**2.<sup>a</sup> edição  
revista pela autora**

**BIBLIOTRÓNICA  
PORTUGUESA**

Lisboa  
2016  
1

Aos que acreditaram.

Aos meus amigos Veríssimo Almeida, Paula Guerreiro,  
Cristina Gardete e Victor Guerra agradeço as leituras, as  
críticas e o entusiasmo.

## JULIÃO

Aglaes tinha passado um dia tranquilo bordando, no jardim, a almofada de seda a rosa velho pálido. Estava um tempo perfeito de primavera e, por baixo do castanheiro, corria uma aragem fresca e perfumada a ervas recém-nascidas. Da grossa trança esvoaçavam doirados cabelos baços e finos de uma mulher de meia-idade que já só sorri assim quando se perde entre as linhas de bordar rosa velho pálido e as histórias da sua e outras vidas. Aglaes era uma mulher feliz de cabelos doirados baços e finos, pelo menos naquela tarde assim se sentia. A cadeira em que estava sentada não era porém uma cadeira de jardim, era uma cadeira alta, austera, castanha, muito escura, trazida do salão

por uma criada muda e sorridente. A senhora queria bordar por baixo do castanheiro e em algum lado se haveria de sentar. Se alguém passasse que diria? Mas o jardim era fechado e a senhora gostava de que assim fosse. Não se podia dizer que a cadeira fosse muito confortável mas Aglaes acabou por adormecer, desconfortavelmente, com a cabeça apoiada numa das hastes da cadeira do salão, o bordado rosa velho pálido a escorregar-lhe pelos joelhos de seda. Só acordou de um sono profundo quando a tarde começou a envelhecer e a aragem arrefeceu e a luz se fez notar como em todos os entardeceres de jardim. Aglaes acordou assustada com o sonho que tivera. Ao princípio pareceu-lhe uma crueldade de Deus, assim como estava entrando na meia-idade sem filhos para lhe alvoroçarem o jardim, depois começou a acreditar com muita força naquele sonho longo e complicado que se prolongava por todos os

momentos em que não pensava em nada. Passados dois dias de agitação teve até vontade de contar à criada muda o sonho que tivera e contou. Disse-lhe que esperava um filho para glória de Deus e da Igreja. Disse-lhe que o menino aprenderia a falar sete línguas estranhas aos sete anos, que aos treze converteria um rei à lei do Senhor, que daria vida a um nado morto, vista a um cego, água a uma cidade com sede. Disse-lhe que na Igreja de Santo Antão da Cruz brotaria sangue e do sangue nasceriam rosas por obra do seu menino e glória do Senhor. Disse-lhe que com a idade de dezassete anos o seu filho bem-amado partiria pelo mundo a converter as almas e que aos vinte e três entraria num convento e nele se fecharia para sofrer as penas dos mártires, esquecer-se do corpo, flagelar a pele branca, tomar banho no tanque de água gelada, dormir de joelhos em frente da cruz e, enfim, ensinar aos monges seus confrades os

mistérios do Espírito Santo. Aglaes disse ainda à criada que Deus lhe levaria o seu menino mas que, se ele lho quisesse emprestar por 17 anos que fossem ou mesmo sete, esses lhe bastariam. A criada ouviu tudo e depois baixou os olhos pensando que muito sofrera já a senhora naquela vida deserta. Aglaes deixou o bordado de seda no cesto da costura e pôs-se por baixo do castanheiro a fazer botinhas azuis e cueiros rendados de branco. Eufemiano, seu marido, olhou-a antes de partir depois do almoço à procura de outros sinais que o devessem preocupar. Pouco tempo passado, no entanto, trocou o olhar furtivo pelo gesto ainda mais furtivo de passar a mão pelo ventre de Aglaes que sem dúvida crescia. Eufemiano era um homem bom e temia o pior mas a verdade é que se deixou enredar pelo sonho de Aglaes, e o castanheiro tornou-se também para ele o lugar do abandono vertiginoso da resignação. Ajoelhava-

se frequentemente, depositando todo o fervor da sua vida nas mãos postas a rezar, depois de tanto tempo. Aglaes deu à luz quatro meses depois, entre uma enorme surpresa e um vago sentimento de traição, dois gémeos iguais a todos os outros, agora já não sabia do futuro e fez o que pôde por sobreviver. A dúvida de Aglaes foi-se desvanecendo porém pouco a pouco, uma vez que um dos meninos, assim que se pôs a crescer, começou a mostrar entre os cabelos castanhos-escuros uma madeixa branca escondendo-lhe a testa alta. Não podia ser senão um sinal do Senhor, o menino das profecias era Julião. E Julião foi então preparado para a vida de amarga glória que o esperava. Enquanto Estêvão brincava por baixo do castanheiro com a criada muda, Julião passava os dias no templo aprendendo um por um os gestos do culto, uma por uma as palavras de Deus. Recordaria, alguns anos depois, escondido pelas dunas de um

deserto árido, as primeiras visitas ao templo, o cheiro das velas derretidas, as luzes cintilantes e fumegantes, o teto tão longe dos seus olhos, mas sobretudo o murmúrio das palavras divinas, tantas, tantas. Recordaria o alívio perturbado com que percorria as ruas de sol que o levavam de novo a casa e recordaria o pular de pedra em pedra logo censurado pela mãe sempre rebuçada de negro. Nunca contudo, antes daquele deserto árido, lhe ocorrera qualquer ideia de fuga e era assim que Aglaes reconhecia nele a mão do Senhor. Estêvão cresceu devagarinho, aprendendo uma por uma as saliências do muro do jardim. À hora do almoço, Eufemiano vinha contar-lhe histórias trágicas de naufrágios e princesas de cabelos azuis. E quando o pai partia para os negócios, Estêvão corria pelo jardim aprendendo o muro devagarinho, subindo e descendo o castanheiro para aflição da criada muda. Eufemiano trazia-lhe brinquedos de

madeiras coloridas, às vezes mesmo engenhos de rara beleza de cuja arte Estêvão não conseguia dar-se conta. Com olhos de breve espanto, media-lhes as possibilidades, percorrendo-os com as pontas dos dedos que desde muito cedo lhe tremiam e tremeram sempre até à clausura. Depositava-os depois, com cuidados nunca ensinados, num caixote de madeira com rodas, na ponta um cordel, e ia pelo jardim à procura de terra fofa e negra onde os enterrar. Eufemiano nunca conseguiu entender esta perdição pela terra que sendo em Estêvão tão natural desarmava todas as repreensões. O jardim tornou-se um sítio bizarro onde por entre canteiros e relvas se erguiam montes de terra negra às vezes encimados pelos brinquedos mais laboriosos do mestre da cidade, às vezes escondendo-os. Estêvão nunca deixava que os montes de terra se desmoronassem ou, pior, que criassem ervas ou se tornassem claros pela

acumulação de areias. Destruía-os e reconstruía-os segundo uma disciplina serena que sempre espantara a criada muda.

Julião cresceu depressa, ouvindo da mãe as orações de agradecimento pelo filho que Deus lhe concedera e aprendendo de cor os mistérios da fé e os dogmas fundamentais. Naquele tempo de tardio princípio, porém, Julião ainda não distinguia no seu amor a mãe e Deus. Quando Estêvão pôde pela primeira vez repetir as histórias de Eufemiano, Julião falava e escrevia já correntemente três das sete línguas estranhas sonhadas pela mãe. Aglaes dispunha-lhe o dia meticulosamente, o tempo do templo, o tempo da refeição, o tempo de aprender, o tempo do sono, o tempo todo pela mão de Aglaes. Sem sinais de fadiga ela continuava a vigiar quotidianamente o crescimento do seu filho anunciado, sempre presente em todas as lições, esquecida do resto

do mundo e da vida, esquecida de tudo, vivia para o seu menino tocado de Deus. Eufemiano teve de assumir o comando da casa, tomando as principais decisões, dando as ordens mais necessárias todas as manhãs à criada muda que as corrigia em silêncio. Depois, Eufemiano levava Estêvão, vestido e de primeiro almoço tomado, para debaixo do castanheiro e ficava a vê-lo brincar. Quando chegou a idade, Eufemiano trouxe ao jardim um mestre para o ensinar a ler, escrever, contar e desenhar numa língua só, de uma forma só, porque Estêvão era um menino como os outros e só o distinguia o amor que Eufemiano lhe tinha, um pouco por ser só dele, um pouco por causa do castanheiro e do jardim. Enquanto se compunha para sair, Eufemiano agradecia todos os dias a Deus aquele menino igual a todos os outros. A criada pensava que estranhos eram os desígnios de Deus pois se tinham separado marido e mulher por mor de

dois meninos que nunca se encontravam, nunca se conheceram ou amaram. Dois quotidianos numa casa só e ela por elo sem poder dar notícias de uns aos outros. Estranhos eram os desígnios de Deus.

No dia em que Julião cumpriu seis anos, Aglaes, como habitualmente, levou-o ao templo pela manhã apenas despontada. O rosto de Aglaes parecia mais pálido, quase transparente naquele dia, a trança escondida num lenço negro e Julião pela sua mão sentia frio e sono. O templo pareceu-lhe estranhamente luminoso, só as lajes, tantas vezes contadas, se afiguravam familiares. As imagens da Virgem e dos Santos mostravam-se particularmente mudas e Julião poisou os olhos nas mãos expostas, todas as mãos expostas e pensou que gelavam e teve pena e correu para as velas, Aglaes sem força para o conter, ensinar. Julião acendeu todas as velas em grande agitação mas com a seriedade adulta que

aprendera havia muito. E quando todos os sábios do templo tinham já erguido os olhos reprovadores para o menino e as velas, Julião voltou-se e falou-lhes pela primeira vez corretamente e sem vacilar na penúltima língua que lhe faltava aprender e que só os sábios reconheceram porque eram velhos e sábios. O menino disse que a Virgem e os Santos tinham frio e os homens doutos ajoelharam e murmuraram através dos capuzes de grossa lã. Aglaes olhou os vitrais do templo em sossego, alheia ao rebuliço e ao espanto, e nunca mais deu a mão ao seu menino, nem caminhou a seu lado, seguindo-o sempre de longe com uma expressão de lento sofrimento, curvando-se, curvando-se sempre mais. Repetiu Aglaes aos sábios as profecias e terminou dizendo Vejam-lhe a madeixa de cabelo branco, vejam-lhe na testa a mão do Senhor. Durante um ano o irmão de Estêvão não saiu do templo e os sábios puderam

observar nele o desaguar da sétima língua anunciada. Foi com sete anos feitos que Julião abandonou o templo seguido por alguns monges devotos, sábios e muitos incultos que dedicavam à contemplação do menino apenas a vida. Donato e Porfírio, monges franciscanos, que haviam pernoitado no templo aquela noite e se encontravam em viagem para o sul, deixaram tudo e seguiram o menino. Andariam pelos 20 anos e eram risonhos como as maçãs de outono. Jerónimo não tinha já idade para viagens e padecimentos mas esperara com fervor toda a vida no templo, entregue à palavra escrita do Senhor, um sinal nunca vislumbrado. Naquela manhã reconheceu-o em Julião e entregou a sua fraqueza de velho nas mãos de Deus que lhe guiasse os passos. Sebastião, Diogo e Veríssimo estavam entre os incultos, nada tinham de seu nem mesmo algum saber, nem estavam no templo naquela manhã de frio para os Santos e a

Virgem. Sebastião, Diogo e Veríssimo estavam no terreiro que circundava o templo e que, no dia a seguir ao do Senhor, se enchia de gentes e pregões. Jogavam um jogo antigo de atirar discos pelo chão de terra batida, jogavam enquanto esperavam o sol de inverno. Conheciam Julião de o ver passar pela mão de Aglaes, conheciam as profecias e algumas vezes tinham querido rir-se delas como tantos faziam. Saíra-lhes sempre desajeitada a tentativa e ficavam, ao final da manhã, vendo Aglaes levar o menino de novo para casa de Eufemiano, o homem bom. Paravam o jogo e ficavam a ver, os olhos redondos de espanto e respeito até que se lhes aqueciam os discos nas mãos, perturbadamente lançados de novo. Naquela manhã, Aglaes abandonou o templo sozinha e Sebastião, Diogo e Veríssimo entraram na casa do Senhor num dia que não era o do Senhor e ajoelharam com os sábios aos pés do menino sem saberem de razões, os vitrais por

trás de Julião deixando-o invisível. Tornaram-se virtuosos Sebastião, Diogo e Veríssimo, os discos abandonados na praça de sol, assistiam a todos os serviços e viviam da esmola mais pequena todos os seus dias no templo. Veríssimo casara havia pouco com Madalena e Madalena pensou, resignando-se, na mulher de nome Egipciaca que abandonara a vida de pecado por um deserto redentor.

Um dia, Eufemiano acomodou a sua enorme barriga de homem bom por baixo do castanheiro e, depois de ter contado a história trágica da princesa dos cabelos azuis, adormeceu por entre um suspiro. Estêvão passou os olhos pelos montículos de terra do jardim, reconheceu neles os sinais do abandono e fixou depois o muro do jardim que perdia enfim a alvura de outros tempos. Pôs-se então a trepá-lo com a determinação que lhe faltaria o resto da vida.

Quando assentou pés do outro lado, o coração batia-lhe desordenadamente e o vento empurrava-lhe os cabelos escuros para os olhos muito abertos à procura do mundo. Daí em diante e para grande alarme de Eufemiano e da criada muda, as fugas repetiram-se, Estêvão procurava conquistar as atenções dos rapazes da rua que nunca chegaram a passar a fase de tolerarem o menino do jardim no seu império de lama e espertezas. O filho de Eufemiano começou por segui-los um dia em que foram caçar e torturar roedores para o campo. Impressionou-se muito e lembrou-se do mestre que lhe inspirara o amor pelas criaturas do Senhor. Mas não disse nada e procurou disfarçar o horror pelas vísceras fumegantes e pelos risos triunfantes dos rapazes. Nesse mesmo dia aproximou-se alegremente, meteu conversa e quando todos se sentaram em silêncio para morderem um naco de pão, prontificou-se a

contar a história de um velho e magno imperador. Em versos naturalmente, acrescentou, pensando que ao seu saber todos se renderiam. Começou Estêvão a entoar o velho canto que lhe ensinara o mestre mas Victor levantou-se e deitou-o por terra violentamente, depois do que o bando desapareceu, correndo. Estêvão não compreendeu, embora se tivesse esforçado. Talvez a história dos trágicos naufrágios, pensava, aprazando interiormente nova tentativa enquanto limpava as lágrimas do rosto enlameado. Em todos os dias seguintes, esquecido dos pudores, Estêvão seguia os rapazes sempre que conseguia ludibriar as suas fugas e muitas vezes recolheu ao colo da criada muda ensanguentado da pancada que recebia. Percebeu entretanto que, por vezes, uma rapariga acompanhava o grupo de rapazolas, Susana de seu nome. Estêvão não lhe encontrou beleza nenhuma e foi sabendo sem perguntar que era

filha de uma pecadora. Soube também que Susana fora abandonada quando a mãe resolvera deixar os pecados e o mundo e, em nome de Deus, sofria suas penas num deserto longínquo. Filha da pecadora Egipcíaca, Susana sobrevivia agora de pequenas caridades, pequenos furtos e pequenos pecados. Amaro, Victor, Jacinto e Simão tinham-lhe um respeito amedrontado, um pouco por causa de Egipcíaca tornando-se lenda, um pouco pela serena indiferença que lhes dedicava Susana. Estêvão sentia-se vexado por ter uma rapariga conquistado o que ele tanto desejava e tanto perseguia. Nunca se deteve a pensar que fascínio era aquele por rapazes de pouco saber e tanta crueldade. Raras vezes se cansava da sua conquista atabalhoada, raras vezes procurava o castanheiro do jardim onde o pai continuava, depois do almoço, a definhar de preocupação e velhice. Sabia bem que já não podia voltar para o castanheiro e as histórias de

naufrágios e princesas. O jardim era só uma memória, entrevista as mais das vezes pela vidraça que separava os repastos ainda feitos em casa graças a uma fraqueza nunca confessada. Beijava a fronte adormecida do pai, virava costas ao jardim, ao destino de homem bom, e ia empenhar-se na conquista de um mundo pesado e amargo a que obstinadamente acreditava poder pertencer.

Saiu Julião do templo, sete anos feitos, sete línguas estranhas aprendidas, todas para repetir a palavra do Senhor. Seis homens deixaram tudo para o seguir e de longe um punhado de mulheres amparando Aglaes, e entre elas Madalena. Estranhou Julião a luz intensa do sol naquele dia e o caminho que seguiu não soube porque o seguia. Nunca mais voltou ao jardim ou a Eufemiano nem dele se lembrou até que Estêvão o foi visitar no claustro de um convento

longínquo e lhe disse que o pai envelhecia, em breve morreria, queria vê-lo uma última vez. Procurou longamente palavras que não fossem sagradas para responder a Estêvão que levasse ao senhor seu pai os seus respeitos mas não podia abandonar as profecias de Aglaes, o seu caminho. Estêvão ficou a vê-lo abandonar o claustro com passos seguros e macios, os olhos perdidos, escuros e sérios. Eufemiano não se entristeceu, antes se envergonhou por pensar que era seu o menino de Deus.

As mulheres no olival da roupa lavada ficaram a ver o eleito do Senhor afastar-se, um punhado de homens com ele, outro de mulheres atrás. Naquele tempo, porém, os mensageiros do Senhor não escasseavam e as mulheres voltaram depressa à roupa molhada e à tagarelice. Julião e o seu séquito percorreram vilas e cidades, atravessaram mares sem procurarem razões. Os sinais do Senhor estiveram ausentes seis anos e

nem por isso afrouxou a fé dos homens que levavam o menino. Julião percorria as ruas de todos os povoados, poisava os olhos indecifráveis nas gentes que passavam e murmurava as palavras divinas em todas as línguas estranhas que o Senhor lhe ensinara. Viu rapazes fazendo bonecos de lama, viu cegos e leprosos, viu mulheres do pecado sorrirem, viu nos campos os homens suarem e as mulheres chorarem. Viu a alegria e a morte, sempre sério e distante, contemplando a obra do Senhor como se sua fosse. Tomava poucas refeições e crescia como os lírios do campo, sempre a madeixa de cabelo branco ao vento, talhada sem preceito, recordando aos homens a escolha divina. Pernoitava em qualquer ruína ou palheiro, que ninguém àquele grupo silencioso e sábio negava um abrigo e uma malga de vegetais. Foi num palheiro assim que Jerónimo morreu sem sofrimento, na sua a mão de Julião e a voz

sagrada das palavras divinas. Choraram todos a morte de Jerónimo que não vira cumprirem-se as profecias, todos menos Julião que durante as horas exactas de uma noite segurou a mão do morto, sem palavras nem inquietações. Enterraram Jerónimo debaixo de um choupo e seguiram caminho.

Para alcançar a admiração e o amor de Amaro, Victor, Jacinto e Simão, explorou Estêvão durante anos todos os caminhos de conquista. Quando desistiu de lhes mostrar o que o mestre lhe ensinara, abandonou-se à imitação desajeitada dos gestos, dos andrajos, das palavras. Cruelmente lhe mordeu a esperança quando viu que os rapazes riam e até perceber que se riam dele. Mas não soube resistir à tentação de aceitar o papel que lhe ofereciam, perseverou na imitação atroz, tudo pela migalha de atenção que lhe poderiam dedicar Amaro,

Victor, Jacinto e Simão. Experimentou também a oferta de dons despropositados e a exposição humilhante da dor. Nunca lhe perdoaram tamanha persistência e convicção, mas sobretudo nunca conseguiram suportar a tristeza de Estêvão diante das sucessivas rejeições. Se partiam em grupo sem o avisar, o menino do jardim vertia desesperadas lágrimas e fazia questão de que o vissem naquele estado de despudorado pranto. Se recebiam de presente um sudário de demasiado valor e pouco préstimo, os rapazes riam-se e Estêvão afastava-se para onde pudessem ver o seu terrível desalento. Jacinto, o mais desalmado dos rapazes, tinha por hábito escarnecer das palavras preciosas que Estêvão deixava escapar, das coisas estranhas que sabia de animais e plantas e países longínquos. Ficava às vezes Estêvão encolhido numa calçada, à espera de que os outros se arrependessem, de que se apiedassem de tão profundo sofrimento e

voltassem à sua procura. Quando Estêvão percebia que tal não viria a acontecer, maldizia o mestre que pacientemente lhe ensinara as palavras e as coisas e partia à procura dos rapazes, de orgulho ferido, mas nem por isso desistindo. Susana era a sua única garantia naquele mundo, por ela o suportavam no bando. A moça amava-o sem razões, acarinhava-lhe os fracassos e sem palavras o seguia como uma sombra de que Estêvão nunca se dava conta. Amava-o e permitia-lhe uma proximidade que os outros invejavam e nunca entenderam, conhecendo-a esquiva desde sempre. Mas Estêvão não queria o amor fácil, queria o outro, o dos rapazes, e com Susana usava de crueldade, afastava-a brutalmente sem sequer se aperceber e sem deixar nela, que era filha de pecadora e de santa, a mais pequena mágoa.

Quando Julião cumpriu treze anos estavam já muito longe da casa de Eufemiano, o homem bom. Só Aglaes soube e não disse nada, entregue ao pecado menor de um segredo só seu. Entraram sem saber nos domínios de um rei sábio e bárbaro, mas perceberam, assim que chegaram à cidade da fortaleza, que eram terras alheias à lei do Senhor. Não havia templo e souberam por uma mulher que os viu chegar à fonte onde recolhia água que os fiéis tinham sido mortos ou expulsos dos domínios d'el rei Tibas. A mulher fez na cabeça de Julião uma festa distraída e sorriu para Veríssimo. Madalena ao longe vendo tudo baixou os olhos e mordeu os lábios morenos, cheios de viço. Julião voltou costas e entrou na cidade. Não percorreu as ruas como era seu hábito, dirigiu-se à fortaleza. Os guardas porém não o deixaram passar e alguns, apiedados, disseram-lhes em surdina que partissem, os fiéis não eram ali bem-vindos. Por

um acaso nunca explicado, encontrava-se el-rei Tibas a uma janela que tinha a fortaleza e de onde se avistavam quase todos os seus domínios. Foi de lá que os viu chegar, momentaneamente distraído da contemplação minuciosa e demorada das suas terras. Julião voltou para aquela particular janela os olhos iluminados por um sol de inverno frio e contundente. Tibas mandou que entrassem na fortaleza, quis ver de perto o rapaz cujo cabelo era manchado de branco. Antes mesmo de lhes dirigir palavra, el-rei pôs-se a verificar se era engodo a cor do cabelo que cobria a testa alta do menino. Julião, por seu lado, observou-lhe a barba crespa e loira, os olhos cor de mel e as finas rugas que se pareciam com as de Aglaes. El-rei Tibas não esperava que o rapaz lhe puxasse a barba mas não pôde enfurecer-se. Os guardas tinham já desistido das vidas daquelas gentes de outros domínios, estranhas e sérias, mas Tibas demorou-se a dar a

ordem fatal, desafiou os homens a defenderem a sua fé. Todos baixaram os olhos para Julião e el-rei sentiu-se confuso. O menino abriu a boca e dela saíram palavras de melodia e mais não se entendia porque era estranho o linguajar. Donato explicou Eis o verbo do Senhor e o seu eleito. Tibas lançou uma longa gargalhada. Palavras, disse el-rei, nunca eu vi um sinal do teu Senhor. Levou Julião até à janela sua predilecta e disse-lhe Vês aquela macieira no jardim da fortaleza? Mostra-me o teu Deus, vai daqui lá e traz-me uma maçã madura. Tibas ria divertido. Julião olhou a macieira e abriu a janela. Aglaes soltou um grito abafado e Porfírio ofereceu a vida em troca da do menino. Pequena é a tua fé, disse Veríssimo. E como se só esperasse estas palavras, Julião subiu à janela e abriu a boca. Os guardas lá em baixo viram sair da janela um rio de pequenas letras negras e outras maiores vermelhas e azuis, ondulando até à macieira do

jardim. Viram as letras formando palavras iluminadas de belas figuras colherem uma maçã madura e voltarem para a janela d'el rei Tibas. Aglaes ajoelhou e pediu perdão ao Senhor por sua fraqueza. Tibas ajoelhou também, inundando de soluços a barba crespa e loira, os olhos de mel tornando-se fiéis. Julião entregou-lhe a maçã e retirou-se da fortaleza sem mais palavras, sem mais se deter até aos guardas que lhe tocaram aflitos as vestes, ajoelhando, deixando por terra as tristes armas terrenas. Grande multidão se juntou em volta da fogueira que fizeram Sebastião e Diogo para aquecer o menino. Julião era como se não visse nada nem ouvisse nada, recolhido e iluminado pelo fogo crepitante. Às danças e cantares que fizeram os homens e as mulheres permaneceu alheio tanto quanto às orações dos fiéis novos e antigos. Donde lhe vem tanta tristeza, perguntou uma moça arfando do

baile. Não é tristeza, é Deus que lhe está falando, respondeu Donato.

Um dia, já no fim da adolescência, Amaro disse a Estêvão que iam a tal sítio à conquista de alguma coisa que Estêvão não percebeu nem estranhou, tamanha era a felicidade de enfim se sentir aceite, amado e convidado. No caminho para Eufemiano, em passo saltitante, Estêvão passou por Susana que o olhou longamente e depois se pôs a segui-lo, abandonando o que fazia, sentindo pela primeira vez a inquietação que nunca dela se apoderara. Viu-o entrar em casa de Eufemiano, beijando efusivamente a criada muda no alto da testa. Estêvão comera já o caldo, ainda Susana estava diante do muro do jardim, diante da porta fechada, os olhos quietos, mudos, sem respiração. Estêvão compareceu no lugar combinado muito antes da hora marcada, numa agitação desajeitada já muito longe de ser

própria da idade que tinha. À beira do caminho, ao sair do povoado, torcia as vestes e subia e descia as árvores vizinhas, querendo primeiro esconder-se para surpreender os outros, deixando-se depois disso, haveriam de gostar de vê-lo feliz. Passou muito tempo assim numa tortura que devagarinho se foi transformando em desespero, muitas horas depois da combinada ainda Estêvão dizia baixinho Atrasaram-se, atrasaram-se. Mas nunca tinham tido a intenção de ir e sem o admitir Estêvão sentou-se à beira do caminho, apertou os joelhos com braços e mãos trementes, tornou-se numa trouxa de soluços. Desejou ardentemente não sair nunca daquele estado, chorar para sempre, morrer assim como estava, enlouquecido de dor. As gentes teriam pena, teriam pena e amá-lo-iam. Mas doía-lhe já o pescoço e as lágrimas tinham-se esgotado, Estêvão teve de levantar a cabeça e olhar à volta um mundo inalterado. Na encosta

que principiava a descer a partir do caminho ficava o olival onde as mulheres estendiam a roupa em grande alvoroço de risos e provocações. Susana estava lá, sisuda e alheia à alegria das mulheres que não eram filhas de santa e pecadora. Estêvão poisou os olhos nela, pensando ainda em Amaro e em si. Pouco a pouco foi ancorando o espírito nas mãos grandes de Susana, manejando sem jeito a roupa gelada. Estêvão deslizou depois o olhar até ao cabelo castanho muito escuro mal preso na nuca com um atilho, demorou-se nas pontas esvoaçantes que lhe varriam o rosto branco, o nariz murcho, os lábios pálidos pelo frio. Finalmente, o filho de Eufemiano percebeu que a observava e procurou-lhe as vestes que esvoaçavam segundo um vento indeciso. Para trás, para a frente, para os lados, para dentro, foi fácil adivinhar-lhe o corpo por baixo da roupa singela. Estêvão estremeceu de inquietação e frio e pôs-se assim a amar Susana.

Levantou-se num repente e desceu ao olival em correria infantil, tomou-lhe abruptamente as mãos e a cintura e ria sob a apatia enternecida de Susana. Estêvão tornou-se sombra de Susana e por ele Susana deixou os pecados. Vivia de esmolas que Estêvão a via pedir de longe com as ternuras de quem suportava mal um tempo de distâncias. Afastavam-se muito pelo arvoredo perdendo-se em intimidades até que a fome anunciava o tempo de voltar para Eufemiano. Nunca mais foi vista a filha da pecadora sozinha no olival da roupa molhada, nem nas esmolas, nem nas ruas do povoado. A ela deu Estêvão os ridículos e inúteis presentes que antes destinava a Amaro, Victor, Jacinto e Simão. A ela dedicou todas as difíceis palavras que o mestre lhe havia ensinado. E Susana ouvia sem palavras, sem perturbações, recebia baixando os olhos, agradecida e amante.

Foi ainda nos domínios d'el-rei Tibas que Julião e seu séquito de homens e mulheres, separados por distância conveniente, encontraram uma mulher à beira de um caminho, apertando contra si um volume pequeno e cantando enlouquecida. Não foi a mulher ou a trouxa que desviaram do caminho o olhar sempre distante de Julião, foi a melodia. Aproximou-se o menino dela e ficou a ouvi-la cantar enquanto lhe sobrou voz. Apertando a sua trouxa, a mulher balançava para a frente e para trás, para a frente e para trás. Julião abriu-lhe um pouco os braços, fez recuar os panos e revelou o corpo arroxeadado de uma criança morta. Madalena levou as mãos à boca, de longe adivinhando tudo. A mulher não deu por nada nem mesmo quando a cor arroxeadada recuou e a sua trouxa se mexeu e se pôs a criança a chorar de fome e frio. Julião levantou-se e voltou costas para seguir o seu caminho. Não fora Madalena, que arrastou a

mulher e seu menino até à vila mais próxima, ainda agora lá estariam, à beira de um caminho nas terras d'el rei Tibas.

Chovia muito em domínios já distantes, Aglaes caminhava com dificuldade apoiada em Madalena que envelhecia também debaixo da chuva e do frio, seguindo um homem que fora seu e já não era. Aglaes juntava à chuva lágrimas de físico sofrimento, nunca desviando porém os olhos dos homens que levavam o seu menino e o protegiam da intempérie. Refugiaram-se num palheiro, já a noite caía. Diogo preparou magra fogueira com alguns galhos a salvo da chuva no palheiro. Donato olhou em volta, habituando devagar os olhos à escuridão do lugar. Dois animais de lavoura repousavam entre a palha amarela e húmida e mais nada se via para além de alguns instrumentos de lavoura, alguns panos velhos e rotos. Madalena distraiu-se de Aglaes e das outras mulheres, aproximou-se da entrada do

palheiro e ficou a sentir o cheiro da terra molhada, lembrando o olival da roupa lavada, os olhos fechados, muito tempo alheia a tudo. Surpreendeu-a, quando já todos dormiam, um leve rumor vindo da palha, voltou-se devagar e, à luz agonizante da fogueira de galhos, viu mexer-se a palha junto à besta maior. Sem mais se mover, Madalena chamou baixinho Julião que como se não dormisse despertou e a interrogou em silêncio. Madalena apontou e Julião despertou os homens. Quando estendeu a mão para a palha que tremia, emergiu com violência uma figura de moço, habituado a despertar em aflição. As mulheres contiveram gritos e os homens empalideceram um pouco, recuando e avançando outra vez. O moço esbracejava defendendo-se e encolhendo-se junto à besta imóvel. Virava-se para todos os lados, os braços junto ao rosto contraindo-se de terror. Compreendeu Porfírio e depois todos os outros

que era cego quem assim se defendia porque, no meio da palha, lhe viram brilhar as órbitas completamente brancas. Julião murmurou em sua melodia as palavras divinas e foi aquietando o moço sempre contraído. O menino afastou-lhe a palha do cabelo e quando repetia o mesmo gesto no rosto, a palha deixou nos olhos do moço um risco de amarelo e o moço viu. Primeiro Julião, acabando de o limpar, depois Donato e Porfírio lado a lado rosados e sorridentes, depois Veríssimo e Sebastião assustados, depois as mulheres, depois a fogueira quase extinta e foi grande o seu espanto. Percorreu o palheiro todo com os gestos antigos que sempre o tinham guiado, rindo, tropeçando, caindo, aprendendo pelo toque a imagem de cada coisa. Aglaes viu-o sair para a chuva em passo de cautelosa corrida e ainda lhe ouvia o riso quando viu adormecido, junto à besta maior, o seu menino que crescia e já não lhe caberia no colo. Quis aconchegá-lo na

palha mas sabia o seu lugar e abandonou-se ao ranger dos seus ossos velhos, indignos já da força que levava Aglaes sempre até à próxima vila.

Chamava-se Domingo o moço que na chuva e na escuridão reconheceu o caminho para a vila. Todo o resto da noite aprendeu o mundo uma segunda vez, rindo e cantando que era a sua profissão. De madrugada as gentes da vila encontraram-no junto ao templo, ajoelhado e rezando, e viram-lhe os olhos pintados de amarelo e souberam do milagre. Quando chegaram ao palheiro, arfando da correria e de aflição, já só restavam as cinzas frias de uma fogueira de galhos a provar a presença do menino de Deus.

Um dia, quando a fome anunciou a hora de voltar para Eufemiano, Estêvão não deixou Susana, prendeu-lhe um pulso e por ele a levou ao jardim

do castanheiro, a Eufemiano e à criada muda. Durante o repasto, o homem bom aprazou-lhes o casamento para dali a seis meses. Susana viveu-os com a sua sombra, percebendo todavia que tudo dentro dela se fechava, que já quase não falava ou se perdia em contemplações, já quase não se dava conta do mundo ou se lembrava da mãe e do deserto que a conservava livre dos pecados e do corpo. Eufemiano, ao cabo de algum tempo, conseguiu sentir-se feliz e pôs verdadeiro entusiasmo na preparação da cerimónia nupcial, do leito nupcial, do dia nupcial. E quando o dia chegou, o próprio Eufemiano poisou nos cabelos castanhos de Susana uma coroa de lírios brancos e a levou até Estêvão que chorando de comoção lhe pôs no dedo um anel de ouro muito grosso. A festa foi grande e todo o dia bailaram e comeram os homens bons amigos de Eufemiano, suas mulheres e filhos e filhas entre muitos risos e

alegrias. Quando a noite veio, Eufemiano disse a Estêvão que levasse sua mulher aos aposentos nupciais. Susana esperava já, mais cheia de sombras que nunca, as mãos de esposa repousando num regaço sem inquietações. Subiram ambos, Estêvão muito comovido, Susana serena. E foi assim que ela o sentou a seu lado no leito, lhe tomou as mãos e com elas fez uma cova onde depositou o anel muito grosso. Disse-lhe que o amor dele lhe pesava e, como não sabia que mais dizer, repetia-se sem cessar e quando enfim se calou, partiu e nunca mais ninguém a viu. Estêvão não correu atrás dela nem tentou dissuadi-la, secou-se-lhe a comoção e as lágrimas, só lhe tremeram um pouco mais as mãos. Ficou muito tempo a olhar a porta da câmara nupcial, mudo, desajeitado e só como sempre fora. Nas mãos o anel, revirado muitas vezes, finalmente largado sem determinação ou raiva no leito fofo e liso. Estêvão desceu devagar

ao jardim e Eufemiano foi encontrá-lo pela manhã abraçando o castanheiro demasiado largo para lhe caber todo nos braços. Estêvão estava gelado, doente, hirto e chorando, e o homem bom percebeu que alguma coisa se quebrara definitivamente dentro daquele filho tardio e tão amado. Eufemiano reuniu todas as forças da vida que ainda lhe restava e, conservando-o no jardim, junto ao castanheiro, conseguiu salvar Estêvão da morte e da dor. Foram meses e meses, físicos e físicos, mas Estêvão foi recuperando e parecia já normal quando Eufemiano morreu, esgotado e feliz. Seu filho chorou-o com todos os homens bons que lhe vieram render a última homenagem e, pela primeira vez, soube como se faz quando a dor é grande.

Julião e o seu séquito haviam encontrado, por essa altura, um mar que lhes tolheu os passos.

Caminharam muito tempo ao longo desse mar de águas serenas de um azul-cobalto que prendeu a atenção sempre tranquila de Julião. Só dele se alheava quando se cruzava com os pescadores e suas famílias que, entretidos na faina da sobrevivência, pouco reparavam naquele estranho séquito. Julião perscrutava-lhes os rostos, os lábios, as finas rugas das mulheres, o olhar dos homens envenenado pelo mar. Donato acreditava que o menino lhes adivinhava as pequenas misérias, as pequenas felicidades e as pequenas paixões. Julião logo desviava o olhar imperturbável para o azul-cobalto daquele mar que não acabava nunca. Diogo apanhava pedras e atirava-as num gesto que lhe ficara, sem disso se dar conta, dos discos no terreiro do templo. Encontraram por fim um porto e foi Porfírio que adivinhou a vontade de Julião de atravessar o mar para o porto do outro lado. Falou com o mestre de uma embarcação, pediu-lhe que os

levasse. O homem olhou-os tristemente, A cidade do outro lado do mar morre de sede, não deveis partir. Aglaes, ouvindo de longe, reconheceu a profecia, Julião punha já o pé na embarcação e o mestre resignava-se. Levava comida para a cidade e contou-lhes que já alguns iam beber água ao mar e morriam com as entranhas rasgadas pelo sal. Julião foi sempre à proa, os olhos presos no azul-cobalto e infinito da água e no som do barco a gemer contra as ondas. Três dias e duas noites viajaram sobre o mar, Aglaes tremia sem frio nem medo, era a morte que se chegava e ela pedia mais um pouco, mais um pouco, esquecida da prometida resignação. Quando chegaram à outra praia, Aglaes perdera os sentidos muitas vezes e em todas fizera prometer às mulheres completo silêncio. Saiu do barco depois de Julião e dos outros homens com passo inseguro, lívida pela fome e pela sede. Muitos aguardavam o barco e a

comida, alguns barris de água que se dava às crianças e logo se esgotava. Muitos tomaram o barco de assalto e exigiram ao velho mestre a passagem para o outro lado. Levou muito tempo o mestre a explicar-lhes que tantos não podia ser, que depois voltaria, sabendo que não voltaria. Julião percorreu as ruas da cidade e viu as gentes gretarem debaixo de um calor imenso, amaldiçoarem a Deus pelo sofrimento maior de terem sede perto de tanta água. Julião viu os moribundos e as mulheres bebendo as próprias lágrimas, os homens morrendo a escavar a terra à procura de água doce como a do céu e só parou diante do templo. Entrou e logo reuniu àquele o outro templo em que crescera. A mesma escuridão, os mesmos vitrais alegres, o teto tão longe dos seus olhos, os santos de mãos estendidas e o murmúrio das palavras divinas a que juntou as suas noutras línguas todas estranhas. No altar estava exposto um livro

enorme onde reconheceu a história do Senhor e a história de antes do Senhor. Alguém o deixara aberto nas páginas de Noé, e Julião viu à esquerda uma iluminura antiga, Noé recolhendo as criaturas aos pares numa nave tão pequena sobre um mar de azul-cobalto e água do céu, doce, doce. O menino de Deus ficou longo tempo a espreitar a iluminura, cada uma das criaturas recolhidas por Noé e Noé tão velho, tão cansado e feliz sem dor pelas criaturas naufragadas, as que não salvou. Julião levantou os dedos e passou-os pelo rosto minúsculo de Noé, pelos corpos emplumados das aves, a nave toda redesenhada pelas mãos brancas de espanto. Depois, com redobrada atenção, Julião passou os dedos pelo mar doce de azul-cobalto e pelas bolhas que fazia ainda a chuva a cair e o mar doce de Noé tornou-se vivo e do livro saiu em caudal sereno um rio de água doce. Correu mansinho pela igreja deserta até à porta e depois

depressa e depois abundante. Sebastião e Diogo banharam-se rindo no rio que saía das páginas de Noé e Aglaes ajoelhou tremendo sem frio e sem medo, sem espanto também. A cidade veio toda e saciou a sua sede no rio que saía do templo e levou muita água para casa, mas não era preciso porque o livro só estancava se o fechassem, o que apenas ocorreu muito depois de ter chovido, muito depois de ter fugido Julião à veneração dos fiéis novos e antigos pelos milagres que fazia Deus por seu intermédio.

Certa ocasião, pernoitavam numas ruínas antigas e disformes, Julião deixou pela primeira vez a sua guarda de homens e abeirou-se das mulheres para visitar Aglaes. Sentou-se junto dela, fitando-a demoradamente e reconheceu a sombra da morte escondida atrás da manta negra que se fizera moldura da sua mãe e lhe escondia a trança agora branca. Ficaram longamente frente a frente, fitando-se em silêncio até que Julião

recolheu, deixando Aglaes exausta e perdida. No dia seguinte, a esposa de Eufemiano percebeu que, por sua causa, Julião procurava um lugar mais acolhedor para pernoitarem e faltaram-lhe forças para resistir. Ao entardecer, batiam à porta do convento de Santo Antão da Cruz e por entre o seu delírio de cansaço, Aglaes reconheceu o nome e esforçou-se por recordar a profecia. Mas não foi capaz. A mãe de Julião foi levada em braços pelos monges porteiros do convento, sabiam já do menino de Deus e reconheceram a comitiva. Vieram todos que não eram muitos ajoelhar aos pés de Julião e pedir a Deus pelo mundo inteiro.

Apenas despontou a manhã seguinte, Aglaes rogou a Madalena que a ajudasse a ir à horta do convento. Madalena opôs-se mas Aglaes fez-se obedecer recorrendo por uma última vez à sua firmeza de senhora de um homem bom há muito abandonado. Sentou-se Aglaes num banco de

pedra improvisado onde decerto o frade hortelão repousava de um trabalho árduo. O sol iluminava fortemente a horta bem cuidada, muito dividida em canteiros, ao longo dos muros muitas árvores que naquele outono se enchiam de frutos aveludados. Aglaes olhou em volta e viu chegar Julião que se sentou ao seu lado para a apoiar e ver com ela a obra do Senhor burilada pelo homem. Saindo dos ofícios matinais, os frades procuraram o menino milagreiro e encontraram-no na horta. O abade tentou fazê-los ver que não estava tempo já para ali estarem, que ficariam doentes, viessem para junto do fogo que se fazia na câmara de comer, viessem dejejuar com o leite gordo das cabras do convento. Julião e Aglaes não pareciam ouvir, sempre perdidos na contemplação da obra do Senhor. Desistia já o bom abade quando reparou que Aglaes deixara cair a cabeça lentamente sobre o ombro de Julião e fechara os olhos e já não havia sinais de alma

no seu corpo exangue. Vossa mãe vai com o Senhor, disse o abade a Julião e soube logo depois que o menino não ignorava que lhe morrera Aglaes. Os monges deitaram-na entre as folhas amarelecidas pelo Outono e esperaram de Julião algum sinal, alguma ordem. Perto dali uma grande e velha vasilha repousava com água que lá deixara o hortelão para as avezinhas saciarem a sede. O filho de Aglaes, num gesto distraído, mergulhou a mão na água fria e agitou-a levemente até que se tornou em sangue e os frades ajoelharam e alguns choravam e outros cantavam louvores. Sebastião disse em surdina É a dor que não lhe vemos no rosto. Julião era como se não se desse conta, balouçando a mão no sangue fresco e vivo, os olhos presos em Aglaes que afinal não vira cumprirem-se todas as profecias. Quando o abade levantou os olhos das mãos postas a rezar viu que já não era líquido o conteúdo da vasilha dos pássaros. Em mais de

mil pétalas de rosas vermelhas, muito frescas, mexia agora com distração o menino tocado de Deus. E Julião levantou-se e levou a vasilha até Aglaes e deitou-lhe por cima as pétalas que nasciam sem descanso na vasilha dos pássaros. Madalena chorava de dor e porque era formosa a despedida. Julião deixou Aglaes na horta soterrada de pétalas vermelho-escuro-sangue. Pediu com um gesto benigno que lhe abrissem as portas do convento e Madalena gritou a sua revolta, correu para a horta e não encontrou Aglaes debaixo das pétalas de sangue. Pequena é a tua fé, repetiu Veríssimo por trás dela. Bem vês que se escoou já muito tempo, Julião tem de partir. E Madalena deixou o convento de Santo Antão da Cruz e a memória de Aglaes, comandando agora o punhado de mulheres que seguiam homens que não eram seus e nunca seriam.

Depois do luto, Estêvão recebeu a visita condoída do velho mestre. Passava então os dias sentado na cadeira em que Aglaes concebera, junto à vidraça que dava para o jardim. As mãos tremiam-lhe abandonadas sobre os joelhos mas nunca a criada muda conseguiu adivinhar-lhe os pensamentos. O velho mestre aproximou-se sem ruído, os olhos baixos por causa do respeito ao novo homem bom. Disse a Estêvão de mansinho que era mister tomar conta dos negócios de Eufemiano. Disse-lhe que o amava muito e que estaria sempre com ele para o servir e repetiu que o amava muito. Depois não disse mais nada, esperando que Estêvão se voltasse e falasse. Escoaram-se longos momentos de silêncio e o velho mestre preparava-se já para sair com novos passos de veludo. Mas o herdeiro de Eufemiano enfim levantou-se, voltou costas à luz do jardim que o tornou numa sombra para o mestre e disse-lhe que sim, Mestre, espero-o amanhã muito

cedo. E Estêvão encarregou-se sem convicção ou sabedoria dos negócios paternos e do comando da casa. Pela manhã, antes de sair para os afazeres dos homens bons, Estêvão deixava as ordens da casa à criada muda que as corrigia em silêncio. Voltava ao meio do dia e depois ao fim da tarde e muitos anos levou assim. A criada muda esperou sempre um sinal de estar o seu menino incompleto mas via-lhe as mãos tremer e pensava que tudo estava bem.

Depois de muitos anos, depois de lhe morrer o mestre, começou Estêvão a sentir uma enorme fadiga, um cansaço miúdo que lhe invadia os dias e as artérias. Acontecia-lhe muitas vezes, no meio dos negócios, perder o olhar numa janela, deixar de ouvir. Mais ainda lhe acontecia ter de esforçar-se muito para produzir palavras, dizer ao menos o que se esperava que dissesse o filho de Eufemiano, o homem bom. Quando recolhia, evitava a presença da criada muda, sentava-se na

velha cadeira de Aglaes no grande salão obscurecido e ficava assim longas horas sem força, sem palavras nem vontades. As noites chegavam para ele cheias de inquietações e passou a dormir com a janela da câmara sempre aberta. A criada muda temia o perigo do frio noturno mas Estêvão sofria muito e precisava daquele ar e daquela janela para continuar, no dia seguinte, os negócios herdados. Soube que se perseverasse na vida de homem bom, um dia fugir-lhe-iam para sempre as palavras e o corpo não lhe pertenceria mais e Estêvão teve medo da piedade alheia e da sua fraqueza, cedendo à força de quem decidiria por ele. Foi então que se lembrou. Um dia fora preciso procurar Julião, levar-lhe um recado de Eufemiano que se sentia fraco e queria apagar da alma aquele vago remorso de não ter sequer chegado a sentir orgulho pelo filho que partilhava com o Senhor. Pediu a Estêvão que o procurasse, o trouxesse,

uma última vez, dizia. Estêvão respondeu-lhe que sim, pensava que lhe sentiriam a falta os rapazes da rua, partiu de madrugada, andou léguas e léguas para chegar ao convento onde Julião pernoitava naquele tempo. Quando chegou, deram-lhe água e rogaram-lhe que esperasse, ele não queria mas deixou-se conduzir para o claustro por um monge rosado e sorridente. Estêvão deitara em redor um olhar desinteressado e perdera-se rapidamente dentro de si à procura da última imagem de Julião, do último gesto, alguma coisa que desvanecesse a perturbação de ir encontrar um desconhecido igual a si, falar-lhe de um pai comum. Passado tanto tempo, dava-se conta de que aquele claustro se associara na sua alma ao jardim de Eufemiano, e nunca dele se esquecerá afinal. Foi como se a ele tivesse voltado, ao sol e ao silêncio, às laranjeiras pequenas e largas. Três anos volvidos, Estêvão tomava ordens no

convento mais próximo, não antes de lhe conhecer o claustro.

Julião cumpriu 17 anos num dia em que uma chuva violenta o apanhou à entrada de uma grande cidade. Como Aglaes tivesse morrido, nem mesmo Julião soube dos 17 anos que cumpria. Refugiaram-se correndo debaixo das escadas de uma casa abastada e ficaram por muito tempo contemplando em silêncio as bolhas que fazia a chuva do Senhor no chão. Sabiam todos que quando a chuva passasse Julião seria reconhecido pela madeixa do cabelo, pois a notícia dos milagres que fazia tinha-se espalhado já por todo o lado. Sabiam que mais uma vez seriam assaltados pela multidão dos que queriam tocar, ouvir e amar. Quando a chuva passou, Julião dirigiu-se ao templo, destino que Donato estranhou por ser hábito do menino percorrer as ruas das cidades por onde passavam. No caminho

para o templo, muitos reconheceram o escolhido e o seguiram, outros seguiram quem seguia sem saberem porquê, outros viram de longe juntar-se a multidão e foram ver o que era. Porfírio parou um pouco a atenção na linguagem daquela gente que lhe parecia familiar. Esforçou-se por se lembrar de onde a conhecia mas não conseguiu, e correu a apanhar os companheiros e o menino que já alcançavam o templo. Julião subiu as escadas e, voltando-se de repente para a multidão, esperou que silenciasse e começou depois a repetir as palavras divinas numa das sete línguas estranhas que aprendera no primeiro templo da sua vida. Então Donato lembrou-se e percebeu que haviam chegado ao primeiro dos lugares onde se falava a primeira das sete línguas estranhas ensinadas por Deus ao menino. Compreendeu também que chegara para Julião o tempo de falar às multidões e de as converter à lei do Senhor. Julião deu voz às palavras divinas

durante longo tempo e a cidade toda se foi chegando e ajoelhando perante a prova que o Senhor lhes enviara. Depois daquela terra outras seis se seguiram e Julião ia crescendo e falando às multidões com linguagem adequada, que para isso lhe havia ensinado o Senhor sete línguas.

Depois de terem passado pela última das sete cidades, ia o séquito dando-se conta de que se aproximavam de um deserto e as gentes rareavam e o calor apertava os corpos através das vestes. Soube Diogo em conversa com um peregrino que do outro lado do deserto estava um convento e que nele esperavam Julião por anúncio divino. Diogo recordou então a última profecia de Aglaes e compreendeu porque se aproximava Julião do deserto. Quando o menino adormeceu naquela noite, Diogo falou aos homens na última profecia de Aglaes e disse-lhes que se só os eleitos sobrevivem aos desertos então Deus haveria de querer que passasse Julião

aquela prova sozinho. Porfírio repetiu baixinho as palavras divinas que guardavam memória do deserto do Senhor e, perante a evidência, os homens choraram de amargo desalento. Tornara-se Julião o único sentido das suas vidas e já não sabiam o que lhes restava. Na manhã seguinte, antes que acordasse o escolhido, estenderam os homens na terra um sudário vermelho e nele depositaram um pão e uma cabaça com água. Cruzaram e ataram as quatro pontas do sudário e Porfírio encarregou-se de o entregar a Julião à beira do único caminho que conduzia ao deserto. Disse-lhe Recorda as profecias de Aglaes e logo se arrependeu sabendo que o menino jamais as esquecia. Por ali é o teu caminho e este deves fazê-lo sozinho. Também compreendeu que Julião o sabia e não lhe disse mais nada, depositando-lhe nas mãos o sudário escarlata. Vai e cumpre as profecias. Julião tomou nas mãos pequenas e seguras o sudário, virou costas

e penetrou no deserto. Ficaram as gentes a vê-lo desaparecer na luz ondulante de calor. Caminhou longos dias e longas noites, repousando pouco, bebendo da cabaça sem prudência e, quando a água se acabou, deitou fora o resto do pão e continuou sem sobressalto. O Senhor morava nele e o filho de Aglaes não sentia temor, os pés sobre a areia ardente, murmurando as palavras divinas. Quando pela primeira vez avistou o convento, as pernas fraquejaram, deixou cair o corpo sobre uma duna de areia escaldante. Reparou então no corpo que o abandonava. Passou pelos lábios gretados e deformados uma mão ensanguentada e sentiu nas entranhas um calor insuportável, uma fraqueza desconhecida. O convento ondulava ao longe e nem uma sombra se avistava no céu e na terra. Julião lembrou primeiro as palavras da última profecia na voz de Aglaes Aos vinte e três anos entrarás num convento e nele te fecharás para sofreres as

penas dos mártires, para te esqueceres do corpo, flagelares a pele branca, dormires de joelhos em frente da cruz do Senhor e, enfim, ensinares aos monges teus confrades os mistérios do Espírito Santo. E depois lembrou a mãe, a trança loira e os lábios perdendo a cor, de memória em memória até ao dia da morte em Santo Antão da Cruz. E de novo voltou atrás, lembrando no templo a luz das velas, as lajes e a escuridão, o silêncio de que fazia parte o murmúrio das palavras divinas. O teto tão longe dos seus olhos. Tornou-se mais aguda a dor de Julião e mais insuportável a fraqueza dos seus membros mas não pôde deixar de continuar lembrando em turbilhão veloz a casa de seu pai e a criada muda. E paulatinamente o turbilhão tornou-se delírio que lhe esgotava o espírito e o corpo, entraram dentro dele todas as pequenas misérias e felicidades e paixões que adivinhara às gentes espreitadas com santo discernimento e discrição.

Julião gritou mas não pôde deixar de rever as vidas alheias que lhe passaram correndo no espírito. Pareciam-lhe de fria e esgotante formosura as misérias e as paixões e as felicidades todas pequenas dos homens e mulheres que Julião intimamente visitara. Chorou e surpreendeu-se, passando pela cara as mãos de areia colada e lembrou na língua de Aglaes as palavras divinas Porque me abandonaste. Fitou por fim, exausto, a fortaleza conventual que o esperava aos pés do deserto e repetiu num fio de voz quase extinto a profecia de Aglaes na língua de Aglaes. Compreendeu a prova final, o espírito de homem no corpo de homem frente a um destino maior. Compreendeu a prova e o que dele esperava Aglaes, mãe e Deus no seu amor de menino. Reuniu todas as forças para se pôr de pé, virou costas ao convento e deu todos os passos que pôde dar de volta ao deserto.

Enquanto noviço, Estêvão cumpriu escrupulosamente as suas obrigações, num último fôlego de determinação. Depois dos três anos subsequentes já não lhe restavam forças e Estêvão foi-se abandonando ao silêncio primordial. Ocupava o banco de pedra que marcava o centro do claustro e até aos ofícios começou a faltar para escândalo da comunidade. De princípio recebera pesados castigos mas pouco a pouco os olhos de Estêvão foram-se esvaziando de sentido e o silêncio cresceu-lhe nos passos moles. Já quase não se lhe ouvia palavra e se o tomavam à força no claustro era como se não se desse conta, abandonava o corpo e toda a existência às mãos fortes dos monges seus confrades. Foram-no deixando estar, foram perdoando e como Estêvão não comia nem bebia, contemplando alguma coisa que aos outros escapava e talvez estivesse até dentro dele,

começaram a tê-lo na conta de homem sábio e santo. Os noviços vinham espreitá-lo, inundados de excitante temor. Depressa se compadeciam, como era seu dever, daquele rosto que se apagava, branco, todo desenhado a linhas finas, precoces sinais de um tempo de que Estêvão já não se dava conta. Deram-lhe um dia um rosário de contas verdes de jade e os noviços bem lho procuravam nas mãos porque era belo e inusitado, e não reparavam que o rosário nunca se mexia nas mãos enfim quietas de Estêvão. Por vezes, o filho de Eufemiano descia da sua santa quietação, pedia um naco de broa e um pouco de leite. O abade ordenava então que os meninos se reunissem à sua volta para lhe ouvirem os santos ensinamentos. Estêvão quebrava o silêncio, contava-lhes histórias de naufrágios e princesas de cabelos azuis. E por mais triviais que fossem, sempre os noviços lhes achavam sábias lições. Estêvão foi enfim amado e compreendeu-o entre

a comoção e a tristeza que lhe vinha de enfim compreender tudo. Sabia também que não havia regresso, adivinhava que perderia o amor dos meninos monges se ousasse amá-los. Sorria-lhes quando acabava o magro repasto e pouco a pouco iam-se-lhe morrendo as palavras na boca, os olhos esvaziavam-se, quase tenebrosos, e tudo nele se apagava por trás do capuz de monge. Os meninos debandavam para as suas obrigações vagarosamente, e nunca ninguém lhes conseguiu arrancar um relato que nexos tivesse de tais lições. A fama de Santo Estêvão do Claustro começou a passar os muros do mosteiro e em breve todas as aldeias de redor sabiam já do santo homem, queriam vê-lo, pediam licença para o amar. Não consta que tenha Deus feito por seu intermédio nenhum milagre, mas nem por isso a sua fama abrandou, ou deixou de acorrer gente ao mosteiro.

Um dia, chegou a velha criada muda a ouvir falar de Santo Estêvão do Claustro. Passava já todos os seus dias numa cadeira de fundo de palha, muito baixa, à soleira da porta quando havia sol, ao pé do lume quando fazia frio e chovia. O tempo era assim que o media, agora que também os olhos a abandonavam e já só lhe restavam os ouvidos para o contacto com o mundo que não lhe interessava. Compreendeu que Santo Estêvão do Claustro era o seu menino. Lembrou-se do jardim, dos engenhos coloridos, espalhados e enterrados na terra negra. Invocou o castanheiro e sorriu misteriosamente, sentindo a felicidade que o cansaço permite. Jamais se soube mas pensava na senhora, no seu engano. Santo era o meu menino, cismava, e repetia para si aquela tardia vitória que era também engano.

## MATILDE

Matilde caminhara muitos dias e por fim parou, vendo pela primeira vez a casa grande, a casa do alpendre onde houvera rosas e já não havia. A luz descia sobre ela já sem força revelando os miúdos sinais da desistência. Matilde viu na casa as manchas de humidade, as árvores com sede dando volta ao pátio e, nas janelas fechadas, o abandono antigo, e viu também a casa por dentro enchendo-se das sombras de um entardecer indiferente. Sentiu nos pés morder-lhe o cansaço e o pó dos caminhos junto ao sangue seco que os tornava escuros, ficou porém espreitando demoradamente a casa cuja demanda iniciara havia tanto tempo. Era como lha tinha descrito Catarina, quatro janelas no andar superior, por

cima as telhas certinhas cor do barro de que eram feitas. No andar térreo havia um alpendre protegendo do sol a porta verde-escuro-mate, duas janelas para um lado, outras duas para o outro. Junto ao pátio uma das janelas quebrava a simetria por ser maior, ninguém soubera nunca explicar tal singularidade. E logo ali, junto às janelas, começava o pátio em meia-lua cerrado pelos muros altos e o portão imenso de ferro que no tempo de Catarina se fechava ao entardecer e agora já a ninguém importava. Matilde viu com os olhos e as palavras de Catarina, despedindo-se, o que era agora assim e na verdade já não era porque Catarina abandonara a casa muito tempo antes e nada voltara a ser igual. Ninguém cruzou o pátio nem o som dos animais se fez ouvir, tudo entardecia de igual modo e Matilde viu acender-se na janela maior da casa uma luz trémula e insegura. Atravessou o pátio esperando o som dos cães correndo de assalto, mas nada a impediu

de chegar à grande janela sobre o pátio. Trazia àquela casa uma história para contar e surpreendeu-a ver do outro lado da janela uma mulher sentada num banquinho pequeno, nas mãos um livro grande a cujo peso vergava sem resistência ou dor aparente. Reconheceu Sira, não que a tivesse visto alguma vez mas porque a história que trazia para contar principiava por ela. Não teria naquele tempo, emoldurando-lhe o rosto, os cabelos brancos e abandonados que agora se mostravam terríveis à luz débil que lhe iluminava o livro, nem os olhos gastos de procurar no mesmo livro uma voz redentora. Reconheceu Sira por estar ali, lendo sem cessar a lenda de S. Julião, esperando chegar a violência de um sono apaziguador e efêmero, recomeçando depois sobre o banquinho a leitura da Vida de S. Julião. Matilde reconheceu-a também porque viu nela a imagem de Catarina, e se não lhe chegasse, ter-lhe-ia bastado ver nela a imagem de

si própria e se ainda não fosse suficiente, teria adivinhado tudo por lhe ter dado o Senhor a virtude de tudo adivinhar. Viu também ao lado de Sira a grande moldura de uma tapeçaria destruída e o pó enchendo tudo, penetrando mesmo o livro grosso castanho pesado que Sira lia sem ver por serem as únicas palavras que conhecia já. Matilde procurou as paredes amareladas da câmara grande e os móveis e os tapetes cobrindo o soalho de que Catarina se recordava, mas o sono venceu-a e os olhos foram cedendo ao cansaço de todos os caminhos do mundo. Dormiu toda a noite aos pés da janela iluminada, a lenda de S. Julião percorrendo-lhe a memória devagar como quando Catarina a vinha adormecer, adormecendo.

Foi aos pés da janela grande que Panúncio a veio encontrar na manhã seguinte. Despertou-a incrédulo, afastando com mãos velhas e nodosas o capuz de monge que tapava os cabelos cortados

e sem brilho de Matilde, chamando Catarina, Catarina. Matilde reconheceu-o porque a história que trazia para contar também principiava por ele. O meu nome é Matilde, senhor meu avô. Catarina jaz no deserto de S. Julião. E o velho abandonou-lhe o capuz de monge nos ombros, a dor tomando-lhe o rosto cheio de sombras. Entra em minha morada, rogou-lhe num fio de voz, e como Matilde parecesse desfalecer, Panúncio tomou-a nos braços pois não pesava mais que um saco mal cheio de cereais e conduziu-a à cozinha da casa. Deu ordens a uma serva para que cuidasse dela, lhe lavasse as feridas e os cabelos, lhe tirasse o hábito de monge, a vestisse de mulher e lhe desse um caldo quente e forte. Matilde ouviu tudo de longe e abandonou a sua fraqueza às forças daquela casa desconhecida e tão amada. Na cozinha aquecida, Cassilda mergulhou em água quente a menina meio adormecida e com panos de linho foi-lhe

limpando o pó e o suor e o sangue, o imenso sofrimento do corpo. A velha serva secou-a por fim e passou-lhe na pele um velho óleo perfumado, esquecido por Sira muito tempo antes. A tudo Matilde se entregou sem resistência ou alegria e depois, vestida já de uma larga camisa branca, deixou que a serva a obrigasse a beber o caldo fumegante que a fez tossir. Cassilda levou-a enfim para uma câmara escura e a menina adormeceu de novo em leito de palha, esquecida da formosura que tantos trabalhos lhe custara apagar.

Passados dias, Matilde mostrou vontade de se levantar e a serva trouxe-lhe um vestido de Catarina, azul, e perfumado por ordens antigas de Sira e nunca esquecidas. Quando lhe apareceu na cozinha vestida de azul, a alfazema do vestido percorrendo-lhe a pele, Cassilda, a serva, cedeu ao espanto que a sentou num banquinho da cozinha junto ao fogo do caldo. A menina baixou

os olhos reconhecendo condoída em Cassilda o peso da sua formosura ressurgida e depois deixou a velha serva junto ao fogo e foi percorrer a casa, vendo-a como agora, envelhecida, obscurecida e rangente, e vendo-a como antes, alegre e iluminada quando seu avô Panúncio ali levava pela primeira vez sua avó Sira ainda cingida de uma coroa de lírios brancos.

Sira percorrera alegremente a casa toda deixando entrar pelas janelas o vento quente de setembro, rindo pela felicidade de uma casa e uma vida de todo novas. Panúncio seguiu-a naquela visita intempestuosa, condescendente, apanhando os lírios que na correria Sira deixava caídos pelo chão. Os dias foram passando, Panúncio ocupando-se dos negócios da terra, Sira ditando ordens às servas que obedeciam sem palavras, os dois juntos no dia do Senhor no templo do Senhor onde deixavam a esmola generosa que a

felicidade inspira. Panúncio ia também ao convento dos santos frades outra vez na semana conversar com o abade que brincara com ele em menino, quando ambos faziam secretos bonecos de lama e aprendiam com os monges do convento as letras e os sons, as palavras do Senhor. Falavam sobre a terra e o céu, o ócio e o negócio, a vida e a morte, e Panúncio regressava sempre repetindo para si as melhores palavras daquelas conversações intermináveis. Passaram anos e foi descendo a inquietação sobre a casa de Panúncio e Sira e sobre a casualidade de tudo o que diziam entre si Panúncio e o abade. Sira não concebia e o senhor da casa grande temia que ninguém viesse para herdar as suas terras e os negócios, aquela casa que o silêncio ia dominando todos os dias um pouco mais. Certa manhã chegou Panúncio ao convento em desespero e o abade recebeu-o no claustro para que acalmasse o espírito, caminhando enquanto

falassem. Quando Panúncio renunciou às palavras e se pôs a chorar, o abade fê-lo sentar num banquinho de pedra junto às laranjeiras pequenas e chamou por um noviço a quem deu ordens em surdina. Pouco depois, o noviço voltou ao claustro para entregar ao abade um livro grosso, castanho, pesado, as folhas de pele de animal muito delgada e as letras desenhadas cuidadosamente, contava histórias de santos e santas para edificação de quem as lesse. O santo abade consolou Panúncio e entregou-lhe depois o livro precioso dizendo-lhe Lê e aprende a virtude da paciência e da resignação, os preceitos do Senhor. Panúncio levou-o para casa mas o seu espírito inquieto não podia ancorar nas vidas que o livro contava, lia e relia vezes sem conta o mesmo parágrafo e não conseguia atentar no que dizia. Por aqueles dias Sira ganhara o hábito de se fechar no quarto amplo e vazio que no andar térreo estendia uma grande janela sobre o pátio,

sentava-se no chão e fazia promessas de não comer nem dormir, chorando sempre, pedindo ao Senhor a graça de um filho que herdasse a sua vida e gerasse outras vidas para que continuasse como sempre fora até ela. Nem as promessas de Sira nem o desespero de Panúncio resultaram porém, e muitos anos depois continuavam sem filho que lhes herdasse a vida. Panúncio sentiu então vontade de conversar como antes com o abade seu amigo e confessor, e deu-se conta de que não voltara lá pelo remorso que tinha de nunca ter lido uma única página do livro castanho pesado e grosso. Como se entregasse já, depois de todos aqueles anos, à resignação, conseguiu enfim prender o espírito às histórias do livro que se enchera de pó sem envelhecer. Leu-o sofregamente e assentou nele uma grande agitação que o levou a correr ao convento, esquecido do remorso e do tempo que o separava do velho amigo. Pediu gemendo ao monge que o

recebeu que fosse pelo abade e lhe rogasse uma entrevista e o abade acorreu inquieto, notando em Panúncio os sinais do tempo passado e da amargura. Panúncio foi como se nunca tivesse deixado de o visitar, abraçou-o tremendo e falou-lhe do livro dos santos, de como muitos tinham nascido depois de longa espera, de muitas provações e angústias, filhos de pais que como ele desesperavam por não lhes nascerem os herdeiros desejados. E depois Panúncio fitou angustiadamente o amigo esperando ouvir dele as palavras que não ousava pronunciar. O abade baixou os olhos compreendendo tudo e arrependeu-se daquela dádiva antiga e quase esquecida. Bom amigo os desígnios do Senhor são insondáveis, disse sem coragem para mais dizer. Para Panúncio no entanto a concessão era suficiente e seguiu febril dizendo que se o Senhor o guardava para o destino maior de gerar um filho eleito, então não lhe importava a terra

que recebera de seus antepassados, tudo deixaria ao convento para que prosseguisse a obra do Senhor na terra, pela mão dos homens abnegados que ali habitavam. Lembra-te da formosura de Sira quando a desposei, a pele branca e o cabelo basto, cor de fogo, os olhos azul negro, nenhum moço de boa condição deixou de a desejar por esposa. E lembra-te que em mim corre o bom sangue de família antiga e o discernimento de muitas gerações. E as esmolas que demos e as orações que fizemos e o sofrimento todo que se abateu sobre a minha casa, abade, não esqueças também. Que o Senhor me perdoe mas creio que minha mulher conceberá um menino sábio e formoso e bom para glória de Deus e não me envergonho de em tal acreditar, pois também a alguns pais abençoados foi revelada a graça que os esperava. E o livro que me deste e que tão tardiamente li trazia afinal a paz e a esperança que nos faltou. Panúncio não deixava que o seu

amigo falasse nem era bem a ele que se dirigia, animava-o a alegria de enfim achar tudo iluminado. O abade não pôde encontrar modo de refrear tão altas esperanças, encomendou dentro de si Panúncio ao Senhor que o guardasse de pecar e foi invejando um pouco a fé que nunca tão arrebatadamente sentira e talvez devesse sentir. E como podia um homem de pequena fé dominar a inquietação que podia gerar a loucura ou a dedicação ao Senhor. O abade poisou a mão pesada no ombro de Panúncio e disse-lhe que se fazia tarde, devia retirar-se, os monges esperavam-no para os ofícios. E Panúncio fez o caminho de casa entregue a um futuro que ansiosamente e sem dúvidas aguardava. Procurou Sira na câmara vazia, amou-a tanto pelas orações e pelos sacrifícios, falou-lhe do livro que o abade lhe dera, contou-lhe o futuro que em breve viria e Sira entregou-se sem vacilar às razões que o seu marido lhe mostrava passando-lhe a mão pelo

ventre, procurando um sinal. Na câmara que escolhera para voluntário cativo, redobrou as orações e a alegria no sofrimento que pouco a pouco lhe apagava a formosura. Algum tempo depois, procurou Panúncio pela casa e pelas terras e encontrou-o relendo o livro dos santos e disse-lhe chorando que o seu corpo dava sinais de ter concebido. Panúncio não mostrou surpresa e obrigou Sira a entregar-se prontamente aos cuidados de uma velha serva, para que o menino nascesse forte como não duvidava que aconteceria. Meses depois, estando Panúncio a vigiar os trabalhos da terra, procurou-o uma serva da casa para lhe dizer que a senhora dera à luz uma menina. Confuso, Panúncio correu para a casa com agilidade perdida havia muito e Sira dormia extenuada e a menina que lhe mostraram não sabia dizer se lhe trazia alegria ou não. Panúncio agradeceu ao Senhor o sono de sua mulher que não viu o desgosto e a dúvida

tomando-lhe o rosto, descontrolando-lhe os gestos, o desalento que o fez abandonar a câmara demasiado aquecida. Procurou ordenar o espírito, compreender os desígnios do Senhor. Crescerá formosa como todas as santas e não quererei entregá-la a homem que lhe roube a virtude, seguirá o seu destino de eleita do Senhor. Percebeu que ao traçar assim a vida de Catarina não era com amor que o fazia porque a não tinha como sua nem nunca teria e a tristeza imobilizou-o longo tempo. Procurou outra vez a criança por entre o sono de Sira e vendo de novo que lhe não tinha amor, Panúncio deixou a câmara e a casa, atravessou o pátio sem se dar conta dos servos da terra que passavam, vergados pelo peso das alfaias ou dos cereais, os servos de um senhor que os não via, necessitado como estava de abrigo espiritual. Procurou no convento o abade e deu-lhe a nova de ser mulher quem o Senhor lhe enviara, e falou-lhe também das

dúvidas que o dominavam mas não mencionou o amor que não encontrava no coração pela menina. Condoído, o abade condescendeu de novo Se não for uma eleita, poderás casá-la e ela te dará o herdeiro que desejaste tantos anos. Panúncio não se alegrou mas a presença do santo abade e os cânticos, que ensaiavam os monges na capela, foram-lhe enfim sossegando o espírito.

Panúncio voltou para casa e como Sira tivesse despertado, apaziguou-lhe as dúvidas com as respostas do abade, apertou-a fortemente pensando consigo que se o futuro se afigurava seguro, no seu coração não despertara o amor que julgava natural encontrar nele. Mas disto não falou Panúncio a ninguém que lho impediam o remorso e a vergonha. Escolheram para a menina o nome de Catarina, primeira das santas cuja história se contava no livro grande castanho e pesado. E foi por essa razão que teve Sira vontade de conhecer o livro que ao seu marido

fora oferecido pelo santo abade. Leu-o sofregamente descobrindo nas grandes páginas do livro castanho a vida da sua menina. E quando voltava à vigilância do berço depois de cada história, Sira adivinhava, nos ínfimos contornos do corpo adormecido de Catarina o prenúncio da eleição e da formosura que era desta sinal. Como nascera menina, Catarina cresceu dentro de casa e o mais do tempo dentro da câmara onde Sira se dedicara à oração e ao sacrifício. Nela se instalou o berço e depois o leito e os brinquedos e as mais ricas e coloridas tapeçarias protegiam Catarina do chão e das paredes. Sira deu também ordens para que se quebrasse a luz que vinha da janela grande, mas assegurou-se de que se saberia no pátio que ali crescia a herdeira. Convidado para apadrinhar a pequena, o abade abandonou certo dia o mosteiro e visitou Catarina na grande câmara de janela sobre o pátio. Ficou longo tempo de rosto sisudo percorrendo os olhos e a

pele amarelada e doentia de Catarina, o cabelo escorrido de cor indefinida. Sira adivinhou no rosto do padrinho a repulsa e os pensamentos, quis rir e não pôde mais que vagamente sorrir e dizer Ainda é cedo, outro cabelo e outra pele e outros olhos virão. O abade fitou a mãe recente e viu nela os olhos cor de azul-negro e o cabelo de fogo contido numa rede. Sossegou o bom abade e quis até pegar na pequena, embalá-la nos seus grandes braços de homem sábio e inábil. Quando Catarina pôde finalmente responder ao chamado da grande janela sobre o pátio, contudo, a cor dos olhos já não mudaria, nem a da pele, e o cabelo seria sempre como era já, baço e escorrido, entre o castanho e o preto. Catarina riu vitoriosa para o mundo que se avistava da janela grande. Do alto de um banquinho, desvendara o mistério do pátio tão cuidadosamente guardado por muitos obstáculos intransponíveis até então. Os servos da terra que passavam de quando em vez

estacaram, os olhos fitos na menina que ria e acenava para todos. Não se sabia como começara, mas circulava entre os servos de Panúncio a certeza de que a herdeira era menina de rara formosura e seria mulher de igual formosura e sabedoria, que para esse destino a escolhera o Senhor. Por isso, naquela tarde luminosa em que pela primeira vez conheceram a herdeira, os servos abandonaram-se ao espanto primeiro e depois ao riso cruel. Panúncio, que vinha chegando, tudo viu, percebendo com a clareza que a evidência alheia traz que a menina sua filha não só não herdara a formosura de suas famílias como crescia mostrando, para vergonha da sua casa, a vulgaridade das feições e cores e formas. Não seria Catarina uma eleita do Senhor e dificilmente algum rapaz da sua condição a amaria enquanto esposa. Panúncio estremeceu com a frieza de tais pensamentos e procurou no seu coração um amor que não sentia pela menina

que à janela grande provocava, mais pelo que era do que pelas graças que fazia, o riso dos servos que passavam. O senhor da terra sentiu crescer nele a fúria e porque os possuía mandou matar todos os servos que haviam visto a menina que era sua e não amava. Penetrou a casa como se esta lhe resistisse e ordenou que a menina usasse, desde aquele dia e para sempre, um véu que lhe escondesse o rosto e, mais, que não saísse ou assomasse à janela. A herdeira não ofereceu resistência ao véu nem à proibição da janela, mas nunca mais foi possível cingi-la à câmara onde até ali vivera. O senhor da casa grande deu então ordens para que as limpezas se fizessem de madrugada e que no restante do dia os servos se confinassem à cozinha e à sala de comer onde Catarina não podia entrar. Desde o alvorecer até ser noite fechada a casa era toda de Catarina e Sira, que viviam nela como se no mundo não houvesse outras almas. Mas para Catarina a

câmara grande do andar térreo não deixou nunca de ser a sua fortaleza e por isso levava para lá tudo o que lhe acontecia amar mais na casa. Eram vidros ou cestos, às vezes pequenos livros que não lia nem pedia que lhe fossem lidos por Sira. Às vezes eram móveis e quando assim era Sira ordenava que os servos os transportassem, enquanto ocupava Catarina noutra lugar da casa. Também levou para a câmara grande porcelanas e flores e tapetes e tudo lho consentiam porque à herdeira nada mais era permitido. Sira procurou convencer Panúncio de que o véu não era necessário pois Catarina vivia longe de todos e ninguém a poderia ver. Porém Panúncio temia os imprevistos acidentes que pudessem acontecer e nunca permitiu que andasse Catarina pela casa sem o véu. A menina não era de muitas palavras, não porque fosse incapaz mas por nunca lhes ter tomado o gosto, por trás do véu ouvia-se falar apenas quando tal se mostrava necessário. Sira

não quis contudo que a sua filha crescesse sem saber e ensinou-lhe o que conhecia da escrita e da leitura que não era muito, mas a Catarina bastou pois não se interessava por tais assuntos. Os livros que levava para a câmara nunca os leu, amava-os apenas por serem formosos e folheava-os só para neles encontrar o desenho das letras e das figuras que os monges sabiam fazer. Sira não a abandonava por mais de breves momentos, o tempo de lhe ir buscar comida ou outra coisa que necessária fosse. Entregou-se assim à reclusão um pouco pelo amor que lhe tinha, um pouco pelo desamor de Panúncio que abandonara as visitas à câmara grande. Tendo-lhe faltado a força de proibir os assaltos de Catarina à casa, Panúncio passava os dias na terra até à hora de sua filha se recolher. Quando chegava mais cedo e vendo luz na câmara grande, escondia-se à entrada do pátio, por trás de uma árvore, espiando a ténue claridade que por fim se

extinguia. E quando o dia dos negócios terminava sobrando tempo, Panúncio visitava o abade no mosteiro mas por pouco tempo lhe falava, as mais das vezes pedia que o deixassem ali onde estava, entregue à tristeza e ao remorso, ouvindo os ruídos longínquos do mosteiro, fossem os do trabalho da terra fossem os do trabalho do espírito. Não esqueças que esta é a casa do Senhor, dizia-lhe sempre o abade quando o deixava para que definhasse algumas horas antes de perfazerem as de regressar. Sabendo do que se passava na casa de Panúncio, o abade renunciou às visitas que devia à sua afillhada, nem mesmo nas festas do Senhor tomava o caminho da casa grande rezando por ela no silêncio iluminado do claustro. Algumas vezes não pôde Panúncio evitar encontrar pela casa Catarina e nessas alturas não podia esconder de si o alívio de não ver o que o véu sempre ocultava e sobretudo o alívio de se ir apagando

na sua memória a última lembrança de Catarina. Desde que a menina nascera, Sira mantinha o hábito de com ela ficar de noite e assim os esposos quase não se encontravam e aumentava entre eles o rancor e o silêncio à medida que Catarina se tornava mulher. Não viu Panúncio o corpo da herdeira tomar forma, as mãos tornarem-se delicadas, o andar seguro e grácil, nem sentiu o perfume da sua pele amarelada e doentia. Debaixo do véu, Catarina não se fizera formosa mas era com alegria que Sira via, à hora de dormir, a graça do seu corpo crescendo e era com tristeza que lhe vigiava o sono passando os dedos pelo rosto vulgar e adormecido, por breves horas despido do segredo do véu. Sira procurou nesse tempo Panúncio e surpreendeu-a o homem que tanto amara estar assim cavado por um sofrimento que ela apenas adivinhava. Disse-lhe que era necessário levar Catarina aos ofícios, deixar que ouvisse a palavra do Senhor e

aprendesse os rituais. Panúncio resistiu e Sira bem viu que contra ele resistia e que nessa batalha se lhe turvava a voz e redobrava a sua vergonha. A mãe de Catarina repetiu com doçura as suas razões e Panúncio cedeu impondo todavia que o véu fosse atado para que o vento não o alçasse e que fossem as duas ao primeiro ofício da capela do convento. Sira ordenou que se fizessem os mais ricos vestidos para a sua menina quase mulher, que enfim ia conhecer a palavra do Senhor e a magra parcela do mundo a que tinha direito. Catarina mostrou pelos vestidos efémero interesse dizendo que lhe apertavam o corpo e lhe tolhiam os movimentos. Escolheu por isso para o primeiro dia o mais singelo de todos, azul e perfumado de alfazema, como os outros. E quase mulher Catarina saiu pela primeira vez de sua casa, o véu preso na nuca, uma contida alegria denunciando-se nos passos saltitantes, apressados. O templo quase

deserto como estava àquela hora matinal assustou-a e os monges presentes não despertaram nela curiosidade. Perto do portal, Sira esforçou-se por ensinar a Catarina os gestos do culto e esperou intimamente que o Senhor a ajudasse a proferir as palavras devidas, mas da boca de Catarina não saiu qualquer som, as imagens e as formas do templo prendiam toda a sua atenção. A luz coada pelos vitrais distraiu-a sempre dos ofícios e Sira sabia que para o serviço do Senhor aquelas visitas seriam sempre inúteis. Por essa altura quis também Sira que a herdeira educasse as mãos e trouxe para a câmara grande um tear pequeno e um grande cesto de fios coloridos. Catarina espalhou-os primeiro pelo chão com alegria e sua mãe mostrou-lhe como se tecia, a menina abandonou então tudo o que fazia e entregou os seus cuidados ao tear. Sira esforçava-se por lhe explicar que deviam ter forma as cores no tear, mas por muito tempo

Catarina enlaçou os fios do grande cesto sem outro guia além das suas vontades. Enquanto ela tecia Sira tomou o hábito de se sentar a seu lado lendo o grande livro dos santos, voltando sempre ao princípio quando terminava. O ritmo do tempo media-se agora, para as duas, pelo primeiro ofício, as tapeçarias que Catarina ia completando e pela última história do livro. Contava esta a vida de S. Julião e terminava dizendo que Frei Donato a escrevera para que a sua memória não se perdesse entre os homens. Ainda hoje reza por nós no convento que o esperava no outro lado do deserto. *Deo Gracias.*

Recordando a vida de Catarina, a mãe, Matilde não podia deixar de pensar que naquele momento começara ela a viver, naquele preciso momento em que Sira na câmara lia para Catarina a Vida de S. Julião, a mesma que ouvia agora sua avó repetir sem descanso. As vozes de Sira e

Catarina cruzavam-se na sua memória por meio das mesmas palavras, a vida de um homem que nunca chegara ao seu destino. Matilde desceu as escadas em silêncio tencionando procurar Sira, mas não pôde revisitar a tristeza de sua avó e sentou-se no último degrau da escada, ouvindo e lembrando a despedida de Catarina em terras longínquas.

Quando Sira chegava à lenda de S. Julião, Catarina suspendia o trabalho de tecer e ficava a ouvir, remexendo lentamente as cores que repousavam ao seu lado. Um dia a moça exigiu um tear grande, do tamanho da janela e quando lho trouxeram passou um dia inteiro a atar os fios verticais. E, no dia seguinte, depois do ofício, escolheu cuidadosamente as cores de que necessitava no cesto dos fios, ordenou-as sobre o tapete que cobria o soalho e sem interrupção foi fazendo correr as mãos e as cores pelo tear.

Quando a noite chegou, Sira foi espreitar o trabalho de sua filha e apenas pôde perceber que ela se dedicava por fim à composição de formas. Tendo obrigado Catarina a comer, não pôde depois evitar que voltasse a tecer, resignando-se ao seu banquinho junto a ela e à leitura do grande livro dos santos. Quando Sira se deixou vencer pelo sono, Catarina tecia ainda e, quando na madrugada seguinte despertou no leito vizinho, viu primeiro a sua menina que apertava já o véu para o ofício. Foi depois espreitar o tear onde ela trabalhara toda a noite e tomada de grande espanto apertou fortemente a boca com as mãos. No tear, Catarina afigurara Aglaes, morrendo debaixo de grande multidão de pétalas de cor vermelho-escuro-sangue e seu filho Julião, abandonando o horto dos frades que cantavam louvores incompletos ao Senhor. E eram tão delicadas as formas que Sira chorou e tudo tomou por grande maravilha. A herdeira

esperava de véu atado que sua mãe a conduzisse ao ofício, o livro sagrado repousando-lhe nas mãos, mas Sira correu por Panúncio chorando ainda, o cabelo cor de frutos maduros em desordem pelos ombros. Panúncio aprontava-se para sair e não pôde resistir a sua esposa que com firmeza o arrastou até à câmara de Catarina e o forçou a olhar a obra daquela filha tardia que ele julgava de tudo e para tudo incapaz. Diante do tear, o senhor da casa foi abandonando a resistência, recordando a história de S. Julião, anunciado e tão amado. Esqueceram-se Sira e Panúncio de Catarina que, coberta pelas sombras do dia nascente, contemplava o pai cuja imagem já quase esquecera por mor dos anos em que o não vira. Ninguém através do véu lhe poderia adivinhar o espanto, nem a perturbação nas mãos quietas, segurando com firmeza o livro sagrado. Panúncio libertou-se enfim da força de Sira e de Aglaes e Julião separando-se no horto

incompleto do mosteiro de Santo Antão da Cruz. Catarina procurou na janela o vulto de seu pai atravessando o pátio em grande agitação e compreendeu que tomava o caminho do convento. Quando Sira a deixou, dizendo-lhe que repousasse, não eram já horas de ofício, e foi dar as primeiras ordens à casa, Catarina saltou a janela grande da câmara e seguiu o caminho que conduzia ao mosteiro. Ao longe pôde ainda ver o pai que penetrava o convento pela capela e escondendo-se por trás de uma árvore, Catarina retirou o véu e aspirou com força o ar da manhã que lhe feriu o rosto e lhe forçou a garganta. A menina prendeu com o véu o cabelo na nuca e alcançou sem demora o portal da capela. Quando entrou no templo ninguém mais se via para além de Panúncio que ajoelhado rogava com aflição ao Senhor. Na sombra das colunas, Catarina viu seu pai chamar por um monge, rogar-lhe que fosse pelo abade pois necessitava de confissão. O

monge foi, condoído da fraqueza de Panúncio por demais evidente na sua aflição. Catarina apertou nas mãos o livro sagrado e saiu correndo. Contornou os muros do convento e penetrou nele pelo portal do horto que estava aberto. Trabalhavam nas terras do mosteiro alguns moços do povoado e àquela hora atravessavam o horto em busca das alfaias de que haviam precisão. A filha de Sira prendeu um pequeno pelo braço, pediu-lhe silêncio e por trás de uma árvore mostrou-lhe o livro sagrado, abrindo-o junto aos seus olhos para que visse as delicadas figuras que o ornavam. Disse-lhe depois com voz insegura e um pouco grave Traz-me o hábito de um monge e dar-te-ei este livro. O pequeno abria muito os olhos, fosse pela mulher que inesperadamente tinha diante de si, fosse pelas figuras do livro, fosse ainda pelo pecado que não poderia deixar de cometer, roubando as vestes de um monge. Não disse palavra abalando em

correria assustada e regressou pouco tempo passado estendendo com uma mão o que lhe fora pedido e com a outra exigindo o prometido. Catarina envergou o hábito, escondendo o cabelo e o rosto na sombra do capuz grosso e áspero e pensou no tempo que passara e fora já talvez demasiado. Mas Panúncio esperava ainda no templo, o rosto escondido nas mãos aflitas. Sua filha agradeceu ao Senhor aquele gesto que a protegeu de ser vista a entrar por fora e não por dentro como era devido aos monges. Mas Panúncio não se dera ainda conta da sua presença quando Catarina lhe disse Bom homem, o nosso abade pede-te que lhe perdoes mas pois está indisposto não poderá contigo manter conversação. Pediu-me que te ouça e aconselhe se assim o desejares. Panúncio achou na voz do monge que assim lhe falava uma doçura que lhe acalmou a primeira fúria e condescendeu por mor do cansaço que é próprio do sofrimento

Assim seja. E o monge prosseguiu dizendo Se não te desagradar poderemos caminhar pelo campo, respirando o ar da manhã que o Senhor fez propício para que a paz entre em nossas almas. Panúncio assentiu e afastaram-se do templo onde o logro de Catarina poderia ser revelado.

Caminharam longamente, primeiro em silêncio depois Panúncio foi falando e dele jorraram sem repouso as palavras que lhe dariam alívio por breves momentos. O senhor da casa grande disse a Catarina que esperara longo tempo por um eleito do Senhor e que o Senhor o enganara para castigo dos seus inúmeros pecados e lhe enviara uma menina e logo se via que não a elegera Deus porque era desprovida de toda a formosura e todos os santos são formosos, como se sabe, todos os livros o confirmam. Disse também, depois de grande pausa e considerando que era forçoso tirar aquele peso da alma por

uma vez, que desde que a menina nascera não conseguira encontrar dentro dele nenhum amor que lhe dedicasse, pois sempre esperara um filho do Senhor e não seu e como se pode amar como seu um filho que o não é. E disse-lhe mais que mandara matar todos quanto a haviam visto e mandara tapar-lhe o rosto e proibira que abandonasse a casa onde sempre vivera e com vergonha lhe disse também que rogava ao Senhor apagasse da sua memória a imagem da menina, já que coragem lhe faltava para mais fazer. E por tudo isto, monge, cuido ser o maior pecador de entre os homens e nunca houve espírito assim tão mesquinho como o meu, indigno até da vida em que o Senhor me mantém para maior sofrimento da minha alma. Catarina conservou-se em silêncio, sufocando por trás do capuz de grossa lã. Por fim, Panúncio entregou-se às lágrimas e disse com o desespero forçando-lhe a voz Toda a penitência que me prescreveres

será merecida. O monge respondeu com voz segura que fosse para casa e rezasse muito e rogasse ao Senhor que tudo perdoa o alívio do coração. Sabei porém que vossa filha não sente por vós desamor, antes vos tem um amor sem fim. Panúncio não se espantou, cuidando que o monge na sua bondade e escasso discernimento encontrara um consolo de pouco proveito. Ficou ela a vê-lo afastar-se a caminho das terras que o esperavam e onde não deixaria de se atormentar. Seguiu depois para casa e galgou a coberto de quaisquer olhares a janela da câmara onde todos cuidavam que dormia. Ficou então muito tempo olhando os fios entrelaçados no tear, a despedida de S. Julião tornando tudo suportável por sua formosura. Catarina destruiu primeiro a tapeçaria e depois foi à cave da casa e trouxe de lá um saco grande de amêndoas doces e uma faca. Talhou os cabelos sem preceito muito curtos, pendurou no ombro o saco de amêndoas e saiu de novo pela

janela. Caminhou enquanto as forças lho permitiram, comendo devagar das amêndoas quando tinha fome, bebendo das fontes que o Senhor punha no seu caminho e recontando para si sem cessar a vida de S. Julião. Adormeceu por fim perto de um riacho de águas claras e cantantes, fazendo do saco de amêndoas apoio para a cabeça. Quando acordou já o sol ia alto, o riacho cantava ainda e Catarina maravilhou-se com a formosura dos campos. Retomou o caminho, a lenda de S. Julião ocupando-lhe o espírito e quando avistou ao longe um convento soube que os seus passos tinham o rumo do mosteiro que aos pés do deserto acolhera Julião. Caminhou muitos dias de convento em convento perguntando o caminho para o mosteiro aos pés do deserto. Pernoitava por vezes entre os monges que àquele irmão errante ofereciam abrigo e alimento, mas não comeu nunca outra coisa senão as amêndoas doces do saco sem que o seu

corpo mostrasse precisão de mantimento, ou as forças lhe faltassem, ou o espírito se tornasse amargo. Quando acabaram as amêndoas, passou a aceitar o pão e as frutas que nos conventos lhe davam para a viagem e logo ia trocá-los no primeiro povoado pelas amêndoas doces que muito lhe duravam, pois poucas lhe bastavam para cada dia. Ganhou assim um odor a amêndoas doces que lhe saía da boca espantando as pessoas que com ela falavam. Só quando as amêndoas se acabavam Catarina se aproximava dos povoados para trocar por elas o que tinha, as mais das vezes caminhava longe dos homens seguindo o caminho que nos conventos lhe diziam ser o melhor. O hábito de monge protegia-a de assaltos e o odor a amêndoas doces que sempre lhe saía da boca valia-lhe um respeito de que nunca se deu conta. Alcançou por fim o convento de S. Julião num fim de tarde, o calor do deserto dominando tudo, Catarina no

entanto não o sentia nem o seu corpo transpirou por baixo do hábito de lã grossa. Foi recebida numa câmara de onde se avistava o deserto por uma janelinha pequena e alta, dentro nada mais havia para além de dois bancos compridos, e depois veio falar com ela um monge velho vestido de hábito branco e leve. Catarina procurou-lhe no rosto os sinais da presença de S. Julião que o haveriam de iluminar, mas só a voz cumprimentando-a lhe pareceu peculiar, rouca e de uma timidez que se quer dominar. Pediu que lhe fosse permitida uma entrevista com S. Julião ou ao menos que lhe fosse concedido vê-lo um pouco, tal lhe bastaria para que tomasse a sua vida por completa e pudesse entregar-se ao Senhor e nela cumprisse ele a sua vontade. O monge sentiu-lhe o odor a amêndoas doces e reparou que o corpo daquele monge errante e de aspecto frágil não dava mostras da quentura com que o deserto todos subjugava. Compreendeu por

estes sinais que era necessário não lhe esconder da verdade nem migalha e o velho monge voltou-se para a janelinha que o deserto enchia e foi dizendo a Catarina o que ela adivinhara já. Muito tempo passou desde que os céus anunciaram a vinda próxima do eleito do Senhor. E fazendo muitas pausas foi relatando a alegria da espera, todos os preparativos que se haviam feito, a imensa gratidão, os louvores e as penitências. Mas o tempo passava e o deserto não libertava o eleito tão amado do Senhor. Alguns o esperam ainda, disse o monge fazendo nova pausa e deixando que Catarina adivinhasse não habitar já na sua alma nenhuma esperança. Ninguém fora da ordem conhece a verdade, os homens de pouco saber encontrariam sem demora razões para duvidar da palavra do Senhor. Peço-te irmão que não reveles este mistério que a ti mostro, por respeito aos trabalhos que passaste até chegares a esta pobre casa. Voltando costas ao deserto, o

monge encarou por fim a filha de Panúncio. Irmão, talvez o Senhor nos tivesse julgado indignos. E depois de longo silêncio ofereceu-lhe pousada para aquela noite e para todas as que desejasse. Catarina acedeu sem palavras ouvindo ao longe o deserto agitar-se, a agonia de S. Julião que a fraqueza tornava infame. Em sua cela escura toda a noite ouviu o deserto procurando arrancar-lhe ao espírito a formosura da lenda de S. Julião.

No dia seguinte Catarina despediu-se do velho monge, recebendo dele as dádivas envergonhadas de comida e água para o caminho de regresso. O monge ficou a vê-la afastar-se no horizonte, procurando ainda adivinhar a perturbação que lhe não vira no rosto, tendo contudo aquele irmão peculiar chegado ao fim de um pobre caminho infrutífero. Pensou que talvez fosse seu dever ter perguntado que ia ser agora da sua vida ou que rumo levaria a sua fé depois

de ter sabido que era engano a vida de S. Julião. Catarina seguiu até ao povoado mais próximo, distante já do deserto. Bebeu água da fonte e aí abandonou a trouxa de alimentos. Sem se dar conta das gentes que passavam e se interrogavam, afastou-se da vila e, tendo já caminhado mais de meio-dia, procurou a sombra de uma oliveira solitária plantada no cimo de um monte de parca vegetação. Catarina deixou que os olhos passeassem pelo vale imenso e deserto e todos os outros montes de redor. Não muito longe via-se um povoado perdido no verde-claro-seco dos campos e tudo ondulava sob um calor liquefeito. Permitindo que o fim do dia lhe embalasse o repouso, quase adormecia quando ouviu a voz de um moço que chegava correndo aflito. Irmão, valei-me que não desejo pecar. Será providência do Senhor encontrar-vos aqui pois a minha alma fraqueja como a de homem de pouca fé. Ouvi-me em confissão. Catarina olhou-

o em silêncio e depois, despindo devagar o hábito, disse-lhe Moço, sou mulher e estas vestes não me pertencem. Não soube o moço que fazer ou dizer diante do corpo nu de Catarina, o sol pondo-se na curva que faz o pescoço com o ombro. Meu nome é David. E David aproximou-se de Catarina e deitou-a muito perto da oliveira solitária e fez com ela o que é costume fazer homem com mulher. Catarina e David adormeceram depois, o vale a seus pés despertando para a noite com seus ruídos cavos desprovidos de todo o horror. Quando o sol nasceu, Catarina despertou David e pediu-lhe que fosse por um vestido de mulher, não voltaria a envergar o hábito de monge. Ele percorreu o caminho que o separava do povoado, tomado ainda de espanto e alegria, o sono fazendo-o tropeçar e duvidar. Quando regressou, Catarina parecia nascida da oliveira, abrigada como estava a sua nudez na sombra recente. O vestido que

trazia tinha a cor do deserto e cheirava a mulher estranha. Catarina vestiu-o e sem alegria deu uma volta fazendo-o rodar. David quis destruir o hábito mas ela não lho permitiu e ele então alisou-lhe os cabelos curtos que haveriam de crescer baços e escuros como sempre haviam sido, o perfume das amêndoas inebriando David que quis com ela casar. Recusou Catarina sem muitas explicações, dizendo Serei de todos os homens que me quiserem, e depois, para lhe mostrar que não devia ter para com ela desamor, contou-lhe a lenda de S. Julião que David já sabia mas foi como se lha contassem toda de novo.

Ia o sol alto quando Catarina pediu a David que anunciasse a sua presença aos homens do povoado. O moço não compreendeu e Catarina explicou que viveria ali debaixo daquela oliveira, o vale a seus pés e o sol nasceria e morreria muitas vezes antes de ela partir. Disse também

que pediria aos homens que lhe construíssem uma casa e em troca lhes daria o seu corpo e pediria ainda um saco pequeno de amêndoas quando as houvesse e em troca daria também o corpo. E depois Catarina empurrou David pelo caminho da vila e David foi sem compreender ainda.

Regressou o moço nesse fim de tarde com três homens jovens e um grande pano branco com que fizeram uma tenda. Maciel perguntou a Catarina porque não ia com eles para a vila, havia uma casa abandonada onde nascera e morrera um homem de bem sem deixar descendentes. Àquele ermo podiam vir os animais e fazer-lhe mal e eles não poderiam guardá-la desse e outros aflições que nos ermos é costume acontecerem. Catarina disse que não temia os animais e que a sua morada seria ali, junto à oliveira naquele monte agreste. Maciel baixou os olhos, sentindo a firmeza do odor a

amêndoas doces, compreendendo que assim não poderia deixar de ser. Abandonaram o monte já a noite envelhecia e a lua, generosa, iluminou-lhes o caminho que por muitos anos haveriam de percorrer. No dia seguinte voltaram com outros homens para roubar ao monte as pedras arredondadas que viriam a transformar-se na nova morada de Catarina. Traziam leite e comida que voltaram a levar para suas casas. Era uma pequena procissão que faziam sempre ao fim da tarde, depois do trabalho, viviam cada dia esperando aquela alegria nova que o sol poente anunciava.

A casa de Catarina ficou finalmente pronta, não tinha mais que uma divisão, um telhado de colmo e o chão coberto de palha entrançada, como era costume naquele lugar. Um fim de tarde, Catarina viu chegarem os homens carregando um leito raso de madeira e um saco de palha fresca e perfumada dentro. Viu-os rindo

de si próprios enquanto transportavam à cabeça o leito que haveria de ser o dos seus amores com Catarina. Ela riu-se com eles e eles agradeceram-lhe intimamente o alívio que a cumplicidade traz. Como as noites arrefecessem, fizeram com alguns gravetos uma fogueira modesta e Catarina voltou a contar-lhes a história de S. Julião que eles já conheciam, mas foi como se nunca a tivessem ouvido. Nessa noite não foi de homem nenhum e todos a viram adormecer junto à fogueira, não lhe quiseram mal porém. Todo o mal adormecia dentro deles junto daquela criatura que nenhum ousava julgar de Deus. Seria pecadora, mas no monte de única oliveira nada se poderia opor ao amor entre os homens, pois havia boa vontade e todos se amavam uns aos outros, por mor de uma mulher desconhecida e feia e amada como o não podia ser criatura que fosse da terra ou do céu. David levou-a nos braços para dentro de casa, esperando que não se

assustasse pela manhã ao acordar. Por essa altura já os cabelos de Catarina lhe tapavam a nuca e David demorou-se um pouco contemplando-a como se fosse formosa e não era. Ocorreu-lhe então que nunca quando fizera com ela o que é costume fazer homem com mulher sentira o peso do pecado. Não se deteve muito nesses pensamentos que as vozes dos outros amantes de Catarina o chamavam para o regresso facilitado, pois estava agora o monte liberto das pedras arredondadas em que antes tropeçavam. Foi no dia seguinte, chegando aos pés do monte de terra revolvida e cor de sangue coalhado, que a avistaram lá em cima segurando um pau retorcido e verde de oliveira. Ela não deu por que chegassem, absorta como estava, os olhos fixos no pau que à sua frente formava um ângulo imperfeito. Caminhava devagar e quando eles se aproximaram o pau começou a tremer e Catarina parou, fazendo grande esforço para sustentar a

estranha força que aproximava o pau da terra. Ofegante, acabou por o largar no chão e voltando-se para eles disse sorrindo inexplicavelmente que naquele lugar por baixo da terra havia água e eles não disseram nada. Depois pediu-lhes que escavassem e trouxessem a água para fora do monte e eles assim fizeram como se acreditassem no que ela lhes dizia e não acreditavam. Não demoraram muitos dias os esforços dos homens da vila antes de brotar da terra a água prometida, dividindo-se lentamente em três fios ou mais que de aí em diante tornariam fértil o monte da única oliveira e fariam do vale leito de rio. Nessa noite o ar tornou-se pesado e Catarina mostrou dificuldade em respirar o cheiro da água fecundando a terra. Antes de os homens partirem pediu-lhes que trouxessem pés de oliveira, muitos para cobrir o monte todo. Eles pensaram no monte das oliveiras onde o Senhor sofrera e afastaram

depressa do espírito tal pensamento. Trouxeram contudo nos dias que se seguiram as oliveiras que ela lhes pedira e dedicaram-se a plantá-las sem ordem por todo o monte; nem todas vingaram mas eles traziam novos pés sempre que alguma se perdia. Entretanto a terra cobriu-se de erva e de flores amarelas e azuis, não sabiam os homens de que sementes, e o vale encheu-se de água e com o correr do tempo todo o horizonte se tornou verde e mexia quando o vento passava. Ainda não eram as oliveiras do tamanho de uma criança quando Matilde nasceu e David alegrou-se pensando que ela cresceria com as oliveiras do monte das oliveiras. Já quase não havia trabalho para os homens pois Catarina não permitira que se arasse a terra, mas eles continuavam a vir depois da janta em grupos de três ou quatro às vezes cinco ou seis não mais. Como não soubessem ao certo de qual deles era a menina, Matilde era de todos. Catarina ficara sozinha

nessa noite. De madrugada, os pássaros inquietaram-se no vale, despertando a senhora do monte que deu à luz Matilde sem ajuda e sem lágrimas, porém com dor quando o corpo se lhe abriu e a menina passou chorando e calando logo a seguir que o ar era quente e o seio de sua mãe estava pronto e sabia a amêndoas doces. Quando os homens chegaram nesse fim de dia, a mãe estava ainda fraca e Matilde dormia e eles partiram em sossego não que não temessem por Catarina e a menina, mas porque sabiam que nada lhes podia acontecer, no monte das oliveiras não havia lugar para a morte. Voltaram no dia seguinte trazendo os presentes havia muito preparados, um berço para Matilde e dois pés de amendoeira para Catarina, que sabia já como os haviam feito trazer por um monge de volta ao convento do deserto, depois de longa viagem. Eles plantaram-nas junto à oliveira velha e elas cresceram como Matilde fortes e formosas.

Construíram também sem o pedido de Catarina uma nova divisão à casa e foi Cristóvão quem primeiro se lembrou de Teresinha, a órfã que vivia da caridade de todos e sem o amor de ninguém. Poucos dias antes, todos na casa de Teresinha haviam adoecido e nenhuma erva lhes pudera resgatar a vida. Salvara-se Teresinha que desde então se recusava a falar e a tristeza consumia e nenhuma mãe da vila lhe soubera trazer de volta o riso. Demasiado crescida para se tornar parte de outra família, demasiado jovem para casar, a menina vivia sozinha na casa dos pais, alimentava-se do que lhe davam, a todos parecia urgente dar-lhe um rumo novo à vida. Teresinha poderia ajudar Catarina a criar Matilde, a quem por ora bastava o leite quente do seio de sua mãe, mas depois não bastaria, seria necessário cozinhar, limpar, vigiar-lhe o sono, passeá-la longe do monte das oliveiras, afastá-la da convivência exclusiva dos homens. Enquanto

explicava tudo isto a Catarina, Cristóvão esforçou-se por não dizer que de quase todas as tarefas de mãe lhe parecia incapaz a mulher com quem jazia sempre que a ela aprazia. A filha de Panúncio escutou-o atentamente e depois sem mostrar ressentimento assentiu, pediu que lhe trouxessem Teresinha.

No dia seguinte, Teresinha veio com os homens para que a visse Catarina e lhe falasse. Quando chegou à oliveira do monte das oliveiras onde a esperavam, Teresinha trazia o rosto rosado e os olhos baixos tinham a cor indefinida dos campos. A pele demasiado clara enchia-se de manchas fosse pelo sol forte, fosse pela vergonha de ali vir assim esperando que a não aceitassem, esperando também que a aceitassem, na verdade, só daria graças ao Senhor se a quisesse levar com ele e pôr fim ao sofrimento que a consumia. Corria por entre as mulheres da vila um rancor amedrontado pela mulher que trouxera água ao

monte antes infértil e continuava a atrair os homens que a visitavam todos os fins de dia, mesmo os que eram de festa. Teresinha não teve por isso coragem para levantar os olhos a Catarina, mas a senhora do monte das oliveiras obrigou-a com mão firme e poisou nela os olhos devoradores que os seus amantes conheciam. Não disse nada enquanto tudo adivinhava e Teresinha sentiu o estranho alívio que só os homens haviam experimentado, como se fosse justo sair-lhe do peito a secreta suspeita de ter cozinhado para a família vegetais venenosos, ainda que por engano. Maciel pôde mesmo ver-lhe um breve sorriso iluminando-lhe o rosto torturado pela opressão da culpa e o desgosto de viver. Catarina levou Teresinha para dentro de casa, mostrou-lhe Matilde falando no berço e, enquanto lhe indicava o que deveria fazer todos os dias, David notou que não se mostrava Catarina maternal, ignorando porém que

Teresinha no seu coração lho estava agradecendo. Chegada a hora, os homens retiraram-se e ficaram as duas mulheres sozinhas com Matilde. Catarina deu o seio à menina e poisou-a no berço e Teresinha muito quieta ouviu-a contar a Matilde a lenda de S. Julião e viu-a adormecer no leito de palha antes de terminar. A órfã ajeitou-a com cuidado e vigiou o berço até que Catarina acordou para de novo alimentar a criança. Quando Matilde deixou de mamar de noite, os homens instalaram na divisão nova da casa dois leitos, um para Teresinha e outro para Matilde e, nessa mesma noite, dormiram as duas pela primeira vez longe de Catarina que escolheu para si a companhia de Cristóvão, não sem antes ter ido adormecer Matilde com a história de S. Julião. Com o tempo que a afastava das gentes da vila e lhe desbotava as memórias de morte e culpa, Teresinha ganhou o hábito de cantar as velhas

canções que ouvira às mulheres da vila, enquanto se entregava à lide da casa.

Olhando a serva Cassilda na escura cozinha da casa grande, Matilde recordava agora Teresinha cantando enquanto estendia a roupa branca entre as oliveiras. Recordava a pele avermelhada e os olhos cor do campo e a alegria com que recolhiam ambas a roupa seca, o perfume da casa na roupa que Matilde notava como se alguma vez lhe tivesse faltado e nunca faltara. E lembrava o riso de Catarina, a mãe, quando ela tropeçava no fardo branco demasiado grande e Teresinha se zangava voltando a lavar o que se sujara.

Matilde abandonou o umbral da porta da cozinha onde estivera espreitando Cassilda, a serva, e procurou uma janela para saber que parte do dia era,urgia contar a seu avô a história que trazia para contar e dele não encontrara sinais desde que despertara. Subiu as escadas e entrou

numa câmara obscurecida que outrora Sira ornava de flores amarelas nos dias de festa, quando vinham os amigos e entre eles o abade. Os móveis estavam cobertos de pó, os vidros sujos de insetos mortos e os desenhos que ornavam as tapeçarias já não se conheciam. Cassilda era agora a única serva e não dispunha de tempo para limpar mais do que a câmara onde dormia Panúncio, cozinhar, e por vezes limpar a escada que unia a câmara do senhor no andar de cima e a câmara da senhora em baixo.

Matilde teve de usar de força para abrir a janela e a luz penetrou o pó dos vidros adormecidos, os insectos alvoroçaram-se e os campos incultos espraíram-se pela alma de Matilde que em vão procurou neles Panúncio. Percorreu depois todas as divisões da casa e abriu todas as janelas perscrutando os campos através delas. Foi encontrar Panúncio na câmara onde dormia, sentado numa velha cadeira, a

cabeça apoiada nas mãos nodosas e ainda seguras, os olhos trementes denunciando o sono inquieto. A luz penetrava em fios delgados através da janela fechada e ia poisar no leito, na arca da roupa, nas tapeçarias da parede e do chão, no regaço de Panúncio. Matilde não quis chamá-lo logo, ficou espreitando o silêncio da ruína e adivinhando a fúria de seu avô, quando descobrira a ausência de Catarina que não lhe trouxera alívio antes lhe agravara a culpa.

Vendo Sira recolher-se no grande livro dos santos e o sossego faltar-lhe para os negócios da terra, Panúncio enlouquecera certa manhã e destruíra tudo o que havia na câmara de comer com um machado e ainda matara do mesmo modo dez servos dos mais fiéis que encontrara no caminho do seu remorso. Exausto, deixou enfim cair a arma ensanguentada e pensando em Catarina que não amava, abandonou-se ao pranto

que lhe não trouxe alívio. Vendo a seus pés os servos mortos aumentando a sua culpa, murmurou sem alento Perdoa Senhor a minha soberba. Mas o Senhor não perdoou e sobre a casa grande desceu a tristeza que o tempo não apaga e Panúncio não encontrou outra resposta que não fosse o abandono da terra e do céu.

E tudo isto adivinhava Matilde vendo-o ali entregue ainda à violência de um desamor antigo. Sabendo dos seus pecados, também o abade se recusara a receber Panúncio no seu convento e pensando no clérigo de que lhe falara a mãe, a imagem de Panúncio dormitando na cadeira envelhecida lembrou-lhe um certo monge que viera um dia visitar Catarina no monte das oliveiras. Ouvira falar dela na fonte às mulheres da vila. Diziam que era necessário expulsar dali a mulher que trazia os homens no pecado e baixavam a voz quando com medo se referiam ao

monte fertilizado pela água que trouxera a senhora odiada e temida fortemente. O monge dirigia-se ao convento do deserto e parara ali para acalmar a sede e descansar um pouco antes de retomar o caminho. As mulheres deram-lhe água respeitosamente e depressa se esqueceram da sua presença, entregando-se à conversa sobre Catarina. O bom monge percebeu tratar-se de uma mulher de pecado, mas não pôde entender no falatório das mulheres uma vaga gratidão que lhe dedicavam sem no entanto o deixarem transparecer claramente. Não podia saber que Catarina tirava aos homens o peso da culpa e que sem os ouvir adivinhava em silêncio os seus segredos e inquietações e eles voltavam aliviados pela partilha tácita de todos os males e alegrias, dedicando às suas mulheres o amor que a paz no espírito permite. Divididas por sentimentos contraditórios, as mulheres de tudo falavam e nada faziam pois desejavam verdadeiramente

que tudo permanecesse. O monge de nada disto podia saber e pensou que era seu dever trazer aquela mulher de pecado ao bom caminho e espalhar pelo povoado a alegria na observância das leis do Senhor. Tomou assim o caminho do monte das oliveiras, maravilhando-se com a formosura da terra e da água abundante. Estava Matilde brincando por baixo da oliveira velha, quando o viu chegar ofegante pela subida e Catarina dentro de casa adivinhou o temor de Matilde e disse a Teresinha que fosse pelo homem que chegava e o trouxesse junto a si. Teresinha obedeceu e ao monge surpreendeu primeiro a ausência de qualquer formosura no rosto e no corpo da pecadora. A senhora de que ouvira falar na fonte poisou nele o olhar devorador e sorriu adivinhando-lhe as intenções. Aguardou com paciência que ele lhe falasse e o monge sentou-se junto a ela no grande leito de palha, tomou-lhe a mão, o odor das amêndoas

envolvendo-o docemente, falou-lhe do pecado e do Senhor que a todos perdoava se cada um se arrependesse. Catarina ouviu respeitosamente sem contudo desviar dos dele os seus grandes olhos baços e foi sem surpresa que sentiu o monge procurar com o rosto o seu regaço e aspirar contrafeito o odor das amêndoas e tomá-la e fazer com ela o que é costume fazer homem com mulher. Como acontecia sempre no leito da senhora do monte, o monge não sentiu o pecado pesar-lhe no peito, onde também não encontrou arrependimento. E procurando os olhos enfim cerrados de Catarina, o monge perguntou-lhe se era ela um anjo na terra e ela respondeu-lhe abrindo um pouco os olhos cansados do amor Os anjos são frágeis e não consta que tenham parido alguma vez. Vendo que o rosto do monge se contraía levemente, Catarina contou-lhe a lenda de S. Julião que ele já conhecia, mas foi como se nunca a tivesse ouvido.

Enquanto o santo monge descia o monte, Matilde vigiara-o por trás da oliveira velha e as pregas que observara no pescoço junto ao capuz de grossa lã assemelhavam-se às pregas que via agora no pescoço de seu avô Panúncio. E foi enquanto o notava que Panúncio sentiu espalhar-se pelo ar o perfume a alfazema do vestido azul e deu-se conta da presença de sua neta. Quando se voltou para ela querendo levantar-se, permaneceu sentado, tomado como foi de grande espanto. Matilde tinha nos cabelos a cor de fogo dos de Sira e a pele tinha a tonalidade das madrugadas claras e os olhos azul quase negro eram os que esperara encontrar em Catarina que nunca amara. E mais o corpo grácil cingido de azul fazia de sua neta a mulher mais formosa que Panúncio contemplara em dias de sua vida.

Matilde reconheceu o espanto de Panúncio que de princípio foi igual ao de todos no monte das oliveiras quando começou a abandonar o tempo da meninice, revelando uma formosura inaudita e violenta. Até mesmo Teresinha, que com ela estava sempre, não podia dominar em si o desejo da contemplação quando a encontrava inesperadamente por trás de uma oliveira dormindo, ou numa esquina da casa brincando com as aves do monte. Os homens orgulhavam-se daquela filha comum e graças à pureza de Matilde puderam enfim julgar que naquele monte abençoado nascera uma criatura do céu. Todos se alegravam, só Catarina ensombrecia quando a formosura feroz de Matilde lhe trazia à lembrança o véu e o quarto da janela grande sobre o pátio e o pai e a casa, tudo lhe entrava no espírito com tal violência que por algumas vezes perdeu os sentidos e os homens tiveram de levá-la em braços para casa, pensando se haveria

afinal lugar para a morte no monte das oliveiras. Catarina despertava sorrindo com gravidade e nessa noite apertava contra si Matilde e adormecia em sossego contando a lenda de S. Julião.

Um dia, era já Matilde mulher feita, quis Tomás que Teresinha a acompanhasse à vila para que conhecesse outras gentes e participasse nos bailes, talvez algum moço se enamorasse dela e a quisesse por esposa. Aos outros causou surpresa a ideia de casar Matilde mas não puderam encontrar razões para tal espanto e concordaram com Tomás. Catarina, ouvindo o que os homens diziam, foi de novo tomada no seu espírito pela imagem da janela grande sobre o pátio, velada como ela, e o templo e a luz dos vitrais cegando-a agora depois de tanto tempo e o ar daquela manhã em que tirara o véu e o pai esperando na igreja o conforto do santo abade seu padrinho. David no amor que lhe tinha assustava-se vendo-

a assim consumida por sombras desconhecidas, todo o monte das oliveiras parecia enfim envelhecer. Nessa mesma noite, a filha de Panúncio anunciou à menina a visita à vila, o baile e os moços e as moças dançando, e Matilde adormeceu animada de desconhecida excitação. Quando o dia chegou, Teresinha ajudou a moça a envergar o vestido colorido que para o efeito tinham trazido os homens e sem se despedirem de Catarina, a mãe, partiram para a vila. Ainda recordava com horror aquele dia longínquo em que pela mão de Teresinha alcançara primeiro a fonte, depois o templo obscurecido, o ar abafado pela muita gente que ali aguardava o ofício, mas também pelo fumo dos círios e por não haver janelas. Quando Matilde entrou no templo, mal teve tempo de habituar os olhos à escuridão já todos os presentes tinham nela os olhos ancorados sem piedade. Com a luz por trás atravessando alegremente o portal do templo,

desenhando-lhe a delicada figura de virgem, o cabelo cor de fogo caindo pelos ombros em anéis, a pele resplandecendo, Matilde assemelhava-se a uma aparição e por alguns momentos o silêncio que guardaram todos no templo assustou Teresinha que puxou por Matilde, procurando encontrar um lugar adequado. Mas as crianças primeiro e depois as mulheres foram cercando Matilde e quiseram tocar-lhe o vestido colorido, saber de que matéria era feita a sua formosura. Esquecidos de que era bastarda e filha da senhora do monte das oliveiras que odiavam e temiam e secretamente respeitavam, julgavam enfim compreender a singularidade de Catarina. Cristóvão então, usando de força tomou Matilde pela cintura e levou-a para fora do templo e todos os pais de Matilde barraram a passagem do portal com os corpos, dispendo-os a todo o sacrifício. A menina correu para o monte das oliveiras e o

horror daquele momento nunca mais lhe abandonou a lembrança. Catarina esperava-a já, a casa grande e o véu e o templo do convento assaltando de novo o seu espírito torturado. Matilde refugiou-se na muralha dos braços de sua mãe, que só pôde acalmá-la repetindo baixinho a lenda de S. Julião. Quando Teresinha chegou ao monte das oliveiras, Matilde dormia um sono perturbado e Catarina, que nunca vira chorar, chorava sobre sua filha sem agitação.

Depois daquele dia, correu por todos os povoados de redor a notícia de que no monte das oliveiras habitava uma criatura do céu e o monte não mais deixou de ser assaltado por todos os que a queriam ver e tocar e amar. Com o passar do tempo Teresinha e os amantes de Catarina já quase não conseguiam deter os que assim procuravam a sua morada.

Panúncio levantou-se por fim e tomando as mãos de Matilde ajoelhou, beijando-as e banhando-as com seu pranto de arrependimento e dorido remorso. Pensava no tempo em que nascera Catarina, em como esperara que crescesse assim com o sinal da eleição que era a formosura e julgou acreditar que mesmo assim não lhe teria tido amor. Matilde adivinhou-lhe os pensamentos e sofreu com Panúncio que uma vez mais pedia perdão ao Senhor por seu pecado de soberba e por sua fraqueza infame. Depois Matilde conduziu-o de novo até à velha cadeira e condoída contou o que ali viera contar, repetindo as palavras de sua mãe na despedida.

Quando até de noite vinham as gentes procurar Matilde e sua formosura de donzela, Catarina pediu a Teresinha que preparasse a menina para um passeio longo e Teresinha temeu que fosse chegado o tempo de tudo terminar. Reparou

então que para a senhora do monte das oliveiras era como se o tempo não tivesse passado, a mesma pele amarelada e doentia, os mesmos olhos entre o castanho e o preto, o mesmo cabelo baço e escorrido, atado nesse dia por uma fita de linho branco. Na verdade Catarina permanecia como quando tirara pela primeira vez o véu a que se vira obrigada desde a meninice. Antes de partir, a senhora do monte das oliveiras tirou da arca que tinha junto ao leito um embrulho de linho branco e levando-o consigo procurou no horizonte o monte mais alto e com Matilde dirigiu-se para ele. Esperava Catarina que dali se visse o deserto de S. Julião e tal acontecia em dias de peculiar clareza, o que não era o caso. A mãe de Matilde esperou então em seu íntimo que o vento quente fosse suficiente para que sua filha muito amada tudo compreendesse. A herdeira de Panúncio sentara-a junto a ela, fizera-a olhar os campos a seus pés e a cor do céu engalanando-se

àquela hora tardia e todos os pontos brancos que eram casas e representavam para ambas perigo maior que o frio da noite chegando. Matilde não poderia esquecer a imagem de Catarina, a mãe, naquele dia. Levara o vestido cor do deserto que David lhe trouxera no primeiro dia, mas não cheirava já a mulher estranha, cheirava a amêndoas doces como tudo o que era bom para Matilde. Pensando que durante o dia não a vira comer amêndoas ou beber da água das fontes, a menina compreendeu confusamente que se despediam e esperou ouvir de novo a lenda de S. Julião, porém sua mãe falara-lhe da casa de Panúncio e do véu e da janela grande sobre o pátio e do logro que tivera lugar na capela do convento, o livro sagrado em troca do hábito de monge e da contida ferocidade que tinha o coração de Panúncio seu pai, abrindo-se naquela manhã. Dissera-lhe também que procurara S. Julião no convento aos pés do deserto e não o

encontrara, acrescentando que não devia Matilde querer-lhe mal por isso, afinal não há alma que possa conter em si o sopro de tantas vidas, sem perecer quando o Senhor se ausenta, ela Matilde sabê-lo-ia um dia não muito longínquo. E exausta Catarina nada mais disse durante longo tempo, ouviam ao longe a noite e o deserto subjugando todas as criaturas. Depois Catarina olhou Matilde com seus olhos devoradores e disse-lhe que deveria compreender agora que chegara o tempo de partir para o deserto de S. Julião, juntar-se a ele, e Matilde pensou com alegria que partiria com ela, mas não era essa a vontade de sua mãe. Filha, por força terás agora de fazer o caminho de regresso à casa grande e cumprir o teu e o meu destino. Teu avô Panúncio espera ainda o herdeiro que lhe poderás dar. Volta filha à casa grande e devolve-lhe a antiga luz, oferece-lhe a tua vida e a tua formosura e diz a teu avô Panúncio que S. Julião não chegou

nunca ao convento que o esperava e que não lhe deve ter desamor por isso nem ao mundo nem ao céu. Diz-lhe também que em ti cumpriu o Senhor todas as promessas. E como percebesse que sua filha sofria, Catarina voltou a dizer procurando ser clara que ali deviam separar-se, que a vida lhe pesava e que só no deserto de S. Julião encontraria ela alívio para o sofrimento da sua alma. Matilde quis então saber de sua mãe como poderia ir assim pelo mundo ostentando a formosura que lhe quisera conceder o Senhor e lhe tornaria impossível avançar em qualquer caminho. Catarina refletiu um pouco como se não conhecesse já a resposta que conhecia, e por momentos o vento do deserto fez-se ouvir nas árvores e nos pássaros adormecendo. No grande livro dos santos que Sira lia para mim, contava-se que os eleitos se entregavam a duras penitências para merecerem o amor do Senhor e que assim perdiam a formosura do corpo, só o

espírito fortalecia. Farás, filha, como eles, vestirás o hábito de monge que me trouxe aqui e que guardei para ti todos estes anos. Faz como te digo que este é o teu destino. E Matilde recebeu de Catarina por legado um hábito de monge envolto num pano de branco linho e um rumo a seguir. Ouves filha a voz que traz o vento do deserto e me está chamando? Matilde esforçou-se muito mas venceu-a o cansaço e adormeceu no regaço de Catarina, a mãe, que por uma última vez lhe foi narrando a vida de S. Julião do deserto, como se tencionasse ali ficar com sua filha adormecendo para sempre ou até ao fim do mundo. Na manhã seguinte quando Matilde despertou, Catarina já não estava e ela foi relembando a despedida. Permaneceu no monte mais alto muitos dias, privando-se de comida, sofrendo o vento e o calor e o frio que a terra e o céu lhe enviavam. Atirou-se às rochas do monte para que lhe talhassem a pele do corpo e quando

a chuva veio não se abrigou, antes tomou um raminho verde e feriu-se com ele até ver o sangue diluir-se insignificante na água da chuva. Foram quarenta dias de voluntário sofrimento até Matilde vestir o hábito de grossa lã e tomar o caminho que a afastaria para sempre do deserto e de Catarina, a mãe, demandando como era seu destino a casa grande de seus avós Panúncio e Sira. Descendo o monte onde abandonara a formosura de seu corpo, Matilde lançou um último olhar ao monte das oliveiras onde a casa de Catarina se transformara em santuário, ali veneravam as gentes Santa Matilde que haviam deixado de ver mas recordariam para sempre. Quis apagar do espírito a imagem de Teresinha mas não pôde e juntando-se aos fiéis daquele engano procurou-a para a libertar de uma espera vã. Teresinha não a reconheceu no seu hábito de monge, liberta da formosura por tanto sofrimento. Ama, não esperes mais que devo

partir para longe. Catarina minha mãe não voltará também a este lugar. Teresinha percorreu-lhe o rosto com dedos trémulos, entendendo tudo e sofrendo e pensando que afinal alguma verdade havia no fervor daquela gente, orando por seus males, e nem tudo era engano. Matilde deixou Teresinha sem sofrimento, pedindo-lhe silêncio e segredo e dizendo que sempre lhe teria um amor infinito.

E agora ali estava contando o que por força devia contar a seu avô que não a sua avó, pois esta não sabia já outras palavras para além das da lenda de S. Julião, amortalhando-a. Panúncio ouvira tudo apertando no peito o gemido da vergonha, as mãos nodosas capazes de matar e de morrerem. Na pele de Matilde não havia marca alguma das penitências que sofrera e o seu cabelo anelado brilhava com o fulgor do fogo crepitante. Poderei agora casar com um moço de

boa condição, senhor meu avô, e trazer a estas terras o herdeiro que tanto desejas. E enquanto o dia se esgotava, ali ficaram Panúncio e Matilde procurando no futuro a redenção do passado que a não tinha.

No dia seguinte, Panúncio mandou que viessem mais servos para que se limpasse a casa e a terra, mandou que se reparasse o que havia para reparar e que se deixasse entrar a luz pelas janelas e se pusessem de novo as flores amarelas de Sira nos vidros e nos cestos. Panúncio ordenou também que se devolvesse enfim à casa o que Catarina levava para a câmara grande. Sira permaneceu com seu livro e seu banquinho e a sua voz que era como o coração da casa batendo envenenado. Panúncio tornou a amá-la enquanto desejava que pudesse ver a casa grande voltando ao que fora, quando apanhara os lírios caídos dos cabelos cor de fogo radioso. Acreditava o senhor da terra que a alegria voltaria à casa grande e no

seu coração veria extinta a dor e o remorso e a vergonha, mas não foi assim e Panúncio não pôde evitar o sentimento de viver em casa de súbito alheia, criar uma mentira que só a vontade animava. Tratou porém de tudo esconder de Matilde e de encontrar para ela um esposo que honrasse a condição da família da casa grande. Mandou vir de longe um vestido ricamente ornado para a noiva mas evitava olhar o rosto da sua neta tão amada pois sempre o feria a formosura que não deixava de aumentar. Matias foi o moço escolhido entre os melhores das famílias de boa condição. Era o último de quatro irmãos e nada possuía de seu a não ser um coração generoso e uma figura de príncipe. Panúncio de tudo tratou com o pai de Matias, descrevendo Matilde sumariamente, impondo a condição de que a cerimônia se realizasse sem demora e acrescentando que tudo o que era seu seria dado aos noivos permanecendo na sua

posse apenas a casa grande enquanto Sira e ele próprio vivessem. Com tudo concordou o pai de Matias e, no dia aprazado, Matilde entrou velada no templo do convento e nem mesmo o noivo a vira alguma vez. Panúncio desejou encontrar no altar o abade seu amigo, mas este morrera já e no convento não era visível qualquer sinal da sua memória. De novo Panúncio, entregando Matilde a seu esposo, pensou que tudo lhe era estranho e só o peso da sua culpa jamais o abandonava. Os monges haviam ensaiado cânticos novos para a cerimónia e foi lembrando Teresinha que Matilde abandonou o templo na companhia de seu esposo, os lírios da coroa selando o véu que nunca no templo deixara de a proteger. Matias, o noivo, levou-a para a casa que lhe dera Panúncio e agora era sua e, quando com direito retirou a coroa de lírios e o véu, enamorou-se com violência da mulher desconhecida que lhe haviam entregado por esposa, Matilde

abandonou-se ao seu amor como se o amasse e não amava. No dia que se seguiu, Panúncio, aguardando a madrugada na velha cadeira da câmara de dormir e sentindo o vento do Outono e o perfume dos frutos do campo a entrar pela janela aberta, pensava que o mundo por fim recebera o concerto possível e na verdade nada era como supunha. Três meses passados, Matias veio trazer Matilde à casa grande de seu avô, dizendo que não poderia com ela viver ou ser feliz e que o seu amor se extinguiu. Disse-lhe que Matilde tudo sabia e tudo adivinhava, sabia a história de cada objecto sem que jamais lha tivessem contado e sabia de onde vinham as flores que os servos traziam por ordem do senhor da terra e da casa e sabia tudo o que ele pensava e fazia sem que houvesse modo de o saber. E sabia mais quando choveria e quando nasceriam os filhos dos servos. Por Deus, senhor, perdoai-me mas na minha casa deixou de haver mistérios

e sem eles sufoco. Não disse Matias a Panúncio que os servos veneravam Matilde por sua formosura e seu estranho saber e tudo faziam para a ver e para a amar e para dela terem uma palavra ou um objecto, e não disse Matias estas coisas pois não sabia explicar porque o deixavam infeliz. Matilde envergando o véu com que casara, por ordem de seu esposo, ouviu tudo e sofria mais por seu avô que por Matias ou ela própria. Pensou em Catarina, a mãe, e desejou ter recebido por legado, juntamente com a virtude de tudo adivinhar e o hábito de monge, a sabedoria de tudo calar. Porém Matilde não suportava o peso do que adivinhava por vontade do Senhor, prometia inúmeras vezes a si própria guardar segredo do que sabia, lembrando o alívio dos amantes de Catarina depois de terem entregado a alma em silêncio e terem em troca recebido o mesmo silêncio. E por todas as vezes, Matilde não pôde deixar de se abandonar à maldição de

tudo revelar e sem temor viu crescer contra si o desespero de seu esposo. Diante agora de seu avô sofrendo e de Matias, Matilde agradecia porém ao Senhor a graça de voltar para a casa grande onde tudo começara e onde tudo terminaria. Matias partiu evitando procurar por trás do véu a formosura de Matilde, que de novo o aprisionaria como tantas vezes acontecera nos breves meses em que a tivera por esposa. Não sabia ainda Matias que haveria de voltar mais tarde para espreitar a casa grande. Na verdade, haveria de percorrer vezes sem conta a distância que separava a sua daquela morada, haveria de pernoitar junto aos muros altos das terras de Panúncio, depois de os ter trepado ansiando por algum sinal de sua esposa. Matias haveria de sofrer até à ruína o amor que ali vinha rejeitar e jamais se extinguiria. No mesmo dia em que Matilde voltou para a casa grande, Panúncio entregou a alma ao Senhor e Matilde chorou-o

sozinha, encarregando-se depois das cerimónias, sempre velada por temer a maldição da sua formosura. Ordenou também que as limpezas se fizessem de madrugada, guardando junto a si apenas a velha serva Cassilda, que não mais abandonou a casa enquanto viveu e preparava o parco alimento de que Matilde necessitava. A nova senhora da casa grande fechou-se nela para que nenhuma alma a pudesse ver ou venerar, e como tivesse também tomado a seu cargo os negócios da terra, sempre que estes a obrigavam a sair, fazia-o velada para que ninguém a temesse ou amasse. Quando Sira morreu também em seu banquinho, o livro dos santos caído por terra, Matilde instalou-se junto à janela grande sobre o pátio, aprendeu sozinha a tecer no tear de Catarina e mandando queimar uma a uma as tapeçarias da casa foi-as substituindo por outras feitas por ela, todas afigurando a gloriosa vida de São Julião do deserto. Nas noites em que Matilde

se demorava tecendo, Matias junto ao muro do pátio espreitava a sombra da mulher amada, dando graças infinitas ao Senhor pela pobre luz trememente e insegura que assim lhe permitia vê-la.

## BERNARDO

Martinho acordou era ainda noite. Não foi lentamente que despertou porém, na verdade, a inquietação pelo dia que os pássaros anunciavam dominara-o toda a noite. Antes de abandonar o catre da câmara junto à capela, o frade esperou que pela janela pequena a noite se mostrasse diminuindo, a humidade da manhã ouvia-se cobrindo o bosque e os pássaros, o vasto chão da terra. Finalmente não pôde esperar mais, abandonou o catre e vestiu-se. Na escuridão da capela que fora ermida, procurou o altar de fria pedra, e a virgem de palha olhou-o sem surpresa com seus olhos de semente quando atravessou as lajes da capela e se dirigiu às portas de madeira que ele próprio fabricara. Martinho abriu-as com

solenidade e ao gemido da madeira a roçar na pedra juntou-se de seguida o barulho do voo repentino de todas as aves do mundo. A manhã chegava com vagar e alegria e ele aspirou o ar frio, retardando a cerimónia a que sempre se entregava àquela hora. Enfrentou enfim uma das paredes exteriores da capela onde, muito tempo antes, fora representada por milagre a figura de uma virgem de tal formosura que não se podia dizer. Martinho percorreu-lhe os traços com os dedos, recebeu no espírito o espanto de sempre, lembrando Bernardo em pranto, as mãos cheias de tinta que a tempestade lavava. Como fez Deus para te reconhecer depois de tantos pecados, pensava Martinho ao embalar a memória de Bernardo que tanto amava ainda. Orou depois, pediu ao Senhor a graça do perdão para os seus pecados em que sem arrependimento persistia e a luz foi abraçando o bosque. Martinho voltou a entrar na capela e dedicou-se à preparação do

altar de pedra, era o dia tão esperado de S. Bernardo e os fiéis estariam a chegar, trazia-os o desejo de ouvir uma vez mais os feitos gloriosos de Bernardo pela voz amarga de seu amigo de sempre. Estariam já a sair de suas casas envergando as vestes mais quentes, que a manhã era fria. Pouco falariam pelo caminho, caminhariam lentamente e pensariam na última festa de S. Bernardo, no que depois dela acontecera, na voz do monge que todos os anos lhes contava a mesma história de modo diverso. Pensariam também na fortuna de Martinho por ter seguido todos os passos do santo e o ter conhecido e o ter amado, nunca Deus lhes havia concedido ventura que se assemelhasse. Viriam já pelo caminho do bosque, deixavam para trás o povoado entregue aos animais, não temiam porém, era no serviço do Senhor que o faziam, nada lhes aconteceria, saudavam os peregrinos que de terras mais distantes vinham chegando.

Martinho pensava neles e esperava-os, mas não lhes tinha amor e por isso não lamentava enganá-los assim, fazendo-se passar por monge que nunca chegara a ser, contando-lhes tantas mentiras em celebração de um amor que só a ele pertencia. Bernardo costumava dizer das almas dos fiéis que eram pequenas, que pediam enganos e os devoravam sem piedade e dizia mais que tinham direito a um mundo simples como os espíritos incapazes que os animavam. No convento da sua meninice Bernardo havia sido muitas vezes repreendido por assim julgar os homens, mas a ele os monges tudo perdoavam porque o Senhor lhe dera o génio admirável das mãos e por sua graça que a todos desarmava.

Bernardo e Martinho haviam chegado na mesma madrugada ao convento, eram ainda meninos, o serviço ao Senhor não o haviam escolhido ou mesmo desejado. Tudo o que possuíam era um nascimento nobre e algumas

memórias de regaços maternos e salões desertos, conheciam pela primeira vez a madrugada. Martinho entrou sozinho pelo portal do convento procurando alguma luz que alumiasse o caminho, o imenso vulto do mosteiro apenas se adivinhava. O menino sentia sono e fome e raiva por quem assim escolhera para ele aquele destino e o entregara às sombras. O monge que o recebeu conduziu-o às portas pesadas que se abriram para o deixar passar e depois abandonou-o numa sala grande, o chão de pedra fria, e Martinho desejou ter voz para rogar ao frade que não fosse, não o abandonasse ali, uma vela na mão e ao longe o murmúrio dos monges despertando para os ofícios. Pouco tempo depois, o frade regressou com outro menino que era Bernardo e deixou-os aos dois, a parca luz de duas velas para se conhecerem. Martinho sentiu-se reconfortado com a presença do outro que como ele chegava para esperar e, à luz das velas, procurou

conhecer-lhe o rosto, esperando encontrar o mesmo temor que sentia e a mesma raiva também, porém Bernardo sorria, parecia até feliz por estar ali entregue ao escuro e ao imenso convento de pedra. Bernardo saudara-o alegremente e pusera-se, erguendo a luz da vela, a perscrutar as paredes e os bancos compridos de madeira que lá havia. Examinou cuidadosamente os arcos das janelas, mediu a sala com passos largos, e Martinho teve-lhe amor e agradeceu ao Senhor a dádiva de tão singular criatura para companheiro de espera. Chegou então um monge velho de peles moles e voz arranhada e logo Bernardo se aproximou aos pulos, o que desfez um pouco a solenidade com que lhes vinha falar o velho frade. Martinho pensou que a alegria de Bernardo lhe viria de amar o Senhor, do desejo sincero de o servir e de entregar o seu destino ao saber dos monges para glória de Deus. Mas não era assim, Bernardo nada desejara, nada

escolhera, no seu caminho encontraria sempre com que se alegrar, era a sua natureza. Não foram precisos muitos dias para que Martinho se desse conta disso e mais o amou e mais desejou seguir-lhe os passos. O velho monge disse-lhes que se sentia feliz com a chegada dos meninos e que não dispunham de muito tempo para trocarem as nobres vestes que traziam por outras de noviço, de modo a poderem assistir aos primeiros ofícios. Conduziu-os depois pelo convento que as velas tornavam mais tenebroso, mostrou-lhes o seu lugar no vasto dormitório e os hábitos que os esperavam. Martinho sofreu sem paciência o frio.

No altar estava já tudo preparado e as portas da capela deixavam entrar o sol frio de Inverno e o bosque abria-se, permitindo a chegada dos que vinham para ouvir. Eram homens e mulheres prontos para se humilharem diante dos sinais de

Deus e meninos sonolentos esperando a voz misteriosa de frei Martinho que tomou lugar junto ao altar. Olhou os seus fiéis com severidade esperando o silêncio e depois aclarou a voz e depois começou o conto. Sabei que é verdade o que vos digo pois tudo testemunhei ou soube de fonte segura. De novo olhou os fiéis com severidade para que se sentissem seguros. Numa cidade longínqua, vizinha do mar, o pai e a mãe de S. Bernardo, nobres senhores, amigos de reis e imperadores, possuíam das riquezas do mundo quase tudo. Viviam numa casa toda de mármore e cristal e possuíam terras e servos que vestiam de ricos panos. Tinham jóias que as rainhas invejavam e cavalos magníficos que os príncipes desejavam e tinham barcos tão formosos que nem na linha do horizonte se podiam confundir. Nos seus jardins e salões costumavam oferecer festas que em cidades longínquas se tornavam lendas. Faltava-lhes

contudo o que mais desejavam e isso era o filho que o Senhor teimava em guardar para si. Para se mostrarem merecedores de tão ansiado dom, distribuíram muito da sua riqueza pelos pobres que sempre vinham bater-lhes à porta generosa, quase perderam as forças rezando ao Senhor pela graça de um filho e esperaram com paciência e fé por longos anos de sofrimento. Apiedou-se um dia o Senhor deles e ouviu-os, a mãe de S. Bernardo concebeu sem demora e enquanto no ventre a santa criatura crescia, sua mãe recuperava as forças e a juventude, e a riqueza que perdera não lamentava. Na noite clara em que o menino nasceu viram-se por toda a cidade os sinais do Senhor. Foram estrelas que caíram e trovões que se ouviram e a terra tremeu mas nada foi derrubado pois não era por mal que o Senhor se manifestava. Os homens saíram para a noite e cantaram louvores e esperaram outros sinais que

não vieram, pois Bernardo nascera e nele estavam contidos todos os sinais.

Observando o espanto no rosto dos fiéis, Martinho pensava que na verdade nada sabia da vida de Bernardo antes do convento. Nunca ele lhe falara dela e Martinho gostava de pensar que o não fizera para assim lhe dizer que o amava e a vida começara quando o conhecera na primeira madrugada no convento.

Terminados os ofícios, o dia ainda não nascera e Martinho sentiu-lhe a falta, julgou que a luz o tinha abandonado, seria sempre noite. O velho monge viera procurá-los e com gestos afáveis e discretos conduziu-os à vasta oficina de carpintaria, atulhada de madeiras de muitas cores e feitios e de pó e de alfaías que serviam para transformar as árvores que ali chegavam ainda verdes. O monge que lá trabalhava chegava dos ofícios também, possuía cabelo e barba

abundantes e grisalhos, e todas as rugas do rosto se alargavam quando lhe acontecia sorrir. Frei António não falava muito, Bernardo e Martinho souberam dias depois que havia chegado ao convento pouco tempo antes e quase nada se sabia dele, a não ser que era de origem humilde e conhecia a arte do seu ofício como ninguém. Era também impossível não admirar o modo como se fazia entender com poucos gestos e breves palavras, fechava os olhos para dizer que sim e fazia estalar levemente a língua para dizer que não. Via-se-lhe nos ofícios o sofrimento antigo e no modo de afagar a madeira a bem-aventurança de ali estar, na sua oficina, entre os troncos de árvores velhos e recentes. Alguns meses depois, Martinho pensou que não deveria agradar a frei António a presença dos meninos na sua oficina, mas nunca o monge fora com eles impaciente ou deixara de lhes mostrar o afecto diminuto de que era capaz. Naquela madrugada frei António

aguardava que a luz viesse iluminar-lhe a oficina para que pudesse começar o trabalho, por isso ouviu como se não ouvisse o que tinha o velho monge para dizer aos meninos. Bernardo e Martinho, apertando os punhos por mor do frio, admiravam ainda a oficina parcamente iluminada quando lhes disse o monge que ali trabalhariam com frei António a seguir aos ofícios e até ao repasto. Depois, deviam entregar-se ao estudo pela mão dos doutos monges do convento. Bernardo e Martinho disseram que sim, que tudo haviam compreendido e o velho frade retirou-se com sua vela na mão enregelada. Com um aceno, frei António convidou os meninos a sentarem-se perto dele até que a luz viesse enfim permitir-lhes o trabalho, o que não tardaria a acontecer.

Antes mesmo de atingir a idade dos estudos, S. Bernardo confirmava que o escolhera o Senhor. Aprendeu a ler o livro sagrado sem auxílio e não

o viam brincar como é costume dos rapazes, antes o iam encontrar muitas vezes recolhido em orações por trás de alguma porta ou perto de uma janela inacessível. Comia apenas alguns vegetais por dia e um pouco de água lhe chegava para aplacar a sede, de noite quase não dormia, repetia sem cessar a palavra do Senhor. Das riquezas que o circundavam não fazia caso, antes parecia pesarem-lhe, afastava os servos com doçura e humilhava-se mesmo diante deles pedindo perdão por faltas que não cometia. Os veneráveis senhores seus pais entregaram-no por fim aos monges para que lhe ensinassem o que pudessem.

Enquanto ia assim pausadamente contando aos seus fiéis a história de S. Bernardo, fazendo-os esperar, não demasiado porém, pela parte dos milagres, Martinho notou a presença de um moço que chegava atravessando a luz das portas abertas. O monge empalideceu como se o

reconhecesse e na verdade nunca o tinha visto. Trazia a roupa cheia de pó, chegava portanto de longa viagem, ao ombro transportava uma viola de arco e foi por isso que Martinho soube como ganhava a vida e porque trazia as vestes carregadas do pó dos caminhos. Sem dar por isso, fez no conto uma pausa que os fiéis estranharam, habituados como estavam a maior agilidade. O moço aproximara-se e sentando-se no chão apertou com os braços as pernas fletidas. Martinho podia assim ver-lhe bem as mãos, e aquelas mãos, como poderia esquecê-las?

Frei António havia-lhes ensinado primeiro a tratar a madeira e depois a talhá-la e depois a arte de construir coisas simples como bancos ou portas, as mais das vezes, os meninos ajudavam frei António a construir aquilo de que o convento tinha real urgência. Martinho aborrecia-se tanto na oficina de frei António como com o estudo

dos livros, só o amor que tinha por Bernardo lhe trazia alegria e só por ele se esforçava, para que pudesse orgulhar-se. Bernardo cantarolava sempre, aprendia com rapidez, atirava aos monges gracejos que os faziam rir, mesmo quando vinham com malícia. Com o tempo tornara-se a alegria dos irmãos na fé e por isso algumas inconveniências lhe foram permitidas. Durante as horas de trabalho na oficina, Bernardo descobrira que conseguia projetar para longe a voz sem mover os lábios. Dedicou-se algum tempo a aperfeiçoar tal técnica e um dia, durante os ofícios, cantavam os monges louvores ao Senhor, Bernardo simulara o ronco de um irmão adormecido. Desconcertados, os monges procuraram sem sucesso o culpado de tão ignóbil distração. Frei António rira já muitas vezes com as habilidades do seu aprendiz e, compreendendo o logro, procurou-o com os olhos e poisou nele todo o sofrimento do seu rosto fechado. O ronco

demorou-se ainda e depois cessou. Como sempre se fizera desde que havia memória, no refeitório, os monges procuravam comer em silêncio, ouvindo ler as Vidas edificantes dos santos e apreciando a sábia leitura que lhes tornava menos inútil o tempo dispendido com o corpo. Mas Bernardo comia ruidosamente e ria-se quando pelo contrário devia emocionar-se, dizia em surdina que eram tolices tais histórias, compreendia que as houvessem feito os monges para os fiéis de cuja mediocridade não duvidava, mas que fossem lidas aos monges, era tratá-los como néscios e talvez o fossem se nelas acreditavam. Ignorando a ordem de silêncio, o noviço prosseguia gargalhando baixinho aquando do relato dos milagres e, por terem graça os acrescentos que fazia às vidas e as personagens que inventava, sempre da severidade dos castigos fora Bernardo desculpado. Martinho nunca o ouvira vangloriar-se de semelhante feito mas

sabia que o seu companheiro desprezava por isso os monges, tinha na piedade um sinal de fraqueza e não lhe importava o amor que lhe dedicavam. Interrogava-o também assiduamente sobre o que aprendiam da fé, de Deus e dos homens por ele criados, Bernardo ignorava-o as mais das vezes e Martinho sabia que o fazia por desprezar nele o parco entendimento do que era evidente. Os frades amavam Bernardo pela alegria que lhes trouxera, e admiravam-lhe o espírito veloz, não obstante sentiam-se culpados por se distraírem assim da austeridade da sua vida dedicada ao Senhor. Alguns penitenciavam-se até mas desejavam que o menino permanecesse para sempre com eles. Martinho não lhes queria mal por o esquecerem, compreendia que não fosse notada a sua vulgaridade junto ao espírito singular de Bernardo, seu companheiro. Na verdade bastava-lhe que amassem Bernardo, bastava-lhe

acompanhá-lo sempre na oficina de frei António, nos ofícios, nos estudos, bastava-lhe que o deixassem dormir no catre ao lado, sempre perto.

Frei António tinha na oficina um lugar interdito aos moços onde esculpia imagens de santos e santas, virgens e meninos. Algumas destinavam-se à ornamentação da igreja, outras saíam do convento por ordem do abade e ninguém sabia ao certo o seu destino. Bernardo dedicava particular cobiça àquele lugar da oficina e, quando surpreendia frei António distraído, ia cheirar as tintas e afagar as imagens ainda imperfeitas. Frei António repreendia-o e dizia que ali só poderiam vir trabalhar quando lhes cheirassem as mãos sempre a resina, querendo com isto dizer que faltava ainda muito tempo para que adquirissem a mestria suficiente. Uma madrugada, o aprendiz conseguiu chegar antes de frei António à oficina e, esfregando as mãos na seiva de um pinheiro

verde, obrigou Martinho a fazer o mesmo. Depois apresentou as mãos a frei António e disse-lhe divertido que era já tempo, não pretendia enganar o monge, apenas demonstrar-lhe como era contornável a sua recusa, desejava que se sentisse ridículo para mais facilmente vergar. Num relance frei António compreendeu o que lhe queria dizer e ignorando-o obrigou os dois a trabalharem com as mãos meladas como as tinham. Bernardo porém não podia esperar mais. Uma noite, já todos os monges dormiam e as aves da noite ouviam-se perto, Martinho viu-o alçar-se em silêncio e vestir-se, sentiu nos ossos o frio da noite e considerou que o sono lhe faria falta durante o dia, mas não pôde deixar de ir pelo convento atrás de Bernardo até à oficina. Quase se deixou dominar pela cobardia quando o viu preparar as tintas de frei António e uma tábua pequenina de madeira clara. Foi por lhe admirar a determinação e a bravura que se foi deixando

ficar, envolvendo-o com olhos de espanto e amor primeiro, depois reclinando-se sobre a serradura, depois adormecendo. Quando frei António entrou pela oficina pouco depois da hora a que costumavam erguer-se os monges, Bernardo estava prestes a terminar a sua tabuinha e Martinho despertava tolhido pelo frio, tremendo pela chegada do monge. Bernardo não se mostrava assustado, antes sorria sem inocência erguendo para o mestre a sua obra. Frei António tinha o rosto fechado mas aproximou-se para ver melhor a imagem de uma virgem com seu menino bem-amado e depois pousou os olhos no moço querendo castigá-lo, mas Bernardo não baixou os seus nem pediu perdão ou louvores. Tomava o génio das mãos por um sinal do Senhor, mais claro que os milagres que haviam inventado os monges para comover os fiéis ignorantes e incapazes, os mesmos que se liam também no refeitório. Frei António recuou

temendo pela sua autoridade e disse-lhe com dureza que eram esperados para os ofícios. Martinho seguiu Bernardo, não pensava no castigo que certamente sofreriam, procurava com os olhos as mãos do seu companheiro, bem vira na tabuinha os sinais da virtude. Bernardo não lhe dirigiu palavra e ele estava seguro de que nem mesmo se dera conta da sua presença. Enquanto seguiam ambos para os ofícios, Martinho amava e Bernardo ignorava deixando-se amar. No templo, frei António contemplou os dois noviços longamente e, mesmo quando se deixou dominar pelo sofrimento antigo, não desviou a atenção de Martinho que orava contemplando Bernardo com meiguice, suas preces eram como se o chamasse, o templo para Martinho estava todo nele. Frei António acolheu na memória a tabuinha que fizera o noviço durante a noite, era labor de inexperiente e não obstante tão claramente geniais as cores e as

formas. Bernardo na sua frente não orava nem mesmo se dera conta de que era com amor contemplado. Sobre o hábito escuro tinha uma mão pousada e a outra acariciava a primeira, depois estendia as duas e observava-as como se estivesse admirando a presença do Senhor sobre a terra.

Depois da pausa inusitada, Martinho retomou o conto desviando perturbado os olhos do moço que reconhecia sem nunca ter visto.

Na escola, S. Bernardo aprendeu velozmente o que lhe podiam ensinar os monges e o que lia nos livros dos irmãos na fé ou outros que vinham de propósito para que pudesse aprender o eleito do Senhor. Em todo o mundo, não havia ninguém mais sabedor que S. Bernardo das coisas da fé e das artes, na verdade discutia com os doutos mestres e sempre estes terminavam por se vergarem às suas razões iluminadas. Quando

se fez noviço não houve no convento irmão mais devotado, entregava-se com paciência e resignação ao jejum e a todos os sacrifícios, escusava-se à admiração e ao amor dos monges e noviços seus confrades. S. Bernardo vivia para o Senhor e pedia-lhe permissão para que a sua vida servisse de exemplo aos homens com boa vontade. Não poderia dizer-vos a quantos sacrifícios se entregou, como diminuiu o seu corpo em formosura para que lhe crescesse o espírito em sabedoria e graça do Senhor. Todos esperavam que quando tomasse ordens os elementos se manifestassem de novo e na verdade assim foi. No dia em que S. Bernardo fez os seus votos a terra voltou a tremer e o céu abriu-se para que passasse um raio de luz e, descendo por ele como por longa escadaria, veio um anjo junto a S. Bernardo, tocou-lhe levemente na manga do hábito e disse-lhe Criatura bem-amada, eu te trago em mensagem

que abandones o conforto do convento e que vás manifestar a graça do Senhor junto dos homens incrédulos. O anjo então virou costas, aspirou longamente o ar da terra e voltou ao cansaço de subir devagar pelo raio de luz que era longa escadaria. Martinho observou o efeito das suas palavras na alma dos fiéis e era como ele esperava, suspensos das suas palavras deixavam que o espanto lhes entreabrisse as bocas.

Depois daquela madrugada na oficina, frei António recomendara certamente Bernardo ao abade, pois fora por sua ordem que o haviam transferido da oficina das madeiras para o *scriptorium* onde deveria aprender a arte da pintura nos livros e empregar o seu imenso engenho em trabalho mais nobre. Martinho ficou com frei António e nele cresceu o desamor pelo abade e por frei António e por si próprio, sabendo-se incapaz. Não lhe valeu de muito

fazer-se mau aprendiz e tornar evidente o seu descontentamento, frei António usou de crueza nos castigos procurando que aprendesse a dominar o espírito por força da vontade e a entregar nas mãos do Senhor os desígnios da vida. Agora apenas podia ver Bernardo nos ofícios junto aos mestres. Via-o também quando se recolhiam todos ao dormitório, mas em vão procurava manter com ele conversação, saber do que fazia no *scriptorium*. Bernardo não perdera a alegria porém não incluía nela Martinho, já que a mediocridade lhe era indiferente. Os monges murmuravam baixinho a excelência de Bernardo na arte de pintar o pergaminho, dizendo que o Senhor lhe dera o génio das mãos, Martinho odiou-os por isso, não que tivesse ciúmes, doía-lhe a distância que as notícias sublinhavam. Certa noite, conteve o medo e o frio que sempre lhe tolhiam o corpo e quando ouviu a respiração dos monges dormindo, levantou-se e vestiu-se,

enlaçou Bernardo com um olhar dorido e abandonou o dormitório. Pelos corredores adivinhou o caminho do *scriptorium*, tateando e querendo ver mais do que lhe permitia a escuridão. Já alcançado o seu destino procurou um lugar confortável para dormir o restante da noite e adormeceu deitado sobre uma arca, percorrendo devagar com os olhos os livros e os armários e as mesas onde trabalhavam os monges e entre eles Bernardo, aprendiz e mestre por mor das mãos abençoadas que lhe dera o Senhor. Poucas horas depois, quando acordou, sabendo que eram horas de comparecer aos ofícios, procurou um lugar onde pudesse ocultar-se e de onde pudesse tudo ver. Passou muito tempo por trás de uma coluna contemplando Bernardo que manipulava as tintas e os instrumentos com destreza e alegria. Ouviu-o cantarolar cantigas impróprias para a sua condição e fazer com isso rir todos os monges do

*scriptorium*. Viu os outros espreitarem o trabalho do noviço com admiração e viu Bernardo olhar a arte de todos com desdém. Permitia-se mesmo comentar cruelmente gracejando, os monges rendiam-se, chegavam mesmo a recomençar e tudo lhe perdoavam, o noviço sabia agradar destruindo, mesmo os mais sábios se alegrariam com a sua aprovação. As mais das vezes, todavia, Bernardo permanecia sobre as suas alfaias, se não estivesse sempre assobiando, Martinho tê-lo-ia julgado iluminado, privado dos céus que representava com paciência nos livros preciosos. Pôs-se a pensar onde teria ele aprendido tais cantigas e torturou-se considerando que já nada sabia da vida de Bernardo, quis abandonar-se ao pranto mas teve medo de se trair.

A falta de Martinho no dormitório e nos ofícios fora notada e alguns monges logo foram encarregues de o procurar e de o levar à presença

do abade para que fosse repreendido. Frei António dedicou-se a terminar uma mesa que lhe encomendara o abade com urgência, mas como não regressasse o seu aprendiz dirigiu-se sem pressa ao *scriptorium*, surpreendendo os que não esperavam a sua presença. Martinho encolheu-se primeiro por trás da coluna, mas como frei António permanecesse esperando junto à porta, deixou-se ver, e mais se surpreenderam os monges que haviam interrompido o trabalho dos manuscritos. Bernardo teria rido se acaso não estivesse absorto na confeção delicada de uma tinta. Martinho bem o procurou com o olhar rogando uma palavra, um gracejo que fosse, um gesto que o salvasse ou confortasse no castigo certo. Nem mesmo assobiou ou as cantigas se ouviram, a atenção de Bernardo por nada se desviaria da tinta que preparava com gestos precisos. Só quando a terminou comentou em desdém a inabilidade do companheiro que se

deixara apanhar. Frei António fez sinal a Martinho que o seguisse e retirou-se tomando o caminho dos aposentos do abade sem se certificar de que era seguido pelo aprendiz. Ao noviço foi prescrito o castigo de ficar o restante do dia pedindo perdão ao Senhor junto ao altar, os joelhos por terra e os braços abertos. Quando frei António se retirava, ouviu-o cantar e estacou procurando as palavras que dizia. Martinho repetia as cantigas impróprias que ouvira a Bernardo no *scriptorium* e frei António prosseguiu o seu caminho procurando não consentir na piedade nem no desamor.

Um dia, o abade mandou chamar os dois noviços à sua presença e antes de falar notou neles os sinais da idade maior que vinha chegando, a fraqueza de Martinho e a alegria de Bernardo, notou sobretudo as mãos esguias e afamadas deste, cujo trabalho ouvira elogiar inúmeras vezes. Com voz severa recordou-lhes

que era tempo de tomarem ordens, a sua instrução não tardaria a ser dada por suficiente, deviam preparar o espírito para tão largo passo no caminho do Senhor. Os noviços ouviram e nada disseram pois na verdade nada lhes era permitido dizer. Nesse mesmo dia Bernardo procurou frei António e pediu-lhe, com estranha submissão, que por favor lhe fizesse uma caixa de madeira leve e fresca, para que pudesse guardar alguns materiais da sua arte que dela careciam. Frei António demorou nele o olhar que Bernardo susteve, mostrando que não se esforçava, sabendo que disso dependia o protesto da sua inocência. O monge assentiu e algumas semanas mais tarde entregou a Bernardo uma caixa de madeira escura com um forte fecho e uma pega para que a pudesse levar.

Certa noite quando faltava já pouco para o dia dos votos, Martinho não dormia torturado pelo frio e o desgosto. No catre ao lado,

Bernardo também se agitava e Martinho julgou que a alegria o abandonara e que como ele sofria pelo destino que lhes fora entregue, por isso surpreendeu-o ver que o companheiro se erguia e vestia na escuridão do dormitório. Perguntou baixinho onde ia ele e Bernardo disse-lhe devagar que não desejava ser monge. Martinho ergueu-se também e vestiu-se sem palavras fazendo contudo sinal a Bernardo que esperasse e ele esperou talvez por medo de se ver denunciado, pensava Martinho, talvez pela esperança de ser servido. Afastaram-se do convento com passo rápido, tão rápido quanto lhes permitia a noite escura e os campos cultivados gerando incansáveis seus ruídos e sombras e movimentos, todos pequenos por mais assustadores. Depois de muito tempo e de se ter ferido já nas pedras do caminho, Martinho atreveu-se a pedir uma pausa que lhe doíam os pés e não podia mais. Bernardo disse-lhe que

ficasse onde quisesse, a ele, a manhã não haveria de surpreender nos domínios dos monges de quem fugiam. Depois procurou o companheiro na escuridão da noite e lembrou-lhe rindo os castigos que era costume infligir-se aos fugitivos. Fê-lo com pormenor e crueldade, Martinho sentiu vacilar o seu amor e logo recompor-se mais forte e feroz, pediu-lhe perdão e sem demora se arrependeu. Quando a manhã chegou Bernardo deteve-se, sentou-se num rochedo e Martinho viu que nem o fôlego lhe faltava, a respiração não sofrera com a correria da noite. Pousara a arquinha de madeira sobre os joelhos e contemplava uma vila ao longe, o casario ainda adormecido. Os campos férteis ondulavam à volta do povoado e nada podia ser maior sinal de bem-aventurança. Martinho desejou o destino dos homens que ali habitavam, sabendo que a inveja lhe vinha do cansaço e de lhe estar adormecendo a consciência. Que sabia ele das

desgraças dos homens que espreitava ao abrigo da madrugada. Bernardo aninhou-se por trás de um rochedo, agarrando com determinação a mala que era o princípio da sua virtude e Martinho procurou aninhar-se também pensando em como conseguiria Bernardo manter-se quente e seco, ele nada mais podia senão navegar no desconforto do campo.

Despertaram ia o sol alto no firmamento e Martinho teve por si próprio desamor ao sentir que lhe faltava o ruído dos monges encaminhando-se para o templo e mais se desamou por sentir a fome somando-se ao frio. Porém Bernardo despertara também e erguia-se estendendo os braços e abrindo as mãos longas, sujas das tintas e do ouro que manejava para iluminar os manuscritos. Estando ele desperto tudo era suportável. Sobre o rochedo contemplava de novo o povoado distante, as criaturas que o habitavam pareciam despertar

nele peculiar curiosidade. Martinho reparou no hábito de monge que o companheiro envergava e envergonhou-se do seu, afinal nunca haviam feito votos, não deveriam mostrar-se com eles. Quando comunicou estes pensamentos a Bernardo ele riu-se e disse-lhe muitas coisas que não entendeu sobre a mentira e a verdade, sobre o mundo e o que nele se revela e oculta. Martinho a tudo disse que sim, envergonhando-se e alegrando-se por lhe estar assim Bernardo dedicando atenção e paciência. Abriu este o seu cofre e tirou de lá um pão que roubara do refeitório no dia anterior. Cozeram-no ontem, disse, enquanto o dividia e mastigava lentamente, soube assim Martinho que o dia da fuga fora escolhido com saber e vagar. Procuraram de seguida folhas secas para que lhes fosse mais suave o chão de terra durante a noite e o restante do dia passou-o Bernardo a cobrir os rochedos de imagens representando pássaros e flores,

algumas letras também. Martinho contemplava-o e auxiliava-o quando era solicitado e assim que Bernardo terminou, deixou-se tomar pelo sentimento de que o mundo estava completo, Bernardo era só seu, talvez lhe quisesse algum bem, nada que viesse da terra ou do céu os separaria.

S. Bernardo obedeceu ao anjo que lhe trouxera as ordens do Senhor. Quiseram acompanhá-lo muitos irmãos, consentiu que o seguisse apenas um e fui eu o escolhido por ser robusto e jovem e por me ter S. Bernardo especial amor. Quiseram que levasse alimentos e água e roupas, tudo recusou, pediu apenas que lhe trouxessem um cofre leve de madeira e dentro o cálice dos ofícios para que sempre o tivesse próximo e lhe desse alento para sofrer o que não deixaria de sofrer por mor da sua fé que era grande. E uma manhã clara e fria como a de hoje, caríssimos,

partimos. Caminhámos muitos dias e quando S. Bernardo se fatigava amparava-o eu que me fez Deus forte certamente para que o pudesse amparar. Com meu engenho soube sempre trazer-lhe alimento e água para que se confortasse, S. Bernardo tinha-me amor e sempre me agradecia. Pelo caminho, quando encontrávamos criaturas, S. Bernardo detinha-se e falava-lhes do Senhor. Suportámos por isso muitos tormentos, alguns nos apedrejaram, outros cuspiram-nos ou nos atiraram água suja e dejectos, do meu corpo fiz escudo para que fosse poupado meu senhor S. Bernardo do desamor dos infieis. Muitos se converteram vendo como suportávamos os desconfortos e as ofensas em nome do Senhor nosso Deus. Um dia, em terra distante, visitámos um templo no dia do Senhor, queria S. Bernardo orar e pedir perdão por pecados que não cometera, sua humildade era infinita. Como não nos conhecessem os fiéis

ingratos ignoraram a presença de S. Bernardo o eleito. Antes mesmo de começarem os ofícios ouviu-se uma voz do céu que dizia Filhos muito amados olhai o meu eleito que vos visita, nas suas mãos repousa um cofre e dentro dele o meu sangue em cálice terreno. Amai-o e venerai-o pois vos honra com a sua presença. Assim fizeram os fiéis agradecidos pela dádiva do Senhor. Quiseram tocar-lhe as vestes e amá-lo e venerá-lo, não permiti porém que se aproximassem, o corpo maltratado de meu senhor S. Bernardo teria sucumbido. Trouxeram-lhe dádivas e amorosamente lhe pediram que as aceitasse. Tudo recusou, pediu que se retirassem do templo, orou e partimos de noite enquanto todos dormiam, sua humildade era infinita. Antes de partirmos, meu senhor S. Bernardo passou pelo altar as mãos abençoadas e lá ficou o sinal da cruz escorrendo sangue e ainda lá estará para que permaneçam na fé os fiéis.

Naquela manhã, acordaram de madrugada como era hábito no convento, Martinho pensou nas orações que estariam dizendo os monges. Quando o sol despontou viram que no povoado iam os fiéis ao templo ouvir as palavras do Senhor. Bernardo passou as mãos pelo cabelo deixando nele algum desalinho e era com intenção que o fazia. Martinho repetiu o gesto e partiram ao encontro do templo onde todos estavam já entregues às orações. Permaneceram junto às portas que não se haviam fechado para que a luz pudesse entrar no edifício obscurecido. O clérigo que assistia aos ofícios, reconhecendo-lhes o hábito, saudou-os com uma leve inclinação de cabeça. Passados alguns momentos, Martinho ouviu, vinda do teto sobre o altar, uma voz que, sobrepondo-se à voz do clérigo dizia Filhos muito amados olhai o meu eleito que vos visita, nas suas mãos repousa um

cofre que lhe confiei. Amai-o e venerai-o pois vos honro com a sua presença. Enquanto todos os rostos se enchiam de temor e procuravam o eleito, Martinho receou que alguém compreendesse o logro e lembrou Bernardo exercitando com paciência a habilidade de projectar a voz sem mover os lábios. Contudo, como Bernardo bem sabia, ninguém chegou mesmo a suspeitar. Os homens fortes do campo e suas mulheres e filhos aproximaram-se fazendo à sua volta um círculo de espanto, quiseram tocar-lhe no hábito e no cofre, Bernardo conservou o rosto contraído como se o houvessem denunciado contra a sua vontade. Depois, afastando os fiéis, ajoelhou junto ao altar e fez como se rezasse, Martinho bem sabia que o não estava fazendo. Compreendeu então porque lhe permitira Bernardo que o acompanhasse, devia ser a voz do santo e, compreendendo-o, pediu às mulheres que trouxessem algum alimento, S.

Bernardo estava dele necessitado ainda que ao corpo não desse ouvidos, não era vontade do Senhor que abandonasse este mundo. Martinho surpreendeu-se ao ouvir pela sua voz a retórica do convento que julgara não ter aprendido. Agradecidos por lhes ter sido revelado o modo de venerarem o eleito do Senhor, os fiéis retiraram-se e voltaram com dádivas de comida e objetos de pouco ou muito préstimo e todo o dia falaram a Bernardo, pedindo-lhe que orasse ao Senhor pelas miudezas de que se encontravam necessitados. Quando Martinho viu Bernardo envolver com despudorado olhar o corpo de uma moça que lhe viera pedir pelos seus amores, sentiu tamanha vergonha que julgou faltarem-lhe as forças e teve vontade de partir, voltar ao convento, abandonar Bernardo aos seus grandes pecados. Foi uma breve vontade, Martinho não saberia juntar as forças precisas para deixar de seguir os passos de Bernardo.

Chegada a noite, Martinho voltou a falar pedindo aos fiéis que se retirassem da capela, era vontade do santo dedicar-se à oração por toda a noite em completa solidão. E quando todos se retiraram Bernardo voltou a ser Bernardo, arregaçando o hábito dançou e cantarolou cantigas obscenas, enquanto escolhia das dádivas o que tinha valor ou era alimento. Martinho julgou que se retirariam com rapidez, mas Bernardo explicou-lhe que as almas dos fiéis eram pequenas e lhes era devida piedade, não deviam desenganá-las e dizendo-o abriu o cofre e preparou longamente uma tinta vermelha. No altar pintou uma cruz imperfeita como se fosse desenhada a sangue fresco. Pela manhã ainda parecerá que goteja sangue, explicou Bernardo e Martinho tudo perdoou por mor daquela explicação que lhe era concedida.

Na capela que fora ermida o conto de S. Bernardo prosseguia pela voz de seu amigo de sempre, o monge Martinho que não era monge e já nada lamentava. Caminhámos muitos dias sem descanso e com pouco alimento, meu senhor S. Bernardo perdeu a formosura e a força, vi-me obrigado a levá-lo em braços algumas vezes, mas porque era do Senhor o eleito vinha ele frequentemente em seu auxílio, um breve sono lhe restaurava as forças e sempre me dizia em sua bondade que sem mim não poderia prosseguir. Foi numa vila de pedra morena circundada de vastos campos de milho verde que encontrámos um homem desgraçado. Por maldade lhe tinham cortado a garganta e ele estava morrendo, sua chaga inundando-se de sangue fumegante, parecia querer a cabeça separar-se do corpo, e assim teria sucedido se meu senhor S. Bernardo não tivesse corrido para ele e passado suas mãos abençoadas pela chaga

terrível que logo sarou, na garganta do homem desgraçado não mais havia que uma cicatriz parecendo antiga, herança talvez de agitada meninice. Quando vieram para agradecer e venerar, meu senhor S. Bernardo estendeu para os homens suas mãos abençoadas e eles logo se detiveram e nós partimos pois a humildade de S. Bernardo era infinita. Depois daquele dia não mais deixou o Senhor de operar milagres por intermédio do santo meu companheiro. Pôs-nos Deus no caminho um rio de águas verdes e abundantes e velozes, não avistámos contudo ponte ou barca que nos permitisse atravessá-lo, se tentássemos passar a nado, levar-nos-ia a corrente, morreríamos de morte aflita. Vimos por fim alguns homens que vinham com armas para nos expulsar das terras de seu senhor. Encomendando a minha alma aos céus, dispus-me a entregar-lhes o meu corpo para que se salvasse S. Bernardo. Quando estavam já perto

de nós, os homens estacaram contudo tomados de horror e do rio não tiravam os olhos. Voltei-me para ver o que temiam e vi que caminhava sobre as águas meu senhor S. Bernardo, pus por terra os joelhos e dei graças a Deus e o mesmo fizeram os homens que vinham por mal e ao rio atiraram as suas armas. Do outro lado acenou-me para que fosse ter com ele e da sua virtude não duvidei, pisando a superfície do rio atravessei também, jamais me abandonaria meu senhor S. Bernardo que servi toda a vida e voltaria a servir se à terra fosse devolvido. Mas não só em senhorio de infiéis fazia o santo milagres, também junto aos seus fiéis agiu o Senhor através de S. Bernardo para que fossem confortados. Chegámos numa tarde de Outono a um povoado todo construído em volta do templo que era a casa maior, ainda que pobre pois a terra cansada havia deixado de ser generosa. Quando entrámos no templo não havia nele viva alma, não

contando que Deus em todos os seus templos sempre permanece. Meu senhor ajoelhou no chão frio de pedra e resistindo ao cansaço de tantos caminhos orou com tal fervor que lhe vi lágrimas abundantes em ambas as faces. Ajoelhei também e ao seu lado orei entregando o meu cansaço ao Senhor que mo aliviasse para que pudesse continuar servindo o seu eleito no mundo. Enquanto assim estávamos conversando com Deus foi-se o templo enchendo das gentes que ao fim do dia vinham ouvir a palavra do Senhor. Veio também o clérigo e preparava-se já para começar os ofícios quando S. Bernardo se levantou sangrando dos joelhos cortados pelas lajes do templo e todos o seguiram com os olhos pois não o conheciam e estranharam que assim se levantasse quando estavam para começar os ofícios. O santo aproximou-se da parede de pedra do templo e soprando sobre ela representou a imagem do Senhor tomando piedosamente o seu

último alimento. Vendo o milagre, os fiéis e o clérigo ajoelharam, levantando os braços ao céu ou tomando uma ponta do hábito do santo milagreiro.

O diabo, sabendo da fé de S. Bernardo, quis um dia atentá-lo, forçá-lo a deixar o caminho da virtude, conquistá-lo para as trevas que são o seu reino mesquinho. Pôs no nosso caminho, perto de um rio, uma mulher de formas generosas e provocadoras, tinha a alegria que só as criaturas do demónio alcançam e de suas vestes se despiu para melhor atentar o eleito do Senhor. Os seus olhos brilhavam por mor da luz com que a vestia o inimigo para que parecesse formosa, apesar da maldade que havia em seu corpo e da podridão que havia em seu espírito de mau odor. Depois de se ter despojado, a criatura introduziu-se no rio e logo vi que era pertença do diabo quem assim não sentia o frio da água, seus cabelos horrendos não obedeciam ao vento. Meu pobre

senhor S. Bernardo parecia não querer deixar de a olhar, vi que lhe tremiam as mãos quando as estendeu para ela e julguei que o vencera o demónio quando vi que caminhava para o rio encadeado pela mulher de que se serviam as trevas para o fazer cair. E teria caído, não tivesse eu compreendido que à terra viera o senhor do inferno. Segurei-o fortemente pelos ombros enquanto na água se banhava, observando-nos e rindo, a mulher que meu senhor estava desejando para perigo da sua alma bendita. Fez-me o Senhor forte em minha juventude certamente para que o demónio fosse impedido de levar o mensageiro de Deus na terra. Ordenou-me S. Bernardo que o deixasse ir, implorou e deixou que avançasse o prato para que me doesse dele, todavia mantive-me firme e dou por isso graças ao Senhor, pois num breve momento a mulher no rio mostrou-se como realmente era, negra, fumegante e mal cheirosa, tinha cornos e nas

mãos só dois grandes dedos disformes. Vimo-la contorcer-se por não ter ganho S. Bernardo para o pecado e urlar com voz grossa e horrenda, estendia para nós as unhas como garras e os olhos incandescentes não nos abandonavam. Da boca cresceram-lhe grandes dentes e meu senhor quis desviar dela o olhar, mas obriguei-o a ver para que não esquecesse a figura do inimigo sobre a terra e não voltasse a cair. Por fim a criatura em labaredas se consumiu e não restou mais do que um fumo negro que o sol renascente dissipou, o eleito do Senhor que eu segurava em meus braços fortes caiu por terra e deu-me graças porque o livrara de grande mal.

A Martinho doía sempre esta parte do conto, por vezes desejava celebrar Margarida de modo mais benigno, as mais das vezes julgava-a merecedora de assim lhe atraiçoar a memória. Perguntava-se agora onde estaria Margarida e não soube se desejava que vivesse ou se preferia

ser na terra o único a lembrar Bernardo com amor.

Caminhámos muitos dias sob calor intenso, castigava-nos o Senhor pela tentação de S. Bernardo em que teria caído não estivesse eu presente, chegámos por fim a uma terra estéril, as gentes que ali habitavam desesperavam já, o calor do vento deixara a terra ressequida, nela a parca chuva apenas abria grandes gretas onde por vezes caíam homens cujos gritos se ouviam por longo tempo, antes de os engolirem as entranhas do mundo. Os mais fortes procuravam ainda arar e semear a terra enquanto outros rogavam ao Senhor que os salvasse da fome a que os condenava a natureza, suas preces ouviam-se de longe vindas do templo iluminado pelas últimas velas. Ninguém sabia explicar porque se tornara a terra estéril, mas tal pouco importava aos homens que nela viviam, não reconheciam a mão do Senhor no castigo que certamente haviam

merecido. Da sua imensa piedade enviou Deus o eleito àquelas gentes que em breve perderiam a fé por mor do muito sofrimento que os dominava. Junto ao templo, S. Bernardo chamou pelos homens e mulheres dizendo-lhes que viessem reforçar a sua fé junto dele que conhecia a face de Deus. Nas mãos tinha um pano que lhe dera em puridade o Senhor pois não consegui lembrar-me de o ter visto noutra lugar, ou de lhe ter sido dado por criatura que olhos mortais pudessem ver. Quando todo o povo estava já em volta dele, sob o sol quente do meio-dia que a todos cansava só por respirarem, S. Bernardo mostrou-lhes o alvo pano, mais alvo que as madrugadas de Primavera, mais ainda que o leite quente que dão as vacas sadias. Quando o estendeu ao sol viram todos os presentes e eu antes de todos os outros que nele se afigurara por intervenção de Deus nosso Senhor, o Cristo sofredor que ele fora em terra de homens

ingratos. As pessoas que se haviam juntado em volta de S. Bernardo, o eleito do Senhor, contudo, nem mesmo sorriram com seus lábios gretados pela dádiva que lhes enviava o Senhor, antes quiseram agredir o eleito de Deus, cuspiram-lhe e despiram-no para que se envergonhasse, disseram-lhe que era inútil o milagre e que portanto não viria de Deus, chamaram-lhe demónio, rasgaram o alvo pano onde chorava ensanguentado pelos espinhos o redentor, tal como S. Bernardo junto ao templo naquele meio-dia de muito calor.

Como lamentava Martinho que assim não tivesse sido, daria da sua vida um bom pedaço para que lhes tivessem querido mal os fiéis de alguma terra. Depois daquele dia em que abandonaram o povoado do primeiro logro, muitos se seguiram e quando acabaram os alimentos Bernardo voltou a procurar um templo e seus fiéis, prontos a

receberem como sinais do Senhor as maravilhas que ele lhes concedia. Em certa aldeia de pedra morena pintara no pescoço de Martinho uma chaga tão horrenda que parecia querer separar-se a cabeça do corpo e fizera acreditar a todos quantos haviam acorrido para o socorrer que o curava de todo o mal passando as mãos milagrosas sobre a ferida e dando graças ao Senhor pelas virtudes que dele recebera. Aos homens e mulheres que depois vieram para o venerar abriu os braços e deixou que lhe acariciassem as mãos brancas e esguias, sujas porém da tinta que todos tomaram por sangue alheio. Outra vez, tendo encontrado no seu caminho um rio de águas tranquilas e verdes, medira-lhe Bernardo a profundidade e construíra com dois paus umas grandes pernas sobre as quais passou a andar muito naturalmente depois de grande esforço. Pintou então os paus de um verde igual ao verde da água do rio, de tal modo

que quando passaram alguns homens e mulheres para o trabalho do campo julgaram vê-lo caminhar sobre as águas. Os enganos a que se dedicava Bernardo foram-se tornando cada vez mais elaborados e raramente se repetiam. A este propósito dizia muitas vezes a Martinho como era importante trabalhar para merecer o sustento diário, não admitia desonestidades a esse respeito, desprezava todos aqueles que pediam esmola e nada sabiam dar em troca senão inúteis preces. Bernardo orgulhava-se de vender maravilhas aos fiéis do Senhor e chegou mesmo a tomá-lo como uma missão. Martinho sentia vergonha ao pensar que tudo eram enganos dos mais desonestos, amava Bernardo e desejava seguir-lhe os passos até ao pensamento. Por vezes a preparação das maravilhas que operava Bernardo sem a ajuda do Senhor demorava vários dias ou semanas. Certa manhã chegaram a uma praia de tão fina e clara areia que cada grão

quase não se via. Bernardo dedicou-se à moagem dessa areia e misturando-a com um preparado que transportava no seu cofre conseguiu mesmo torná-la quase invisível. Depois assaltou de noite o templo de uma aldeia pequena e representou o Senhor ceando por última vez numa parede. Nessa mesma noite cobriu-o com o preparado ao qual juntara uma tinta da cor da rocha. No dia seguinte, durante os ofícios quando soprou sobre a parede dispersando a areia, parecia que com o seu sopro estava pintando a figura do Senhor piedosamente tomando o seu último alimento. Martinho nunca vira espanto maior entre os fiéis e o rosto de Bernardo nunca o vira transformar-se assim de júbilo. Enquanto os fiéis erguiam as mãos postas e as faces convulsas para o céu imenso do Senhor todo-poderoso, Bernardo inclinou-se para Martinho e sussurrou-lhe É justo que acreditemos também. E não fora a solenidade da ocasião, Bernardo ter-se-ia

abandonado ao gargalhar que Martinho tanto amava.

Chegaram certa tarde varrida pela inquietação de um vento quente a um moinho que a água de um pequeno rio fazia mover. Deram os dois volta ao moinho procurando sinais de nele trabalhar gente. Encontraram-nos, mas não se via viva alma. Bernardo deteve-se um pouco a contemplar o rio que passava e depois, num repente que pretendeu assustar Martinho, arregaçou o hábito e correu para a água, chapinhando e rindo, esquecido de seus enganos, atirando água a Martinho para o arreliar, vendo-o afastar-se protestando com meiguice. Bernardo tirou por fim o hábito de monge que não lhe pertencia e introduziu-se completamente na água, dando-lhe grandes palmadas para a ver voar em salpicos, gritou também pelo frio do riacho que o vento quente animava, mergulhou sustendo a respiração para que se assustasse Martinho e se aproximasse e

assim o pudesse molhar. Margarida, a moleira, chegou nesse preciso momento. Tinha o corpo bem feito e roliço e os olhos pequenos eram encimados por grossas sobranceiras negras. As mãos grandes agitavam-se constantemente, Margarida andava com majestade e vagar, ria como os regatos sobre as rochas e tratava o mundo como se este não lhe apresentasse mistérios. Martinho não a viu chegar, absorto como estava na contemplação de Bernardo rindo e batendo na água que o desequilibrava sobre os seixos redondos e os limos viscosos. Margarida ficou também contemplando Bernardo que a viu e nem mesmo saudou tomando-a como parte da paisagem de árvores e céu e pedra. Antes mesmo de Martinho se dar conta da sua presença, a moleira tirou o vestido entre nuvens de farinha e depois introduziu-se na água, sua única ajuda na faina do moinho. Bernardo recebeu-a sem surpresa e Martinho indignou-se. As suas mãos

quase inúteis torceram as pontas do hábito de monge, enquanto Margarida e Bernardo se banhavam um ao outro, rindo como se se conhecessem e só o vento quente do verão incipiente testemunhasse a estranha intimidade. Nessa noite junto ao fogo da cozinha do moinho, Margarida ouviu Bernardo contar-lhe todos os enganos que forjara e no coração de Martinho a vergonha tornava-o rosado e o hábito pesava-lhe e pensava como podia Bernardo, como podia. Margarida ouvia sem espanto ou indignação, rindo quando ria Bernardo, dizendo que sim quando era interrogada, no modo de olhar tinha sempre a complacência com que se finge serem verdadeiras as histórias que contam os meninos. Ela foi depois sentar-se junto dele e poisou-lhe as mãos nos pés e acariciou-lhe o tornozelo nu e ele olhou-a sem surpresa rindo como ditava a sua natureza. Quando ele foi repetindo todos os gestos dela, Martinho abandonou o moinho,

protegendo com as mãos os ouvidos para não ouvir o amor de Margarida e Bernardo que era maior que todos os segredos que haviam construído Martinho e seu companheiro tocado ou não pela mão do Senhor. Toda a noite permaneceu ao relento entregue ao vento quente que não se acalmara com a noite e que não acalmara a fúria e o desgosto que tinha Martinho contra o mundo. Quando o sol nasceu o moço entrou no moinho e encontrou-os junto ao fogo extinto, o cheiro dos seus corpos e do fumo tomando o moinho que para outro fim fora construído. Tornou a sair e esfolou as mãos e os pés batendo nas árvores e nos seixos que haviam sem culpa testemunhado a infâmia a que se entregara Bernardo, quase monge, quase eleito, quase amante, tão amado. Margarida ainda o viu assim maltratando-se quando saiu para preparar a faina e compreendendo ou não veio abraçá-lo por trás, sossegar-lhe o espírito em tão evidente

desespero. Martinho entregou-se ao amplexo como se entregaria aos braços de Deus ou de uma qualquer mãe, não perdoou contudo a mulher que assim o socorria, na verdade, nunca perdoaria. Margarida alimentou-os alguns dias e enquanto Martinho se mantinha distante, Bernardo procurava ajudá-la no moinho mas nunca tardava muito antes de se cobrir de farinha e cobri-la a ela e provocá-la para o amor a que ela acedia por vezes e por vezes não, quando apertava o trabalho. Martinho aproximava-se frequentemente de Bernardo para lhe repetir aquilo que dele ouvira sobre a necessidade de ganhar o seu próprio alimento. Bernardo imitava-o exagerando os seus modos de pedinte, fingia submeter-se para mais humilhar seu companheiro, ria depois dizendo-lhe que partisse quando quisesse se não estava bem. Numa manhã Martinho viu que Bernardo e Margarida se beijavam e parecia que se despediam e

alegrou-se pensando que enfim partiriam para longe do moinho e de Margarida e seus feitiços. Bernardo trazia o baú que trouxera do convento, frei António ainda estaria lamentando tê-lo feito, tudo parecia enfim voltar ao normal. Caminharam dois dias sem descanso até encontrarem uma vila que agradou a Bernardo por suas duas capelas e seu povo entristecido devido à terra que era estéril e quase não lhes permitia a subsistência. Já lhes falta a fé, mas aos sinais do Senhor estão prontos a vergar. Entregarão tudo o que possuem por qualquer pequeno engano que lhes devolva a alegria. Miseráveis criaturas incapazes, dizia Bernardo, o falso monge. Martinho, esquecido da vergonha, alegrou-se pensando que tudo estava bem. Era o dia do Senhor e estava muita gente em volta da capela jogando e conversando e comendo, alguns, o magro alimento que a terra lhes concedia. Bernardo tirou do baú um pano que

Martinho vira no moinho de Margarida. Estava dobrado em quatro partes e Martinho tomou-o e desdobrou-o e nada viu, mas o seu companheiro tirava-lho já das mãos, insultando-o com crueldade. Voltou a dobrá-lo cuidadosamente e explicou sorrindo de novo que a luz anteciparia o que fizera para os fiéis. Escondeu depois o baú debaixo das raízes expostas de uma árvore e os dois avançaram para as gentes que olharam surpresas os monges e silenciaram à sua chegada. Bernardo mostrou-lhes então o pano dobrado e disse-lhes É o Senhor que me envia para que vos console. E depois abriu o pano devagarinho e deixou que o sol o iluminasse e revelasse o que nele se escondia, a imagem de um Cristo sofredor, coroadado de feros espinhos, gotejando o sangue redentor.

À vergonha de Martinho sobrepôs-se pela primeira vez a alegria de ver tudo restaurado, o tempo com Margarida não fora senão o tempo de

preparar novo logro, não tivera outra importância. E foi com eloquência que sugeriu as dádivas que recompensariam o trabalho de Bernardo e a dor de Martinho, de novo juntos em íntimo segredo. Não voltariam ao moinho, não voltariam ao moinho e enquanto Martinho pensava adivinhar os próximos passos de Bernardo, os fiéis entregavam haveres e alimentos em sinal de veneração. Recebeu-os Martinho pois orava Bernardo contemplado e amado pelos fiéis do Senhor, fiéis também a qualquer seu enviado, nada mais esperavam, por vezes desesperando apenas. Partiram por fim os monges deixando a aldeia adormecida e bem-aventurada. Martinho não se deu logo conta de que tomavam o caminho do moinho e Margarida, mas quando reconheceu os campos do regresso estacou, deitou por terra todas as dádivas, agarrou Bernardo pelos ombros e quando este se defendia já, atirou-o ao chão e feriu-o no rosto e

onde podiam alcançar os seus pés e mãos e joelhos, Bernardo sufocando sob o peso de Martinho, sabendo enfim que defender-se seria a pior defesa. Martinho prosseguiu até lhe faltarem as forças pontapeando e socando o seu amigo tão amado. Esgotados ambos, Martinho lavou com as suas próprias lágrimas as feridas abertas de Bernardo e depois abandonou o corpo maltratado do falso monge. Volta, eu não posso mais seguir-te, falso eleito falso monge falso amante falso falso. Queria Martinho que o socorresse a retórica do convento que afinal não aprendera para dizer a Bernardo o seu amor com palavras de desamor. Bernardo pôde por fim erguer-se agradecendo-lhe com soberba as feridas e as mágoas e também o abandono. Quando disse Margarida espera-me, não foi para se desculpar nem mesmo para agredir, foi por desfastio, mostrando que a sua defesa era a sua alegria e o remorso não fazia parte da natureza abençoada

que lhe concedera o Senhor. Julgas que engano os homens e mulheres que me dedicam amor e veneração e na verdade não é assim. Não me deu Deus o génio das mãos e do pensamento? Contra Deus agiria se os não usasse. Não levo eu a felicidade e a esperança aos fiéis seguidores do Senhor? Não o quisesse Deus e não o permitiria. Se posso tudo o que faço não é evidente que me quer Deus mais que às mesquinhas criaturas sem préstimo que em mim acreditam? Foi Deus que fez o mundo, eu não faço mais que reconhecê-lo e cumprir o que me foi destinado. Assim falou Bernardo e no que dizia havia verdade, mas nada entendera dos atos de Martinho seu seguidor o qual não amava, como a ninguém entre o céu e a terra. Disse à moleira toda a verdade e ela não me condena por mor de um amor que não pedi, enquanto me servir permanecerei e depois partirei. Bernardo afastou-se cambaleante seguindo o caminho do moinho, ficou Martinho

mais ferido do que quem ferira, amaldiçoando a sua fraqueza que à de uma mulher comparou envergonhando-se uma vez mais. Abandonou-se aos campos sofrendo com alegria o frio que nunca aprendera a suportar, esperou em vão que o sofrimento do corpo pudesse aplacar o padecimento do espírito. Pela manhã Martinho caminhou na direção do moinho, que outro destino poderia seguir. Escondeu-se onde pudesse ver e não ser visto, pensou no *scriptorium* do convento onde agira de igual modo sempre em nome do mesmo amor, presenciou por muitos dias a convalescença de Bernardo e o amor e trabalhos de Margarida. Por longos dias não procurou alimentos sofrendo amorosamente a fome, o mesmo faria Margarida muito tempo depois e ainda não o sabia. À noite ia banhar-se no rio procurando mais o tormento do frio que a limpeza da água. Foi assim que souberam Bernardo e Margarida da sua presença,

quis ela procurá-lo, levar-lhe algum alimento, disse-lhe Bernardo indiferente que o fizesse se quisesse tornar maior o sofrimento de Martinho. Espiou-os este nos amores, espizou Bernardo pintando sobre as pedras do moinho e sobre os seixos do rio e sobre as árvores, em tudo queria o moço deixar o sinal do seu génio que não desejava esquecido. E foi enquanto espizava enfraquecido pelo jejum e pelas raízes amargas que por vezes mastigava que viu Margarida junto ao rio verter o conteúdo das suas entranhas. Apesar da malquerença, Martinho amava-a por amar Bernardo não sendo por ele amada e por isso consentiu-se o impulso de ir em seu auxílio. A Margarida doeu o corpo magro de Martinho, o seu rosto exangue e gretado, os cabelos crescidos, procurou-lhe as mãos sem forças e apertou-as querendo dizer muito num olhar demasiado compadecido. Sabe Bernardo que esperas? Sabe mas não por mim. Partirá. Bem

sei, mas também permanecerá e não lhe quero mal. Sorria Margarida enquanto se preparavam as suas entranhas para de novo se manifestarem. Poderias segui-lo. Seria preciso que me amasse e se me amasse não lhe teria eu amor. Martinho notou o ruído que fazia o moinho de Margarida, mais para distrair os sentidos que por ter alguma vez cessado o moinho de o produzir. Entrou ela e trouxe sem demora um pote com leite e pão fresco e escuro que sabia fazer, dizendo Deves preparar-te para a partida. Compreendeu Martinho a promessa e desejou poder amar Margarida sem mágoa. Tomou o leite e o pão naquele e nos dias que se seguiram até que as forças lhe voltaram mais pelo desejo que delas tinha que pelos alimentos que recebia de Margarida. Do seu esconderijo viu-a um dia partir e soube que se despedia, não o soube Bernardo, que também se despedia. Estaria já chegando Margarida com sua farinha ao povoado

próximo quando Bernardo saiu do moinho, seu hábito de monge perfumado por artes de mulher, seu cofre nas mãos esguias e sujas de tinta. Não olhou o moinho ou o rio, procurou apenas o caminho que o afastaria para sempre. Martinho seguiu-o com seu hábito sujo e ressequido pelo sol e pela água accidental, nenhuma mulher o havia ainda amado. Manteve-se primeiro distante, depois aproximou-se, depois Bernardo falou-lhe como se nunca o tivesse abandonado e Martinho alegrou-se porque tudo se transformara e também permanecera. Caminharam pelos bosques muito tempo evitando as povoações como segredos dolorosos. Bernardo exercitava a sua arte nas rochas e nas árvores, e o seu engenho permitia-lhes alcançar alguma caça com que se alimentavam. Pernoitaram algumas vezes em conventos isolados onde Martinho repetia com contrafeita alegria os ritos religiosos, as

palavras de louvor a Deus. Bernardo tudo fingia e depois de tudo se ria.

Na capelinha do bosque, o conto prosseguia. Certo dia do Senhor, procurávamos um templo onde pudéssemos assistir aos ofícios, vimos ainda ao longe um povoado de pedras morenas e aproximámo-nos temendo a ira de quem nos desconhecesse, mas nada nos aconteceu, estávamos em terra de irmãos na fé. Entrámos no templo obscurecido que cheirava a velas e a rosas, e tomámos nosso lugar modesto esperando o clérigo que não tardaria pois estava já cheio o templo do Senhor. Em certo momento ouvimos calarem-se todos os murmúrios e os risos, todo o ruído que faz a gente quando espera. Olhavam as pessoas para a porta do templo e mesmo os gestos se imobilizaram, para lá dirigimos também os olhos por humana fraqueza. Junto ao portal onde se misturam a luz e as trevas dos

templos vimos que descera um anjo e não podia ser por outra coisa senão para conversar com S. Bernardo, meu senhor. Assim compreendi a presença de tal aparição, tão formosa que ninguém poderia dizer por mais palavras que em tão árdua tarefa empregasse. Não minto se disser que era mais formosa que todas as coisas formosas que em vossa vida vistes, todas juntas sofreriam de palidez perto da criatura que contemplávamos diante de nós. Antes mesmo que pudesse com S. Bernardo manter conversação, as crianças e mulheres rodearam-no e quiseram tocar-lhe e começaram a fazer grande alarido, o anjo estendia para nós os braços e dizia palavras que não podíamos ouvir, tinha no rosto tanto susto que tivemos pena dele, pobre anjo acossado. Por fim, vendo que não nos poderia falar, vimo-lo apagar-se na luz, as crianças não tinham nas mãos mais do que um pó brilhante que julgavam ser vestes ou corpo de anjo.

Quando lho permitiram as gentes ignorantes, S. Bernardo correu para fora do templo na tentativa vã de com o anjo falar, porém não mais se viu a criatura do céu e o eleito do Senhor na terra correu léguas chorando pelo anjo, temendo que consigo tivesse vindo tratar de assuntos importantes para a alma dos mortais. Esgotado pelo esforço chegou certo dia de chuva a este lugar e quis Deus que fosse levado para junto de si, não sem antes deixar nesta capela o sinal do seu acolhimento nos céus. Chorava ainda pelo anjo do Senhor quando por milagre escorreu das suas mãos abençoadas a imagem da criatura que, vinda do céu, não lhe pudera falar, foi com sangue que a fez, não deveis esquecê-lo. Levou então o Senhor a sua alma e na terra não ficou mais que o corpo sem préstimo que alguns de entre vós ainda puderam ver, debaixo da chuva que eram lágrimas vertidas por Deus, apiedando-se de seu servidor e filho muito amado.

Longe já do moinho e de Margarida, Martinho viu Bernardo contemplar uma aldeia distante e branca rodeada de montes todos agrestes, fora um que se mostrava cultivado de oliveiras e onde a água devia abundar, a julgar pela vegetação viçosa e selvagem por entre as árvores jovens. Bernardo poisou os olhos no templo de pedra e demorou-se, Martinho adivinhou-lhe o pensamento e apertou os punhos disposto a aceitar que tudo recomeçasse. Dirigiram-se para o templo que se abria sombrio e escuro para receber os fiéis. Por ter ficado o cofre esquecido, Martinho soube que se repetiria o milagre da voz do céu, seguiu Bernardo preparando interiormente a retórica que haveria de obter dos fiéis o amor, a veneração e as dádivas ao eleito do Senhor. Havia já muitas mulheres e crianças esperando dentro do templo, alguns homens também, tagarelavam enquanto esperavam a

chegada do clérigo que haveria de vir demasiado tarde. Os falsos monges atraíram um pouco as atenções por não serem conhecidos, mas por aquelas terras passavam muitas vezes monges peregrinos e depressa foi deles desviada a atenção das gentes. Tomaram um lugar discreto que servia os propósitos de Bernardo e recolheram-se em pretensas orações. Sem demora se deram conta do silêncio abatendo-se sobre o templo e voltaram-se devagar para que não fosse demasiado evidente que afinal não se haviam alheado. À entrada do templo estava uma moça de rara formosura, a luz que por trás a iluminava descobria a figura grácil do seu corpo e, como se o forçasse o peso todo do mundo, Bernardo ajoelhou abandonando por terra as mãos sujas de tinta. À sua volta murmurava-se o nome de Matilde e outras palavras que não ouviu. Quando todos correram para Matilde e a quiseram tocar, Bernardo permaneceu por terra

abandonando o queixo aos tremores do medo e do espanto e do amor contrafeito, aquela criatura levaria-a Deus ali só para lha mostrar. Ela nada fizera, nada dissera e todavia reconhecia-se nela a mão do Senhor, era como os lírios do campo, Bernardo julgou que não mentiam afinal os monges quando dos santos e santas contavam a vida. Não lhe fora necessário operar milagres ou fingi-los, o sopro de Deus habitava nela com dolorosa evidência. Diante de Matilde, a Bernardo parecia agora claro que caminhava por vezes Deus sobre a terra entre os homens que criara, nem todos à sua semelhança. Quando os pais de Matilde lhe defenderam a saída, Bernardo permaneceu ainda recuperando um pouco a razão, indignando-se por não ser o único a reconhecer a mão de Deus que certamente o amava entre todas as criaturas. Martinho assustou-se com a palidez de Bernardo, julgou que o abandonariam os sentidos e mais julgou

que se indignava por assim lhe terem roubado o amor e veneração dos fiéis. Mas o moço cuidava em outra coisa e erguendo-se com fúria atacou os homens que defendiam o portal do templo e venceu-os e perseguiu Matilde até ao monte das oliveiras cheias de viço. Viu que se refugiava nos braços de outra mulher e depois nada mais viu porque o abandonou o corpo. Os homens da aldeia foram depositá-lo junto ao templo e voltaram à guarda do monte das oliveiras que em breve seria para sempre abandonado. Martinho cuidou que Bernardo não desistiria de sua perseguição e enquanto procurava reanimá-lo pensava que vira ele naquela moça, como podia assim o seu companheiro iluminado vergar mesquinamente por mor de uma criatura não mais que formosa. Martinho cuidou que por razões que não lograva alcançar se arrependera Bernardo dos seus pecados, e não soube se se alegrava ou pelo contrário entristecia, não

saberia reconhecê-lo humilde e submisso pedindo perdão, sofrendo os suplícios de mão violenta. Mas quando Bernardo recuperou as forças e a memória do que vira, não correu para o monte das oliveiras, antes lhe virou costas e se pôs em furiosa correria, Martinho quase não pôde alcançá-lo e correram ambos por muito tempo, tropeçando e caindo e de novo recomeçando. Por fim, Martinho agarrou Bernardo pela cintura procurando forçá-lo sem lhe fazer mal, obrigou-o a repousar, vigiou-lhe o sono inquieto esperando uma resposta, esforçando-se por adivinhar o que preferia saber com certeza e não sabia. Pela manhã, Bernardo retomou a correria e Martinho seguiu-o ainda que lhe faltassem as forças, ao entardecer encontraram num bosque cerrado uma ermida abandonada e Bernardo refugiou-se nela procurando o escuro de um canto, não desejava ser visto assim sem sentir no rosto a mão do

Senhor. Martinho ofegante aproximou-se dele, agarrou-lhe com força os cabelos obrigando-o a fitá-lo, pedia uma explicação e pela primeira vez mais que pedir exigia. Bernardo manteve-se em silêncio, não lhe viu Martinho medo no rosto, nem mesmo tristeza, o que vira Bernardo apenas o deixara indefeso. Deu-me o Senhor o génio das mãos, deu-me o Senhor o génio das mãos, dizia, o olhar firmemente preso em Martinho e assim dizendo cuidava poder restaurar o mundo. Nos dias que se seguiram, Bernardo trouxe para junto da ermida toda a espécie de troncos e cascas de árvores e seixos mais ou menos lisos, abriu o seu cofre e procurou representar Matilde, terminando sempre por tudo distorcer com as mãos e recomeçar. Martinho observou-o procurando ajudá-lo, mostrar-lhe que o amava mesmo que o tivesse abandonado o génio das mãos, mesmo que não pudesse afinal representar o bafo do Senhor numa virgem de singular formosura.

Enquanto trabalhava sem descanso porém sem desespero, Bernardo murmurava palavras sem sentido outras de sentido infame que Martinho, recordando os monges do convento e entre eles frei António, procurava esquecer ou perdoar. Enganos, enganos aos mesquinhos, inúteis, pequenos homens e suas mulheres. Pequenos na alma e no corpo que a segue, fê-los Deus para que fossem enganados e se sentissem assim felizes. Mesquinhos, pequenos, inúteis, pô-los Deus no mundo e nunca mais para eles olhou. Levá-los a acreditar e depois gargalhar. Fez de mim o Senhor seu instrumento. Muitos dias depois junto à ermida amontoavam-se suportes de figuras disformes ainda incipientes, destruídas por quem assim perdera a fé e o génio que a animava. Por fim, num dia em que o céu se cobrira de nuvens negras e um pouco rosadas ameaçando tempestade, o cofre esgotou-se, não havia para Bernardo mais tintas ou preparados

para continuar tentando com sua tranquila angústia afigurar Matilde de formosura indizível. Ajoelhado junto ao baú, Bernardo abandonou sobre as pernas fletidas as mãos sujas de tinta e deixou-se ficar murmurando ainda seu arrazoado de raiva e fé perdida, a imagem de Matilde ocupando-lhe o espírito como a chuva que principiou fazendo cantar o bosque. Depois a voz era já só uma súplica Matilde Matilde. Bernardo julgou que podia o nome ser imagem de mulher ou anjo ou sopro de Deus que afinal vira só de fora. Matilde Matilde. Martinho veio abraçá-lo por trás, acariciou-lhe as mãos sujas de sangue e quando a chuva engrossou permaneceram os dois assim, um julgando que palavra podia ser pintura, outro fazendo do corpo concha para proteger ou prender ao mundo quem mais amava nele. O primeiro trovão assustou Bernardo que se libertou de Martinho e correu para a parede da ermida gritando baixinho a primeira dor da sua

vida, outras lhe tinham sido impedidas pela sua natureza que Deus fizera benigna e tendente para a alegria. Martinho viu por trás da chuva seu amigo tão amado estender os braços para a parede da ermida que era de pedra e cortava, encostar todo o corpo a ela e deslizar devagarinho até cair no chão e deixar na parede enfim a imagem de Matilde, a formosa. Martinho correu para Bernardo puxou-o para si segurou-lhe as mãos, a chuva lavava a tinta e o sangue, Bernardo estava já morto quando disse Veio o Senhor sobre a terra e não passou por mim. Martinho contemplou a figura de Matilde na parede da ermida e por fim compreendeu Como fez Deus para te reconhecer Bernardo depois de tantos pecados. Ainda não tinha a chuva cessado quando Martinho se afastou correndo em busca de um punhado de fiéis que viesse e se prostrasse. Encontrou-os não muito longe num povoado vizinho, julgaram que enlouquecera

quem os chamava em pranto para que viessem testemunhar os sinais do Senhor mas ao hábito tiveram respeito e seguiram-no e viram Bernardo aos pés de Matilde, a luz por trás tornando-a perfeita, a chuva criando um rio colorido que das mãos de Bernardo jazendo nascia. Com justiça se ajoelharam os homens diante do milagre e deram graças ao Senhor. Viu Martinho que não distinguiam a verdade da mentira e desprezou-os e mais amou Bernardo por sua lucidez.

Os fiéis haviam começado já seus folguedos no bosque junto à capela que fora ermida de milagre comprovado. Dentro ficara frei Martinho e o moço de mãos delgadas e brancas, só lhes faltava estarem sujas de tinta. O monge aproximou-se e perguntou-lhe o nome que o resto sabia já. Bernardinho respondeu Bernardinho. Dá-me novas de Margarida, pediu o frade, a imagem dela pesando-lhe no espírito junto ao rio do

moinho, suas entranhas tornando-a pálida. Minha mãe morreu já e morreu querendo. Que queres com isso significar? Um dia quando eu vinha chegando da vila estava ela junto ao rio, olhando-o passar, reparei que nunca a vira ali. Dizia sempre que a alegria a herdara de meu pai e era como se falasse de um parente, nunca parava para ver o rio passar, tinha sempre que fazer e tudo fazia assobiando como um homem. Não tinha dificuldade em encontrar sempre motivo para rir, na verdade, quando nos calhava alguma desgraça era logo o que fazia, depois punha-se a pensar ou ia dormir um pouco, julgo que também por isso a tinham por louca na vila. Mas, naquele dia, minha mãe Margarida estava vendo o rio passar e quando chamei por ela devagarinho para que não se assustasse voltou-se sorrindo, mediu-me a cara com as mãos e disse que me encontrava crescido e ficou olhando para mim como se estivesse vendo o rio passar. Nessa

noite não a vi comer à janta, sentou-se como se fosse comer e não comeu, ficou a olhar para mim e a contar-me como era o resto do mundo. Não que o tivesse conhecido mas falara-lhe dele o meu pai e nada esquecera, julgo até que pelas mesmas palavras mo contava para maior correção. Nessa noite no entanto não me falou dos engodos de meu pai, os engodos faziam-na rir. Pedi-lhe que comesse e ela fez que não ouviu. No dia que se seguiu também não a vi comer, nem no outro, nem no outro. Depois comeu e outra vez a vi olhando o rio passar. E depois durante muito tempo não comeu e eu pedi-lhe que comesse e ela fez que não ouviu. Vi-a por esses dias sentar-se junto ao fogo muito quieta, os olhos fechados, não sei como podia ela mostrar assim tanta alegria mas era como se estivesse vendo tudo o que sempre desejara ver e nunca soube que coisa fosse. Só quando a pele dela engelhou de tanta fraqueza percebi que lhe

vinha a alegria de sentir nas entranhas a falta da comida que não queria. Quando o corpo lhe implorava, comia mas logo ia ver o rio passar, quis obrigá-la a comer, mas queria-lhe bem e não podia vê-la sofrer junto ao rio. Vi-a por isso tornar-se mais forte que o corpo que lhe dera o Senhor à nascença, vi-a alegrar-se por lhe faltarem as forças, por entontecer um pouco antes de a abandonarem os sentidos, abracei-a muito quando se fez claro que a sua velha alegria era um sofrimento adiado até que me encontrasse crescido. Deixou enfim de comer por largo tempo e contudo não a abandonava a vida. Por essa altura tomou o hábito de cozinhar a carne fresca dos animais que eu lhe trazia, juntando-lhe certas ervas do campo, esfregava-a vagarosamente como se estivesse acariciando a própria dor. Aspirava de olhos fechados e por longo tempo o odor dos alimentos e sorria iluminada pelo fogo, demorava tanto quanto

podia no trabalho de cozinhar, ter as mãos sempre na carne e nas ervas perfumadas do campo trazia-lhe uma alegria que nunca decifrei. Depois fazia-me sentar à mesa e servia-me e sorria e não desviava de mim os olhos enquanto eu comia, esperando. Jamais a vi impacientar-se enquanto esperava, julguei que o Senhor a estava castigando. E eu comia para que me visse comer, nunca experimentei melhores manjares, ainda que minha mãe Margarida não soubesse já medir o tempo e me servisse a desoras. Uma tarde morna quando no rio se via já o sol perder a luz, trouxe do campo um punhado de morangos silvestres e mostrei-lhos porque sempre lhes admirara a formosura mais do que o sabor. Ela acariciou-os como se fossem animal e depois tomou um deles na mão e estendeu-o ao sol como se fosse pedra e o quisesse ver brilhar. Depois levou-o à boca e comeu-o e eu alegrei-me ainda que não fosse esse o meu dever. De novo

procurou o rio para o ver passar mas não tinha já forças para o fazer de pé, por isso caiu sobre os joelhos e depois para o lado muito devagar, procurando apoio e depois deitou-se, sempre vendo o rio passar, a cabeça sobre o braço direito. Julguei que adormecera mas não, minha mãe Margarida morreu assim e eu deitei os morangos ao rio para os ver passar.

A luz do meio-dia entrava na capela pela porta aberta e perto ouviam-se as moças bailando para que as vissem os moços e as crianças choravam ou riam e os velhos comiam seus magros repastos de festa. Martinho contemplava as mãos de Bernardinho e nada dizia, no seu espírito Margarida jogava ao amor com Bernardo. Vieste para saber de Bernardo? Não, respondeu Bernardinho, vim para falar de minha mãe Margarida a quem a conheceu, ela tudo me disse sobre meu pai e a vossa aliança, quis vir quando

soube que continuavam os engodos e adivinhei que por amor continuavam. Que sabes tu do amor, disse Martinho querendo afastar a vergonha, fazendo-se experiente. Canto, respondeu Bernardinho. Nunca falámos Bernardo e eu de ti, nem nunca pensei em como poderias ter crescido mas se tivesse pensado teria imaginado que eras moleiro ou pintor. É costume dos meninos pertencerem a seus pais. Quando minha mãe Margarida morreu, fechei muito bem as portas do moinho pensando que voltaria sabendo que não voltaria e parti para repetir os passos de meu pai pelo mundo de que me falara ela e ele através dela, não haveria outra razão para me ter falado dele até morrer. Andei muito tempo, ignorando o corpo para aplacar a dor, não me pareceu o mundo especialmente formoso mas prossegui. Uma noite procurei abrigo junto aos muros de uma casa grande, o frio fazia-me sofrer e os ruídos da noite cresciam. Na sombra de uma

árvore encontrei um homem já velho que me saudou tristemente para que não me assustasse, perguntou-me muitas coisas e pareceu-me que enquanto o fazia permanecia nele um cansaço sem remédio. Encostando a cabeça ao muro ou espreitando por cima, deixou-se ficar ouvindo-me até que perguntei que fazia ali senhor como ele. Pôs-se a olhar para mim e eu lembrei-me de minha mãe Margarida vendo o rio passar. Depois levou-me até ao portão e mostrou-me a casa grande que os muros guardavam, havia nela uma janela iluminada junto ao pátio, uma janela maior que as outras, nunca ouvi explicação para tal singularidade. Via-se uma sombra que se fazia graças a uma luz tremente e o senhor que ali encontrei contemplava-a com fatigada paixão. Esperei que quisesse explicar e ele disse-me que ali morava sua esposa que sempre amara e continuava amando. Julguei que sofresse ela de estranha doença ou deformação mas o senhor,

chamava-se Matias, riu um riso cansado e disse que não, que no mundo não havia criatura mais formosa, tão formosa que não se podia dizer, que confiasse nele pois passara toda a sua vida experimentando. Esperei que me dissesse a razão de estar ele ali e ela junto à luz tremente e pareceu-me que o ia dizer mas não disse, deixou-se ficar a olhar para as mãos envelhecidas e depois sorriu como se nada lhe custasse mais e disso se envergonhasse. Levou-me para sua casa e conservou-me com ele, cantou para mim cantigas de amor a uma senhora de tão grande formosura que não se podia dizer e eu soube de quem falava. Nunca lhe conheci o nome, explicou-me que revelá-lo seria indigno e eu, tendo embora achado singular tal costume, obedeci. Ensinou-me como se deve cantar e depois ensinou-me a tocar viola e também a ler e a escrever e outras coisas tantas que a dor de ter morrido minha mãe Margarida se foi tornando

suave. Pedia-me inúmeras vezes que cantasse para ele as cantigas que compusera e para se desculpar de o não fazer ele próprio, dizia que já se cansava muito e depois calava-se parecendo que queria mais dizer e repetia Se não as ouço morro. Acompanhava-o por vezes ao muro da casa grande e nessas idas ele quase nunca falava, ficava olhando a luz tremente e uma noite para afastar dele a tristeza perguntei-lhe se há muito ali ia e ele disse Parece que já aqui nasci. Conheci na sua casa outros poetas, aprendi muito da minha arte com eles e com quem os servia como servia eu meu senhor. Julguei que por eles poderia saber porque viviam distantes marido e mulher mas deram-me tantas explicações que de todas duvidei, nenhuma tomei por verdadeira. A tristeza de meu senhor Matias era tão grande que cheguei a julgar que um dia deixaria de comer e morreria assim por querer, mas teve Deus dele piedade, uma manhã não acordou, ainda estará

sonhando com seu amor ou com certa luz  
trememente. Parti nesse mesmo dia com a minha  
viola e fui cantando suas cantigas onde as  
queriam ouvir e muitos queriam porque as fizera  
com mestria. Ouvi um dia falar de S. Bernardo e  
pensei em minha mãe Margarida e no monge que  
seguia meu pai e o amava. Nunca pensei Hoje  
vou à procura do lugar onde veneram S.  
Bernardo, nem mesmo pensei S. Bernardo é o  
mesmo que minha mãe Margarida amou, fui  
seguindo os passos ou a memória dos peregrinos,  
cheguei aqui e estou já de partida. Queres mal a  
Bernardo? Bernardinho olhou-o com surpresa.  
Não o tendo conhecido como poderia? Talvez  
lamentos. Os desígnios do Senhor, frei Martinho,  
de que serve lamentá-los. Bernardinho  
cumprimentou então o monge pela sua oratória e  
despediu-se desejando-lhe longa vida.  
Atravessou a capela e passou por entre os fiéis e  
seus folguedos, não quis cantar para eles e frei

Martinho viu nisso um sinal de condenação. Mas não era assim, Bernardinho jamais encontraria rancores na vida, assim ditava a sua natureza. O falso monge ficou a vê-lo confundir-se com o bosque e depois folgou com seus fiéis e comeu do que traziam só para ele. O filho de S. Bernardo ouvira falar a um, que como ele ia cantando pelas terras, de uma ermida não muito longe dali onde se venerava Sta. Matilde. Dirigiu para lá os passos enquanto fazia em honra da santa uma cantiga para seu sustento. Receberam-no bem os fiéis e agradaram-se das suas cantigas, foi ficando, chamavam-lhe já Bernardinho de Sta. Matilde quando de novo se foi à procura de outras paragens.

Roma, 1991 – Lisboa, 1996

ISBN: 978-1-365-49138-2